

Arthur
Conan
Doyle



O SIGNO DOS QUATRO



CLÁSSICOS  ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Arthur Conan Doyle

O SIGNO DOS QUATRO

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



SUMÁRIO

Apresentação

- I. A ciência da dedução
- II. A exposição do caso
- III. Em busca de uma solução
- IV. A história do homem calvo
- V. A tragédia de Pondicherry Lodge
- VI. Sherlock Holmes faz uma demonstração
- VII. O episódio do barril
- VIII. Os Irregulares de Baker Street
- IX. A corrente se rompe
- X. O fim do ilhéu
- XI. O fabuloso tesouro de Agra
- XII. A estranha história de Jonathan Small

APRESENTAÇÃO

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todos os idiomas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fãs-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

O signo dos quatro foi escrito originalmente sob encomenda de J.M. Stoddart, editor da *Lippincott's Magazine*, periódico literário norte-americano da Filadélfia. Com tiragem limitada, o romance veio a público em fevereiro de 1890 e é a apresentação de Sherlock Holmes aos Estados Unidos. A história alcançou grande sucesso de público e mais tarde, naquele mesmo ano, saiu em forma de livro. Após o lançamento da primeira série das histórias de Sherlock Holmes na *Strand Magazine*, em 1891, tornou-se um best-seller.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em colocar o leitor entre seus dois grandes protagonistas, “a meio caminho”, como diz John le Carré: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto original da *Lippincott's Magazine* e mais de

vinte ilustrações, feitas por diversos ilustradores das histórias do grande detetive de Baker Street.

I. A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

SHERLOCK HOLMES PEGOU o frasco no canto do aparador da lareira e tirou a seringa hipodérmica de seu elegante estojo de marroquim. Com seus dedos longos, brancos e nervosos, ajustou a delicada agulha e arregaçou o punho esquerdo da camisa. Durante um curto tempo seus olhos repousaram pensativamente no antebraço e no punho, musculosos, pontilhados por um sem-número de picadas. Por fim, introduziu a ponta aguda, apertou o minúsculo êmbolo e recostou-se na poltrona forrada de veludo com um longo suspiro de satisfação.

Três vezes por dia, durante muitos meses, eu havia testemunhado essa cena, mas o costume não me levava a aceitá-la. Ao contrário, a cada dia eu ficava mais irritado àquela visão, e à noite minha consciência pesava diante da ideia de que me faltara coragem para protestar. Muitas e muitas vezes eu prometera que daria vazão aos meus sentimentos sobre o assunto; mas havia um não sei quê no ar sereno, indiferente de meu companheiro que fazia dele o último homem com quem uma pessoa gostaria de tomar algo parecido com liberdade. Seus grandes talentos, suas maneiras primorosas e minha experiência com suas muitas qualidades extraordinárias, tudo isso me deixava acanhado e hesitante em interferir em sua vida.

Naquela tarde, no entanto, fosse por causa do Beaune que eu tomara no almoço ou da exasperação adicional produzida pela extrema deliberação de suas maneiras, senti de repente que não podia mais me conter.

“O que é hoje”, perguntei, “morfina ou cocaína?”

Ele levantou os olhos languidamente do velho volume em caracteres góticos que abria.

“É cocaína”, disse, “uma solução a sete por cento. Gostaria de experimentar?”

“Em absoluto”, respondi bruscamente. “Minha constituição ainda não se recuperou da campanha afegã. Não posso me permitir impor-lhe nenhum

esforço extra.”

Ele sorriu da minha veemência. “Talvez você tenha razão, Watson”, disse. “Suponho que a influência física dela seja má. Considero-a, contudo, tão transcendentalmente estimulante e aclaradora para a mente que não dou muita importância a seus efeitos secundários.”

“Mas pense!” disse eu, seriamente. “Avalie o custo! Seu cérebro pode, como você diz, ser estimulado e acelerado, mas trata-se de um processo patológico e mórbido, que envolve maior alteração dos tecidos e pode levar no mínimo a uma debilidade permanente. Você conhece, também, a reação de melancolia que lhe sobrevém. Certamente não vale a pena. Por que deveria você, por um mero prazer efêmero, se arriscar a perder aqueles imensos talentos de que foi dotado? Lembre-se de que falo não apenas como um companheiro para outro, mas como um médico para alguém por cuja constituição é em certa medida responsável.”

Ele não pareceu ofendido. Ao contrário, uniu as pontas dos dedos e apoiou os cotovelos nos braços de sua cadeira, como alguém desejoso de conversar.

“Minha mente”, disse, “rebela-se contra a estagnação. Dê-me problemas, dê-me trabalho, dê-me o mais abstruso criptograma ou a mais intrincada análise, e estou em casa. Posso prescindir então de estimulantes artificiais. Mas abomino a rotina enfadonha da existência. Anseio por exaltação mental. Foi por isso que escolhi minha própria profissão, ou melhor, inventei-a, porque sou o único no mundo a exercê-la.”

“O único detetive não oficial?” perguntei, alçando as sobrancelhas.

“O único detetive consultor não oficial”, respondeu ele. “Sou o último e o mais elevado tribunal de apelação na detecção. Quando Gregson, Lestrade ou Athelney Jones estão desnorteados – o que, diga-se de passagem, é seu estado normal –, o assunto é trazido à minha consideração. Eu examino os dados, como um especialista, e pronuncio uma opinião abalizada. Não reivindico nenhum mérito nesses casos. Meu nome não aparece em nenhum jornal. O próprio trabalho, o prazer de encontrar um campo para minhas capacidades peculiares, é minha mais elevada recompensa. Mas você mesmo teve alguma experiência de meus métodos de trabalho no caso de Jefferson Hope.”

“Sim, de fato”, respondi cordialmente. “Nada me impressionou tanto em minha vida. Cheguei mesmo a corporificá-la numa pequena brochura, com o título um tanto extravagante de ‘Um estudo em vermelho’.”

Ele sacudiu a cabeça tristemente.

“Passei os olhos nela”, disse. “Honestamente, não posso parabenizá-lo. A

detecção é, ou deveria ser, uma ciência exata e deveria ser tratada da mesma maneira fria e desapaixonada. Você tentou dar-lhe um toque de romantismo, o que produz mais ou menos o mesmo efeito que se introduzisse uma história de amor ou a fuga de um casal de amantes na quinta proposição de Euclides.”

“Mas o romance estava lá”, protestei. “Eu não podia falsear os fatos.”

“Alguns fatos deveriam ser suprimidos, ou, pelo menos, um justo senso de proporção deveria ser observado em seu tratamento. O único ponto digno de menção no caso foi o curioso raciocínio analítico dos efeitos para as causas, mediante o qual consegui deslindá-lo.”

Fiquei aborrecido com essas críticas a uma obra que se destinara especialmente a agradá-lo. Confesso, também, que me senti irritado pela egolatria que parecia exigir que cada linha de meu texto fosse dedicada a seus próprios feitos especiais. Mais de uma vez durante os anos em que havia morado com ele em Baker Street, eu observara que havia uma ponta de vaidade sob as maneiras serenas e didáticas de meu amigo. Não fiz nenhum comentário, contudo, e fiquei afagando minha perna ferida. Ela fora atravessada por uma bala de jezail algum tempo antes, e, embora isso não me impedisse de caminhar, doía de maneira extenuante a cada mudança de tempo.

“Minha clientela estendeu-se recentemente ao Continente”, disse Holmes depois de algum tempo, enchendo seu velho cachimbo de raiz de urze-branca. “Fui consultado semana passada por François le Villard, que, como você provavelmente sabe, assumiu nos últimos tempos uma posição bastante elevada no serviço de detecção francês. Ele tem todo o talento celta da intuição rápida, mas é deficiente no amplo espectro de conhecimentos exatos essencial para maior desenvolvimento de sua arte. O caso dizia respeito a um testamento e possuía algumas características de interesse. Fui capaz de referir-lo a dois casos paralelos, um ocorrido em Riga em 1857, o outro em St. Louis em 1871, que lhe sugeriram a verdadeira solução. Aqui está a carta que recebi esta manhã agradecendo meu auxílio.”

Enquanto falava, jogou-me uma folha amassada de papel de carta estrangeiro. Corri os olhos por ela, percebendo uma profusão de elogios, com *magnifiques, coups de maître*^a e *tours de force* espalhados, tudo atestando a ardente admiração do francês.

“Ele fala como um aluno a seu mestre”, disse eu.

“Oh, ele valoriza excessivamente a minha ajuda”, disse Sherlock Holmes com indiferença. “Ele próprio tem consideráveis aptidões. Possui duas das

três qualidades necessárias ao detetive ideal: tem capacidade de observação e de dedução. Só é deficiente em conhecimento, e isso pode vir com o tempo. Agora está traduzindo todos os meus trabalhinhos para o francês.”

“Seus trabalhos?”

“Ah, não sabia?” exclamou, rindo. “Sim, perpetrei várias monografias. Todas tratam de assuntos técnicos. Aqui está uma, por exemplo, ‘Sobre a distinção entre as cinzas dos vários tabacos’. Nela enumero cento e quarenta formas de tabaco de charuto, cigarro e cachimbo, com pranchas coloridas ilustrando a diferença nas cinzas. Esse é um ponto que está sempre vindo à tona em julgamentos criminais, e que é por vezes de suprema importância como uma pista. Se você pode dizer com certeza, por exemplo, que um assassinato foi cometido por um homem que fumava um *lunkah* indiano, isso obviamente estreita seu campo de busca. Para o olho treinado há tanta diferença entre as cinzas pretas de um Trichinopoli e a lanugem branca de *bird’s-eye* quanto entre um repolho e uma batata.”

“Você tem um pendor extraordinário para as minúcias”, observei.

“Aprecio a importância delas. Aqui está minha monografia sobre o rastreamento de pegadas, com algumas observações sobre o uso de gesso para preservar impressões. Eis aqui também um trabalhinho curioso sobre a influência do ofício sobre a forma da mão, com linotipias das mãos de telhadores, marinheiros, cortadores de cortiça, tipógrafos, tecelões e polidores de diamantes. É uma matéria de grande interesse prático para o detetive científico – especialmente em casos de corpos não reclamados, ou na descoberta de antecedentes de criminosos. Mas eu o estou cansando com o meu *hobby*.”

“De maneira alguma”, respondi com sinceridade. “Isso é do maior interesse para mim, especialmente desde que tive a oportunidade de observar a aplicação prática que lhe dá. Mas falou há pouco de observação e dedução. Por certo uma implica a outra em certa medida.”

“Ora, só ocasionalmente”, respondeu ele, recostando-se voluptuosamente na poltrona e tirando grossos anéis azuis de seu cachimbo. “Por exemplo, a observação me mostra que você esteve na agência dos Correios de Wigmore Street esta manhã, mas a dedução me permite saber que ali passou um telegrama.”

“Certo!” disse eu. “Certo nos dois pontos! Mas confesso que não vejo como chegou a isso. Foi um impulso repentino de minha parte e não o mencionei a ninguém.”

“É a própria simplicidade”, observou ele, rindo de minha surpresa – “tão absurdamente simples que uma explicação é supérflua; mas ela pode servir para definir os limites entre a observação e a dedução. A observação me diz que você tem um pouco de barro avermelhado preso no peito do pé. Bem na frente dos Correios de Wigmore Street eles removeram o calçamento e escavaram alguma terra, que se espalhou de tal maneira que é difícil não pisar nela ao entrar. A terra é desse matiz avermelhado peculiar que, pelo que sei, não é encontrado em nenhum outro lugar nas redondezas. Tudo isso é observação. O resto é dedução.”

“Como, então, você deduziu o telegrama?”

“Ora, claro que eu sabia que você não tinha escrito uma carta, pois passei a manhã toda sentado na sua frente. Vejo também em sua escrivaninha aberta, ali, que você tem uma folha de selos e um grosso maço de cartões-postais. Nesse caso, para que haveria de ir ao correio, senão para enviar um telegrama? Elimine todos os outros fatores, e aquele que resta deve ser a verdade.”

“Neste caso, certamente é”, retruquei após pensar um pouco. “A coisa, no entanto, é, como diz, das mais simples. Você me julgaria impertinente se submetesse suas teorias a um teste mais severo?”

“Ao contrário”, respondeu ele, “isso me impediria de tomar uma segunda dose de cocaína. Ficaria encantado em examinar qualquer problema que possa me apresentar.”

“Eu o ouvi dizer que é difícil para um homem ter qualquer objeto de uso diário sem nele deixar a marca de sua individualidade, de tal modo que um observador treinado poderia lê-la. Ora, tenho aqui um relógio que veio parar em minhas mãos recentemente. Faria a gentileza de me dar uma opinião sobre o caráter ou os hábitos de seu ex-proprietário?”

Entreguei-lhe o relógio, divertindo-me um pouco em meu íntimo, pois aquele era, a meu ver, um teste impossível, e eu pretendia que servisse de lição contra o tom um tanto dogmático que ele assumia ocasionalmente. Holmes sopesou o relógio, olhou atentamente o mostrador, abriu a tampa traseira e examinou o mecanismo, primeiro a olho nu e depois com uma poderosa lente convexa. Mal consegui me impedir de sorrir diante de sua fisionomia desanimada quando ele finalmente fechou a tampa com um estalo e me devolveu o relógio.



“Holmes sopesou o relógio.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Não há quase nenhum dado”, observou. “O relógio foi limpo recentemente, o que me rouba os fatos mais sugestivos.”

“Você está certo”, respondi. “Foi limpo antes de ser enviado para mim.”

Em meu coração, acusei meu companheiro de alegar a desculpa mais esfarrapada e impotente para encobrir seu fracasso. Que dados poderia ele esperar de um relógio que não tivesse sido limpo?

“Embora insatisfatória, minha investigação não foi de todo estéril”, observou ele, fitando o teto com olhos sonhadores, embaçados. “Corrija-me se eu estiver errado, mas eu diria que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.”

“Isso você deduziu, sem dúvida, das iniciais H.W. nas costas?”

“Exatamente. O W. sugere seu próprio nome. O relógio data de quase cinquenta anos atrás, e as iniciais são tão antigas quanto ele: portanto foi fabricado para a geração passada. Joias geralmente são legadas para o filho mais velho, e era muito provável que ele tivesse o mesmo nome que o pai. Seu pai, se bem me recordo, faleceu há muitos anos. Ele estava, portanto, nas mãos de seu irmão mais velho.”

“Até agora, certo”, disse eu. “Mais alguma coisa?”

“Ele era um homem de hábitos desmazelados... muito desmazelado e descuidado. Foi deixado com boas perspectivas, mas jogou fora suas

oportunidades, viveu algum tempo na pobreza com breves e ocasionais intervalos de prosperidade, e finalmente, entregando-se à bebida, morreu. Não consigo deduzir mais nada.”

Saltei da cadeira e coxeei impacientemente pela sala, com considerável amargura no coração.

“Isso é indigno de você, Holmes”, disse. “Eu não teria acreditado que desceria a isso. Fez indagações sobre a história de meu pobre irmão e agora finge deduzir esse conhecimento de uma maneira fantasiosa. Não pode esperar que eu acredite que decifrou tudo isso nesse relógio velho! Isso é cruel e, para falar francamente, beira o charlatanismo.”

“Meu caro doutor”, disse ele afavelmente, “peço que aceite minhas desculpas. Vendo o assunto como um problema abstrato, esqueci-me do quanto poderia ser pessoal e penoso para você. Eu lhe asseguro, no entanto, que nunca soube sequer que teve um irmão até que me entregou o relógio.”

“Então por força de que prodígios se inteirou desses fatos? Eles são absolutamente corretos em todos os detalhes.”

“Ah, foi sorte. Eu poderia apenas dizer que foi o saldo das probabilidades. Não esperava de maneira alguma ser tão preciso.”

“Mas não foi pura adivinhação?”

“Não, não; eu nunca adivinho. É um hábito indecoroso – destrutivo das faculdades lógicas. O que lhe parece estranho só o é porque você não acompanha meu encadeamento de ideias ou observa os pequenos fatos de que grandes inferências podem depender. Por exemplo, comecei dizendo que seu irmão era descuidado. Observando a parte de baixo da caixa do relógio, note que está não só amassada em dois lugares, como toda arranhada e marcada em decorrência do hábito de guardar outros objetos duros, como moedas ou chaves, no mesmo bolso. Certamente não é uma grande façanha supor que um homem que trata um relógio de cinquenta guinéus com tanto desdém deve ser descuidado. Não é tampouco uma inferência muito ousada supor que um homem que herda um artigo de tal valor está muito bem-aquinhado em todos os demais aspectos.”

Assenti com a cabeça, para mostrar que acompanhava seu raciocínio.

“Os penhoristas na Inglaterra têm o costume, quando se apoderam de um relógio, de riscar os números da cautela com um alfinete no interior da caixa. É mais conveniente que uma etiqueta, pois não há perigo de o número se perder ou ser trocado. Há nada menos que quatro desses números visíveis à minha lente dentro da caixa. Inferência: seu irmão estava com frequência na

penúria. Inferência secundária: tinha fases ocasionais de prosperidade, ou não teria podido resgatar o penhor. Por fim, peço-lhe que olhe a placa interna, que contém o orifício para a chave. Veja os milhares de arranhões espalhados em torno dele, marcas deixadas pela chave ao resvalar. Como a chave de um homem sóbrio teria podido produzir esses sulcos? Mas você nunca verá o relógio de um bêbado sem eles. Ele lhe dá corda à noite, e deixa esses sinais de sua mão vacilante. Onde está o mistério em tudo isto?”

“É claro como o dia”, respondi. “Lamento a injustiça que lhe fiz. Deveria ter tido mais fé em suas maravilhosas faculdades. Posso perguntar se tem alguma investigação profissional em curso no momento?”

“Nenhuma. Por isso a cocaína. Não posso viver sem trabalho intelectual. Que outra razão há para se viver? Chegue aqui à janela. Houve alguma vez um mundo tão monótono, melancólico, inútil? Veja como o nevoeiro amarelo rodopia sobre a rua e deriva sobre as casas pardacentas. O que poderia ser mais irremediavelmente prosaico e grosseiro? De que adianta ter capacidades, doutor, quando não temos nenhum campo em que exercê-las? O crime é lugar-comum, a existência é lugar-comum, e nenhuma qualidade exceto as que são lugar-comum tem qualquer função sobre a terra.”

Eu havia aberto a boca para replicar a essa invectiva quando, com uma batida firme, nossa senhoria entrou, trazendo um cartão sobre a salva de bronze.

“Uma jovem senhora quer vê-lo, senhor”, disse, dirigindo-se ao meu companheiro.

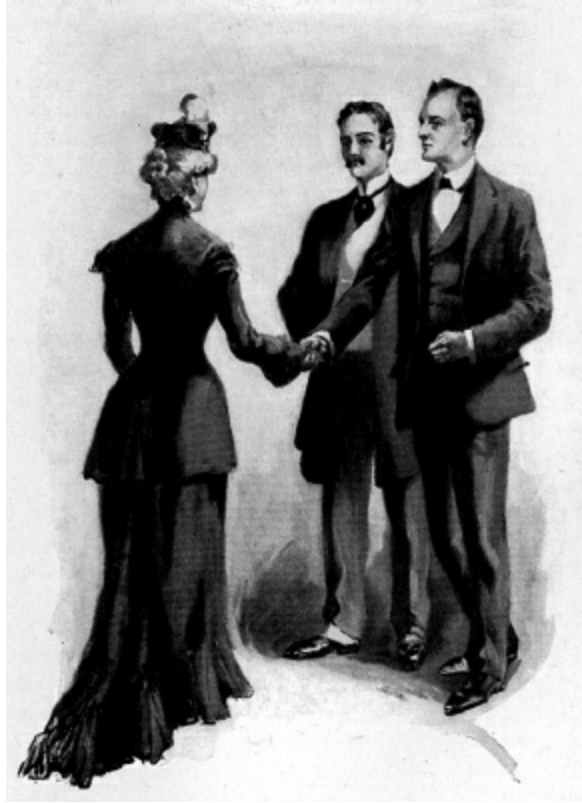
“Miss Mary Morstan”, leu ele. “Hum! Não tenho nenhuma lembrança do nome. Peça à jovem senhora para subir, Mrs. Hudson. Não vá, doutor. Preferiria que ficasse.”

^a “Golpes de mestre”, em francês no original.

II. A EXPOSIÇÃO DO CASO

MISS MORSTAN ENTROU na sala com um passo firme e aparente serenidade. Era uma jovem loura, pequena, delicada, mãos irretocavelmente enluvadas, e vestida com gosto impecável. Havia, contudo, em seus trajes um despojamento e uma simplicidade que sugeriam recursos limitados. O vestido era de um bege escuro, acinzentado, sem atavios nem debruns, e ela usava um pequeno turbante do mesmo matiz sem graça, avivado somente por uma pequenina pluma branca num lado. Seu rosto não tinha nem regularidade de traços nem beleza de cútis, mas sua expressão era doce e amável, e seus grandes olhos azuis eram singularmente espirituais e compreensivos. Numa experiência com as mulheres que se estende por muitas nações e três diferentes continentes, nunca contemplei uma face que promettesse mais claramente uma natureza refinada e sensível. Não pude deixar de observar que, quando tomou o assento que Holmes colocara para ela, seus lábios e suas mãos tremiam, e ela mostrava todos os sinais de intensa agitação interior.

“Vim procurá-lo, Mr. Holmes”, disse ela, “porque certa vez o senhor permitiu à minha patroa, Mrs. Cecil Forrester, solucionar uma pequena complicação doméstica. Ela ficou muito impressionada com sua bondade e habilidade.”



“Miss Morstan entrou na sala com um passo firme.” [Artista desconhecido, Sherlock Holmes Series, vol.I, Nova York e Londres, Harper & Bros., 1904]

“Mrs. Cecil Forrester”, repetiu ele, pensativo. “Acredito que lhe prestei um serviço insignificante. O caso, no entanto, pelo que me lembro, era muito simples.”

“Ela não pensava assim. Mas pelo menos não pode dizer o mesmo do meu. Mal consigo imaginar coisa mais estranha, mais totalmente inexplicável, que a situação em que me encontro.”

Holmes esfregou as mãos e seus olhos cintilaram. Inclinou-se para a frente em sua cadeira com uma expressão de extraordinária concentração em seus traços bem-delineados, aquilinos.

“Exponha seu caso”, disse num tom enérgico, profissional.

Senti que minha posição era embaraçosa.

“A senhora certamente me desculpará”, disse eu, levantando-me.

Para minha surpresa, a jovem estendeu sua mão enluvada para me deter.

“Se seu amigo”, disse ela, “fizesse a bondade de ficar, poderia ser de inestimável ajuda para mim.”

Voltei a me sentar.

“Em resumo”, continuou ela, “os fatos são estes. Meu pai, oficial num regimento indiano, mandou-me de volta para casa quando eu era muito criança. Minha mãe morrera e eu não tinha nenhum parente na Inglaterra. Puseram-me, no entanto, num confortável internato em Edimburgo, e ali fiquei até completar dezessete anos. Em 1878 meu pai, que era capitão veterano de seu regimento, obteve uma licença de doze meses e veio para a Inglaterra. Telegrafou-me de Londres dizendo que havia chegado bem e que eu viesse para cá imediatamente, dando o Langham Hotel como seu endereço. Sua mensagem, eu me lembro, era cheia de bondade e amor. Ao chegar a Londres, fui até o Langham e informaram-me que o capitão Morstan estava hospedado lá, mas saíra na noite anterior e não retornara. Esperei o dia inteiro sem notícia dele. Naquela noite, a conselho do gerente do hotel, entrei em contato com a polícia e na manhã seguinte publicamos anúncios em todos os jornais. Nossas indagações não produziram nenhum resultado; e desde aquele dia jamais se soube coisa alguma sobre meu pobre pai. Ele voltou à pátria cheio de esperança de encontrar alguma paz, algum conforto, e em vez disso...”

Ela levou a mão à garganta, e um soluço sufocante pôs fim à frase.

“A data?” perguntou Holmes, abrindo sua agenda.

“Ele desapareceu no dia 3 de dezembro de 1878 – quase dez anos atrás.”

“A bagagem dele?”

“Ficou no hotel. Não havia nada nela que sugerisse uma pista... algumas roupas, alguns livros, e um número considerável de curiosidades das ilhas Andamão. Ele havia sido um dos oficiais encarregados da guarda dos prisioneiros ali.”

“Ele tinha algum amigo na cidade?”

“Apenas um de que temos conhecimento – o major Sholto, de seu próprio regimento, o 34º de Infantaria de Bombaim. O major havia se reformado algum tempo antes e morava em Upper Norwood. Entramos em contato com ele, é claro, mas não sabia sequer que seu companheiro estava na Inglaterra.”

“Um caso singular”, observou Holmes.

“Ainda não lhe descrevi a parte mais singular. Há cerca de seis anos – no dia 4 de maio de 1882, para ser exata –, apareceu um anúncio no *Times* indagando sobre o endereço de Miss Mary Morstan, e declarando que seria do interesse dela apresentar-se. Nenhum nome ou endereço o acompanhava. Naquele momento eu acabava de começar a trabalhar na família de Mrs. Cecil Forrester na qualidade de governanta. A conselho dela, publiquei meu

endereço na coluna de anúncios. No mesmo dia chegou pelo correio uma caixinha de papelão endereçada a mim, e nela encontrei uma grande pérola reluzente. Nenhuma palavra escrita estava incluída. Desde então, a cada ano, na mesma data, sempre apareceu uma caixa similar, contendo uma pérola similar, sem nenhuma pista quanto ao remetente. Segundo um especialista, são de uma variedade rara e de considerável valor. Pode ver por si mesmo como são bonitas.”

Enquanto falava, ela abriu uma caixa chata e mostrou-me seis das mais belas pérolas que já vi.

“Sua declaração é extremamente interessante”, disse Sherlock Holmes. “Mais alguma coisa lhe ocorreu?”

“Sim, e justamente hoje. Foi por isso que o procurei. Hoje de manhã recebi esta carta, que talvez queira ler por si mesmo.”

“Obrigado”, disse Holmes. “O envelope também, por favor. Carimbo: Londres, S.W. Data: 7 de julho. Hum! Polegar de homem no canto... provavelmente o carteiro. Papel da melhor qualidade. Envelopes de seis *pence* o pacote. Um homem exigente com seus artigos de papelaria. Nenhum endereço. ‘Esteja na terceira pilastra a partir da esquerda em frente ao Lyceum Theatre esta noite às sete horas. Se estiver desconfiada, leve dois amigos. Foi lesada e justiça lhe será feita. Não leve a polícia. Se levar, tudo será em vão. Seu amigo desconhecido.’ Bem, realmente este é um misteriozinho encantador! Que pretende fazer, Miss Morstan?”

“Isso é exatamente o que quero lhe perguntar.”

“Nesse caso, certamente devemos ir... a senhora e eu e... sim, claro, o dr. Watson é o homem certo. Seu correspondente diz dois amigos. Ele e eu já trabalhamos juntos antes.”

“Mas ele iria?” perguntou ela com um toque de súplica em sua voz e expressão.

“Será uma honra e um prazer”, respondi com ardor, “se puder lhe ser de alguma utilidade.”

“São ambos muito bondosos”, disse ela. “Levei uma vida reclusa e não tenho amigos a quem recorrer. Será suficiente que eu esteja aqui às seis, não é?”

“Não deve chegar mais tarde”, disse Holmes. “Mas há um outro ponto. Esta letra é a mesma dos endereços das caixas de pérola?”

“Eu os tenho aqui”, respondeu ela, mostrando meia dúzia de pedaços de papel.

“A senhora é sem dúvida uma cliente modelo. Tem a intuição correta. Agora, vejamos.” Espalhou os papéis sobre a mesa e lançou rápidas olhadelas de um para outro. “A letra está disfarçada, exceto na carta”, disse um instante depois; “mas não há dúvida quanto à autoria. Veja como o irreprimível e grego irrompe e veja o floreado do s final. São todos indubitavelmente da mesma pessoa. Não gostaria de lhe incutir falsas esperanças, Miss Morstan, mas há alguma semelhança entre esta letra e a de seu pai?”

“Nada poderia ser mais diferente.”

“Esperava que dissesse isso. Estaremos à sua espera, portanto, às seis. Permita-me ficar com estes papéis, por favor. Posso examinar o caso até lá. São apenas três e meia. *Au revoir*, então.”

“*Au revoir*”, disse nossa visitante; e, com um olhar vivo e gentil de um para outro de nós, pôs a caixinha de pérolas de volta no colo e saiu depressa.

De pé junto à janela, fiquei a observá-la descendo lepidamente a rua até que o turbante cinza e a pena branca virassem apenas um pontinho na multidão sombria.

“Que mulher atraente!” exclamei, virando-me para meu companheiro.

Ele acendera o cachimbo de novo e estava recostado, as pálpebras caídas. “É mesmo?” disse languidamente; “não observei.”

“Você é realmente um autômato... uma máquina de calcular”, exclamei. “Há alguma coisa positivamente desumana em você às vezes.”

Ele sorriu gentilmente.

“É da máxima importância”, disse, “não permitir que nosso juízo seja influenciado por qualidades pessoais. Um cliente é para mim uma mera unidade, um fator num problema. As qualidades emocionais são antagônicas ao raciocínio claro. Eu lhe asseguro que a mulher mais cativante que conheci foi enforcada por envenenar três criancinhas pelo dinheiro do seguro delas, e o homem mais repelente que já vi é um filantropo que gastou quase um quarto de milhão com os pobres de Londres.”

“Neste caso, porém...”

“Nunca faço exceções. Uma exceção invalida a regra. Já teve alguma oportunidade de estudar o caráter pela caligrafia? Que acha das garatujas desse sujeito?”

“É uma letra legível e regular”, respondi. “Hábitos de um homem de negócios e alguma força de caráter.”

Holmes sacudiu a cabeça.

“Veja estas letras longas”, disse. “Mal se elevam acima das outras. Aquele

d poderia ser um *a*, e aquele *l* um *e*. Homens de caráter sempre diferenciam as letras longas, por mais ilegível que seja a sua caligrafia. Há vacilação nos *ks* e amor-próprio nas maiúsculas. Vou sair agora. Tenho algumas consultas a fazer. Permita que lhe recomende este livro... um dos mais notáveis já escritos. É *Martyrdom of Man*, de Winwood Reade. Estarei de volta dentro de uma hora.”

Sentei-me à janela com o volume na mão, mas meus pensamentos estavam longe das ousadas especulações do escritor. Minha mente correu para nossa recente visitante – seus sorrisos, os tons cheios e profundos de sua voz, o estranho mistério que pairava sobre sua vida. Se ela tinha dezessete anos na época do desaparecimento do pai, devia estar com vinte e sete agora – uma idade encantadora, em que a juventude perdeu seu acanhamento e foi um pouco moderada pela experiência. Assim fiquei, refletindo, até que me vieram à cabeça pensamentos tão perigosos que fui às pressas para minha escrivaninha e mergulhei furiosamente no último tratado de patologia. Quem era eu, um médico do exército com uma perna fraca e uma conta bancária ainda mais fraca, para ousar pensar em tais coisas? Ela era uma unidade, um fator... nada mais. Se meu futuro era negro, era melhor encará-lo como um homem que tentar abrihantá-lo com meras ilusões.

III. EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO

PASSAVA DAS CINCO E MEIA quando Holmes voltou. Estava animado, impaciente, de excelente humor, um estado de ânimo que no seu caso alternava com acessos da mais atroz depressão.

“Não há nenhum grande mistério nesse assunto”, disse, pegando a xícara de chá que eu lhe servira; “os fatos parecem admitir apenas uma explicação.”

“O quê? Já o resolveu?”

“Bem, isso seria dizer demais. Descobri um fato sugestivo, só isso. Ele é, no entanto, *muito* sugestivo. Ainda falta acrescentar os detalhes. Acabo de descobrir, consultando os arquivos do *Times*, que o major Sholto, de Upper Norwood, ex-membro do 34º Regimento de Infantaria de Bombaim, morreu no dia 28 de abril de 1882.”

“Talvez eu seja muito obtuso, Holmes, mas não consigo perceber o que isso sugere.”

“Não? Você me surpreende. Encare a coisa da seguinte maneira, então. O capitão Morstan desaparece. A única pessoa em Londres que ele poderia ter visitado é o major Sholto. O major Sholto nega ter sabido que ele estava em Londres. Quatro anos depois Sholto morre. Menos de uma semana depois de sua morte, a filha do capitão Morstan recebe um presente valioso, que é repetido ano após ano e culmina agora com uma carta que a qualifica de ‘mulher lesada’. A que dano ela pode se referir, se não essa privação de seu pai? E por que teriam os presentes começado imediatamente após a morte de Sholto, a menos que o herdeiro deste saiba alguma coisa do mistério e deseje fazer uma compensação? Tem alguma teoria alternativa que corresponda aos fatos?”

“Mas que compensação estranha! E feita de maneira igualmente estranha! Por que, ademais, haveria ele de escrever uma carta agora, e não seis anos atrás? Além disso, a carta fala de lhe fazer justiça. Que justiça lhe pode ser feita? Seria demais supor que seu pai ainda está vivo. Não há no caso dela

outra injustiça de que você tenha conhecimento.”

“Há dificuldades; certamente há dificuldades”, disse Sherlock Holmes, pensativo; “mas nossa expedição de hoje à noite resolverá todas elas. Ah, cá está um *four-wheeler*, e Miss Morstan vem dentro. Está pronto? Então é melhor descermos, pois estamos um pouquinho atrasados.”

Peguei meu chapéu e minha bengala mais pesada, mas notei que Holmes tirou seu revólver da gaveta e o enfiou no bolso. Evidentemente pensava que nosso trabalho da noite poderia ser sério.

Miss Morstan estava agasalhada numa capa escura, e seu semblante sensível estava sereno, mas pálido. Teria precisado ser mais que uma mulher para não sentir nenhum desconforto diante da estranha aventura em que estávamos nos metendo, mas seu autocontrole era perfeito e respondeu prontamente às poucas perguntas adicionais que Sherlock Holmes lhe fez.

“O major Sholto era um amigo muito especial de papai”, disse. “Suas cartas são cheias de alusões ao major. Ele e papai estavam no comando das tropas nas ilhas Andamão, de modo que estavam sempre juntos. A propósito, foi encontrado na escrivaninha de papai um papel curioso que ninguém conseguiu entender. Não atribuo a menor importância ao fato, mas pensei que gostaria de vê-lo e o trouxe comigo. Está aqui.”

Holmes desdobrou o papel com cuidado e alisou-o sobre o joelho. Em seguida, examinou-o muito metodicamente com sua lente dupla.

“É papel de manufatura nativa indiana”, observou. “Em algum momento esteve pregado num quadro. O diagrama nele traçado parece ser a planta de parte de um grande edifício, com muitos vestibulos, corredores e passagens. Num ponto há uma cruzinha feita com tinta vermelha, e sobre ela lê-se ‘3,37 a partir da esquerda’, numa desbotada escrita a lápis. No canto esquerdo há quatro cruces, semelhantes a um hieróglifo, em linha e com seus braços se tocando. Ao lado está escrito, em caracteres muito grosseiros: ‘O signo dos quatro – Jonathan Small, Mahomet Singh, Abdullah Khan, Dost Akbar.’ Não, confesso que não vejo que relação isto pode ter com o caso. No entanto, é evidente que se trata de um documento de importância. Foi guardado cuidadosamente numa carteira, pois está tão limpo de um lado quanto de outro.”

“Foi na carteira dele que o encontramos.”

“Guarde-o com cuidado, portanto, Miss Morstan, pois pode se provar útil para nós. Começo a suspeitar que este assunto pode vir a ser muito mais profundo e mais sutil do que supus de início; preciso reconsiderar minhas

ideias.”

Recostou-se no fiacre e pude ver por sua testa contraída e os olhos vagos que estava absorto em pensamentos. Miss Morstan e eu tagarelamos baixinho sobre aquela expedição e seu possível resultado, mas nosso companheiro manteve sua reserva impenetrável até o fim da viagem.

Era um entardecer de setembro e ainda não haviam soado sete horas, mas fora um dia sombrio, chuviscava e um nevoeiro denso e baixo pairava sobre a grande cidade. Nuvens cor de lama pendiam desoladamente sobre as ruas enlameadas. Ao longo do Strand os lampiões não passavam de manchas vagas de luz difusa que projetavam um reflexo débil e trêmulo sobre a calçada escorregadia. O clarão amarelo das vitrines fluía pelo ar denso, lançando uma radiação tenebrosa, cambiante, sobre a rua apinhada. Havia, a meu ver, algo de lúgubre e espectral na infundável procissão de rostos que passavam depressa por essas estreitas barras de luz – rostos tristes e alegres, abatidos e risonhos. Como toda a humanidade, moviam-se rapidamente da escuridão para a luz, e retornavam à escuridão. Não sou sujeito a impressões, mas a tarde nublada, pesada, combinou-se com o estranho negócio em que estávamos envolvidos para me deixar nervoso e deprimido. Eu podia ver pelas maneiras de Miss Morstan que ela estava tomada pelo mesmo sentimento. Apenas Holmes conseguia se sobrepor a essas insignificantes influências. Mantinha sua agenda aberta sobre o joelho, e de tempo em tempo anotava números e lembretes à luz de sua lanterna de bolso.

No Lyceum Theatre, a multidão já se aglomerava junto às entradas laterais. Em frente, de uma procissão de ruidosos *hansoms* e *four-wheelers*, apeavam homens de peitilho engomado e mulheres envoltas em capas e cheias de diamantes.



“Um baixote vivaz vestido de cocheiro nos abordou.” [Frederic Dorr Steele, *Adventures of Sherlock Holmes*, vol.I, 1950]

Mal havíamos chegado à terceira pilastra, o lugar de nosso encontro, quando um baixote moreno e vivaz vestido de cocheiro nos abordou.

“São as pessoas que vêm com Miss Morstan?” perguntou.

“Sou Miss Morstan e estes dois cavalheiros são meus amigos”, respondeu ela.

Ele fixou em nós um par de olhos maravilhosamente penetrantes e inquisitivos.

“Vai me perdoar, senhorita”, disse com certa teimosia, “mas devo lhe pedir que me dê sua palavra de que nenhum dos seus companheiros é da polícia.”

“Dou-lhe minha palavra”, respondeu ela.

Ele deu um assobio agudo, ao que um moleque de rua trouxe um *four-wheeler* e abriu a porta. O homem que falara conosco subiu à boleia, enquanto tomamos nossos lugares dentro. Mal nos acomodáramos quando o cocheiro instigou seu cavalo e saímos na disparada através das ruas enevoadas.

Era uma situação curiosa. Rumávamos para um lugar desconhecido, com uma missão desconhecida. No entanto, ou o convite que recebêramos era uma

completa mistificação – uma hipótese inconcebível –, ou tínhamos boas razões para pensar que questões importantes dependiam de nossa viagem. A atitude de Miss Morstan era tão resoluta e controlada como sempre. Procurei alegrá-la e diverti-la com reminiscências de minhas aventuras no Afeganistão, mas, para dizer a verdade, eu mesmo estava tão ansioso com nossa situação e tão curioso quanto a nosso destino que minhas histórias ficaram um pouco confusas. Até hoje ela declara que eu lhe contei uma comovente anedota sobre como um mosquete se enfiou na minha barraca altas horas da noite, e como eu disparei um filhote de tigre de cano duplo contra ele. A princípio eu tinha alguma ideia da direção em que estávamos viajando; logo, contudo, por causa da nossa velocidade, da neblina e de meu próprio conhecimento limitado de Londres, fiquei desorientado e não sabia de nada a não ser que parecíamos estar fazendo um percurso muito longo. Sherlock Holmes nunca se enganava, porém, e ia murmurando os nomes à medida que o carro avançava aos solavancos através de quarteirões, entrando e saindo por entre ruas tortuosas.

“Rochester Row”, disse ele. “Agora Vincent Square. Agora saímos na Vauxhall Bridge Road. Parece que estamos indo para o lado de Surrey. Sim, é o que pensei. Agora estamos sobre a ponte. É possível ver o rio de relance.”

De fato tivemos uma visão fugaz de um trecho do Tâmis, com as lâmpadas brilhando sobre a água vasta e silenciosa; mas nosso carro arremeteu e logo enveredou por um labirinto de ruas do outro lado.

“Wandsworth Road”, disse meu companheiro. “Priory Road. Lark-hall Lane. Stockwell Place. Robert Street. Coldharbour Lane. Nossa busca não parece nos levar para regiões muito elegantes.”

Havíamos de fato chegado a uma vizinhança duvidosa e ameaçadora. Longas linhas de desenxabidas casas de tijolo só eram aliviadas pelo clarão vulgar e o brilho de mau gosto de tabernas nas esquinas. Depois vieram fileiras de casas de dois andares, cada uma com uma miniatura de jardim na frente, depois novamente linhas intermináveis de prédios de tijolo novos e espalhafatosos – os tentáculos de monstro que a cidade gigantesca lançava em direção ao campo. Por fim o carro se deteve diante da terceira porta de um novo renque de casas geminadas. Nenhuma das outras casas estava ocupada e aquela em que paramos estava tão escura quanto as vizinhas, exceto por uma única e pálida luz na janela da cozinha. Ao batermos, contudo, a porta foi instantaneamente aberta por um criado hindu, de turbante amarelo, roupas brancas e folgadas e uma faixa também amarela. Havia algo de

estranhamente incongruente nessa figura oriental emoldurada no banal vão da porta de uma morada suburbana de terceira categoria.

“O *sahib* os espera”, disse ele, e no momento mesmo em que falava, ouviu-se uma voz aguda e estridente vinda de algum cômodo interno.

“Traga-os aqui, *khitmutgar*”, disse ela. “Traga-os aqui imediatamente.”

IV. A HISTÓRIA DO HOMEM CALVO

SEGUIMOS O INDIANO por uma galeria sórdida e comum, mal iluminada e pessimamente mobiliada, até chegarmos a uma porta à direita, que ele abriu. Um clarão amarelo nos inundou, e no centro dele estava um homenzinho de cabeça muito pontuda, com uma coroa eriçada de cabelo ruivo em toda a sua orla, e um couro cabeludo calvo e reluzente, que despontava em meio a ela como um pico de montanha por entre abetos. De pé, torcia as mãos, e seus traços estavam em perpétuo movimento – ora sorrindo, ora franzindo as sobrancelhas, mas nem por um instante em repouso. A natureza lhe dera lábios caídos e uma linha demasiado visível de dentes amarelos e irregulares, que ele tentava debilmente esconder passando a mão constantemente sobre a parte inferior do rosto. Apesar da calvície conspícua, dava impressão de juventude. De fato, mal completara trinta anos.

“Seu criado, Miss Morstan”, ficou repetindo, numa voz fina e aguda. “Seu criado, cavalheiros. Por favor, entrem em meu pequeno santuário. Um lugar pequeno, senhorita, mas mobiliado a meu gosto. Um oásis no desolado deserto do sul de Londres.”

Ficamos todos espantados ante o aspecto do aposento em que ele nos convidava a entrar. Naquela casa deplorável, parecia tão deslocado quanto um diamante num engaste de latão. As mais ricas e lustrosas cortinas e tapeçarias forravam as paredes, repuxados aqui e ali para expor uma pintura ricamente emoldurada ou um vaso oriental. O tapete era âmbar e preto, tão macio e tão espesso que o pé afundava agradavelmente nele, como num leito de musgo. Duas grandes peles de tigre jogadas obliquamente sobre ele aumentavam a sugestão de luxo oriental, bem como o enorme narguilé a um canto, sobre uma esteira. Uma lâmpada na forma de uma pomba de prata pendia de um fio de ouro quase invisível no centro da sala. Enquanto ardia, enchia o ar com um odor sutil e aromático.

“Mr. Thaddeus Sholto”, disse o homenzinho, ainda careteando e sorrindo.

“Este é o meu nome. A senhora é Miss Morstan, é claro. E esses cavalheiros...”

“Este é Mr. Sherlock Holmes e este é o dr. Watson.”

“Um médico, hã?” exclamou ele, muito alvoroçado. “Trouxe seu estetoscópio? Posso lhe pedir... faria a gentileza? Tenho grandes dúvidas quanto à minha válvula mitral, se tivesse a bondade. Posso confiar na aórtica, mas gostaria de sua opinião sobre a mitral.”

Auscultei-lhe o coração, como pediu, mas não consegui encontrar nada de errado, exceto, de fato, que ele estava num frenesi de medo, pois tremia da cabeça aos pés.

“Parece normal”, disse eu. “Não tem motivo para preocupação.”

“Peço que desculpe minha ansiedade, Miss Morstan”, observou ele com afetação, “sou muito doente e há muito tenho desconfianças dessa válvula. Estou encantado por saber que são infundadas. Se seu pai, Miss Morstan, tivesse evitado exigir demais de seu coração, poderia estar vivo agora.”

Eu teria sido capaz de acertar o homem na cara, tal foi minha fúria diante dessa referência insensível e extemporânea a um assunto tão delicado. Miss Morstan sentou-se, e o sangue lhe fugiu das faces.

“No fundo de meu coração eu sabia que ele estava morto”, disse ela.

“Posso lhe dar todas as informações”, disse ele; “mais ainda, posso lhe fazer justiça; e é o que farei, não importa o que o irmão Bartholomew venha a dizer. Estou muito contente por ter seus amigos aqui, não só como seus acompanhantes, mas também como testemunhas do que estou prestes a fazer e dizer. Nós três podemos enfrentar o irmão Bartholomew. Mas nada de estranhos... nada de polícia ou de autoridades. Podemos acertar tudo satisfatoriamente entre nós sem nenhuma interferência. Nada irritaria o irmão Bartholomew mais do que publicidade.”

Sentou-se num canapé baixo e nos relanceou inquisitivamente com seus olhos azuis débeis e lacrimosos.

“De minha parte”, disse Holmes, “qualquer coisa que decida dizer não sairá daqui.”

Acenei a cabeça para mostrar minha concordância.

“Ótimo! Ótimo!” disse ele. “Posso lhe oferecer um copo de Chianti, Miss Morstan? Ou de Tokay? Não tenho nenhum outro vinho. Devo abrir uma garrafa? Não? Bem, nesse caso espero que não faça objeção ao fumo, ao perfume balsâmico do tabaco oriental. Estou um pouco nervoso e considero meu narguilé um sedativo inestimável.”

Aproximou uma vela do grande forninho, e a fumaça borbulhou alegremente através da água de rosas. Sentamo-nos os três num semicírculo, as cabeças esticadas para a frente e os queixos sobre as mãos, enquanto o estranho homenzinho careteiro, com sua cabeça pontuda e reluzente, fumava às baforadas no centro, constrangidamente.

“Quando decidi lhe fazer esta comunicação”, disse ele, “poderia ter lhe dado meu endereço; mas temi que pudesse desconsiderar meu pedido e trazer pessoas desagradáveis consigo. Assim, tomei a liberdade de marcar um encontro de tal modo que meu criado Williams pudesse vê-los primeiro. Tenho total confiança na capacidade de discernimento dele, e ele tinha ordens, se ficasse insatisfeito, de não levar as coisas adiante. Vão me perdoar essas precauções, mas sou um homem de gostos um tanto retraídos, posso até dizer refinados, e não há nada mais inestético que um policial. Tenho uma aversão natural por todas as formas de materialismo rude, raramente entro em contato com a multidão grosseira. Vivo, como veem, com uma atmosferazinha de elegância à minha volta. Posso me intitular um protetor das artes. É a minha fraqueza. A paisagem é um Corot genuíno e, embora um *connaissanceur* possa talvez lançar uma dúvida sobre aquele Salvator Rosa, não pode haver a menor questão acerca do Bouguereau. Sou apreciador da escola francesa moderna.”

“Vai me perdoar, Mr. Sholto”, disse Miss Morstan, “mas estou aqui a seu pedido para ser informada de alguma coisa que deseja me contar. É muito tarde e eu gostaria que a entrevista fosse o mais breve possível.”

“Na melhor das hipóteses ela deve demandar algum tempo”, respondeu ele; “pois certamente teremos de ir a Norwood para ver o irmão Bartholomew. Iremos todos, para ver se conseguimos levar a melhor. Ele está muito zangado comigo por ter tomado o caminho que me pareceu correto. Tive uma discussão acalorada com ele ontem à noite. Não pode imaginar que sujeito terrível é quando está irritado.”

“Se temos de ir a Norwood, talvez fosse melhor partir imediatamente”, aventurei-me a observar.

Ele riu até ficar com as orelhas vermelhas.

“Não pode ser”, exclamou. “Não sei o que ele diria se os levasse assim de repente. Não, preciso prepará-los mostrando-lhes o pé em que estamos um em relação ao outro. Em primeiro lugar, devo lhes dizer que há vários pontos da história que eu mesmo ignoro. Só posso lhes apresentar os fatos na medida em que os conheço.

“Meu pai era, como talvez tenham adivinhado, o major John Sholto, ex-membro do Exército indiano. Ele se reformou há cerca de onze anos e veio morar em Pondicherry Lodge em Upper Norwood. Havia prosperado na Índia e trouxe consigo considerável soma de dinheiro, uma vasta coleção de curiosidades valiosas e vários criados nativos. Com essas vantagens, comprou uma casa e viveu em grande luxo. Meu irmão gêmeo Bartholomew e eu éramos seus únicos filhos.

“Lembro-me muito bem da sensação causada pelo desaparecimento do capitão Morstan. Lemos os detalhes nos jornais e, sabendo que ele fora amigo de nosso pai, discutimos o caso livremente na presença dele. Este costumava tomar parte de nossas especulações sobre o que podia ter acontecido. Nunca, nem por um instante, suspeitamos que ele tinha todo o segredo escondido no próprio peito; que, entre todos os homens, era o único a conhecer o destino de Arthur Morstan.

“Sabíamos, porém, que algum mistério, algum perigo real, ameaçava nosso pai. Ele tinha muito medo de sair sozinho, e sempre empregava dois pugilistas para servirem de porteiros em Pondicherry Lodge. Williams, que os conduziu esta noite, era um deles. Foi outrora campeão dos pesos leves da Inglaterra. Nosso pai nunca nos contou o que temia, mas tinha extrema aversão a homens com pernas de pau. Certa feita, chegou de fato a disparar seu revólver num perna de pau, que se provou um inofensivo comerciante em busca de encomendas. Tivemos de pagar uma soma vultosa para silenciar o caso. Meu irmão e eu pensávamos que isso era um mero capricho de meu pai, mas os acontecimentos posteriores nos levaram a mudar de opinião.

“No início de 1882 meu pai recebeu uma carta da Índia que lhe causou um grande choque. Quase desmaiou à mesa do desjejum ao abri-la, e desde esse dia ficou cada vez mais doente, até morrer. Não conseguimos descobrir o que a carta dizia, mas pude ver quando ele a segurava que era curta e escrita com uma letra malfeita. Fazia anos que ele vinha sofrendo de dilatação do baço, mas então piorou rapidamente e no fim de abril fomos informados de que estava desenganado e desejava nos fazer uma última comunicação.

“Quando entramos em seu quarto, ele estava apoiado em travesseiros e respirando com dificuldade. Pediu que trancássemos a porta e nos postássemos nos dois lados de sua cama. Então, segurando as nossas mãos, fez-nos uma declaração extraordinária numa voz entrecortada tanto pela emoção quanto pela dor.

“‘Uma única coisa’, disse ele, ‘pesa em minha consciência neste momento

supremo. É o modo como tratei a pobre órfã de Morstan. A maldita cobiça que foi meu pecado durante toda a vida a privou de seu tesouro, do qual pelo menos a metade deveria ter sido dela. No entanto, eu mesmo não fiz nenhum uso dele, tão cega e insensata é a avareza. O mero sentimento de posse me era tão caro que eu não podia suportar partilhá-lo com mais alguém. Vejam aquele diadema guarnecido com pérolas junto do frasco de quinino. Nem disso suporrei me separar, embora o tenha tirado com a intenção de enviá-lo para ela. Vocês, meus filhos, lhe darão uma justa parte do tesouro de Agra. Mas não lhe enviem nada – nem mesmo o diadema – até que eu me vá. Afinal, homens que estiveram tão doentes como estou conseguiram se recuperar.

“‘Vou lhes contar como Morstan morreu’, continuou ele. ‘Fazia anos que ele sofria do coração, mas escondia isso de todos. Só eu sabia. Quando na Índia, ele e eu, graças a uma extraordinária série de circunstâncias, entramos na posse de um considerável tesouro. Eu o trouxe para a Inglaterra, e na noite em que chegou, Morstan rumou direto para cá para reclamar a sua parte. Veio a pé da estação e foi admitido por meu velho e fiel Lal Chowdar, que agora está morto. Morstan e eu tínhamos divergências quanto à divisão do tesouro e chegamos a trocar palavras acaloradas. Morstan havia saltado de sua cadeira num paroxismo de raiva, quando subitamente levou a mão ao peito, seu rosto ganhou uma cor escura, e ele caiu para trás, cortando a cabeça contra a quina da arca do tesouro. Ao me inclinar sobre ele constatei, para meu horror, que estava morto.



“Constatei, para meu horror, que estava morto.” [Charles A. Cox, *The Sign of the Four*, Chicago/Nova York, The Henneberry Company, s.d.]

“Durante muito tempo fiquei ali, conturbado, perguntando a mim mesmo o que devia fazer. Meu primeiro impulso foi, é claro, pedir ajuda, mas não pude deixar de reconhecer que era mais que provável que eu fosse acusado de matá-lo. Sua morte no momento de uma briga e o corte na sua cabeça deporiam contra mim. Ademais, um inquérito oficial não poderia ser feito sem revelar alguns fatos sobre o tesouro que eu estava particularmente ansioso por manter secretos. Ele me dissera que ninguém na face da Terra sabia para onde ele tinha ido. Parecia não haver necessidade de que alguém chegasse a saber.

“Ainda estava refletindo sobre a questão, quando, levantando os olhos, vi meu criado, Lal Chowdar, no vão da porta. Ele entrou e trancou a porta atrás de si. «Não tenha medo, *sahib*», disse; «ninguém precisa saber que o matou. Vamos escondê-lo, e quem ficará sabendo?» «Não o matei», disse eu. Lal Chowdar sacudiu a cabeça e sorriu. «Ouvi tudo, *sahib*», disse; «ouvi-os

brigar e ouvi o golpe. Mas meus lábios estão selados. Todos dormem na casa. Vamos escondê-lo juntos.» Foi o bastante para me decidir. Se meu próprio criado não podia acreditar em minha inocência, como podia eu esperar convencer uma dúzia de comerciantes tolos numa banca de jurados? Lal Chowdar e eu demos fim ao corpo naquela noite, e dali a alguns dias os jornais de Londres foram tomados pelo misterioso desaparecimento do capitão Morstan. Vocês verão pelo que digo que eu dificilmente poderia ser censurado nessa questão. Meus erros residem no fato de termos escondido não só o corpo, mas também o tesouro, e no de eu ter me aferrado à parte de Morstan tanto quanto à minha. Desejo, portanto, que façam a restituição. Aproximem os ouvidos de minha boca. O tesouro está escondido no...’

“Nesse instante ocorreu uma mudança horrível em sua expressão; seus olhos se arregalaram, o queixo caiu, e ele gritou, com uma voz que nunca consegui esquecer: ‘Não o deixem entrar! Pelo amor de Deus não o deixem entrar!’ Voltamo-nos os dois para a janela atrás de nós onde seu olhar estava fixado. Um rosto nos fitava da escuridão. Pudemos ver a mancha branca, onde o nariz se achatava contra a vidraça. Era uma face barbada, hirsuta, com olhos ferozes e cruéis e uma expressão de maldade concentrada. Meu irmão e eu corremos para a janela, mas o homem desaparecera. Quando voltamos ao meu pai, sua cabeça caíra e seu pulso cessara de bater.

“Examinamos o jardim naquela noite, mas não encontramos nenhum sinal do intruso, a não ser por uma única pegada, visível num canteiro bem debaixo da janela. Não fosse esse vestígio, poderíamos ter pensado que nossa imaginação fabricara aquele rosto feroz. Logo, porém, tivemos uma outra e mais surpreendente prova de que havia forças secretas em ação à nossa volta. A janela do quarto de meu pai foi encontrada aberta de manhã; seus armários e caixas haviam sido revirados e sobre seu peito estava um pedaço de papel rasgado com as palavras ‘O signo dos quatro’ rabiscadas. O que significavam elas ou quem teria podido ser nosso visitante, nunca soubemos. Até onde pudemos avaliar, nenhum pertence de meu pai fora de fato furtado, embora tudo tivesse sido remexido. Naturalmente, meu irmão e eu associamos esse peculiar incidente com o medo que assombrara meu pai durante sua vida, mas ele continua sendo um completo mistério para nós.”

O homenzinho parou para reacender seu narguilé e fumou pensativamente por alguns momentos. Estávamos todos absortos, ouvindo essa extraordinária narrativa. Ante o breve relato da morte de seu pai, Miss Morstan ficara mortalmente pálida, e por um momento temi que estivesse prestes a desmaiar.

Reanimou-se, contudo, ao tomar um copo d'água que lhe servi em silêncio de uma garrafa veneziana que vi sobre uma mesinha. Sherlock Holmes recostou-se em sua cadeira com uma expressão distraída e as pálpebras baixadas sobre seus olhos brilhantes. Ao olhar para ele, não pude deixar de pensar como naquele mesmo dia havia se queixado amargamente da banalidade da vida. Aqui pelo menos estava um problema que exigiria o máximo da sua sagacidade. Mr. Thaddeus Sholto passeava os olhos por nós com óbvio orgulho diante do efeito que sua história produzira e em seguida continuou, por entre as baforadas que tirava de seu enorme cachimbo.

“Meu irmão e eu”, disse, “ficamos, como podem imaginar, muito alvoroçados com o tesouro de que meu pai falara. Durante semanas e meses cavamos e exploramos cada parte do jardim, sem descobrir seu paradeiro. Era de enlouquecer pensar que o esconderijo estivera nos seus lábios no momento em que morreu. Podíamos avaliar o esplendor das riquezas desaparecidas pelo diadema. Meu irmão Bartholomew e eu tivemos alguma discussão a respeito desse diadema. As pérolas eram evidentemente de grande valor, e ele era avesso a se desfazer delas, pois, cá entre nós, meu irmão era ele próprio um pouco propenso ao defeito de meu pai. Ele pensava, também, que se nos desfizéssemos do diadema isso poderia suscitar rumores, e finalmente nos envolver em dificuldades. Nada pude fazer além de convencê-lo a me deixar descobrir o endereço de Miss Morstan e enviar-lhe uma pérola avulsa a intervalos fixos, de modo que pelo menos ela nunca se visse na indigência.”

“Foi uma ideia generosa”, disse nossa companheira com sinceridade; “foi uma extrema bondade dos senhores.”

O homenzinho acenou a mão, protestando.

“Nós éramos seus depositários”, disse; “era assim que eu via as coisas, embora o irmão Bartholomew não pudesse vê-las totalmente sob essa luz. Nós mesmos tínhamos dinheiro suficiente. Eu não desejava mais. Além disso, teria sido de muito mau gosto tratar uma jovem dama de maneira tão mesquinha. *‘Le mauvais goût mène au crime.’*”^b Os franceses têm uma maneira bem incisiva de expressar essas coisas. Nossa diferença de opinião quanto a esse assunto chegou a tal ponto que considerei melhor vir morar sozinho; assim deixei Pondicherry Lodge, trazendo o velho *khitmutgar* e Williams comigo. Ontem, no entanto, soube que um fato de extrema importância havia ocorrido. O tesouro fora descoberto. Comuniquei-me imediatamente com Miss Morstan e só nos resta ir de carro até Norwood e reclamar nossa parte. Expus meus pontos de vista ontem para o irmão

Bartholomew, de modo que seremos visitantes esperados, se não bem-vindos.”

Mr. Thaddeus Sholto calou-se e ficou sentado, contorcendo-se, em seu luxuoso canapé. Todos nós permanecemos em silêncio, com nossos pensamentos no novo desdobramento que o misterioso caso tivera. Holmes foi o primeiro a se levantar.

“Agiu bem, senhor, do começo ao fim”, disse. “É possível que sejamos capazes de lhe dar uma pequena retribuição lançando alguma luz sobre o que continua obscuro a seus olhos. Mas, como Miss Morstan observou há pouco, é tarde e o melhor seria resolver as coisas o quanto antes.”

Nosso novo conhecido enrolou cautelosamente o tubo de seu narguilé e tirou de trás de uma cortina um longo sobretudo de gola e punhos de astracã, abotoado com alamares. Fechou-o até em cima embora a noite estivesse abafada e rematou sua toalete com um barrete de pele de coelho com orelheiras pendentes, de modo que não se via nada dele exceto seu rosto móvel e emaciado.

“Minha saúde é um pouco frágil”, comentou enquanto nos guiava pela galeria. “Sou obrigado a ser um valetudinário.”

Nosso fiacre nos esperava lá fora, e nosso programa fora evidentemente organizado de antemão, porque o cocheiro partiu de imediato a todo galope. Thaddeus Sholto falava incessantemente com uma voz que se elevava bem acima do estrépito das rodas.

“Bartholomew é um sujeito esperto”, disse. “Como pensam que descobriu onde estava o tesouro? Ele havia chegado à conclusão de que estava em algum lugar dentro de casa, assim, calculou toda a área cúbica dela e fez medições em toda parte, de modo a não deixar de considerar um centímetro sequer. Entre outras coisas, descobriu que o prédio tinha vinte e dois metros e meio de altura, mas ao somar os pés direitos de todos os pavimentos, levando em conta o espaço entre eles, que verificou mediante perfurações, não conseguiu chegar a mais que vinte e um metros e trinta centímetros. Havia portanto um metro e vinte centímetros não justificados. Eles só poderiam estar no alto do edifício. Assim, fez um buraco no teto de estuque e ripas da sala mais alta e realmente encontrou sobre ela outra pequena mansarda, que havia sido condenada e de cuja existência ninguém sabia. No centro dela estava a arca do tesouro, pousada sobre dois caibros. Desceu-a através do buraco e lá está ela. Calcula o valor das joias em não menos que meio milhão de libras esterlinas.”

À menção dessa soma gigantesca nós três nos entreolhamos, assombrados. Miss Morstan, se pudéssemos garantir seus direitos, passaria de uma governanta necessitada à mais rica herdeira da Inglaterra. Certamente conviria a um amigo leal regozijar-se com tal notícia; envergonho-me contudo de dizer que o egoísmo me tomou de assalto e que meu coração ficou pesado como chumbo dentro de mim. Gaguejei algumas palavras hesitantes de congratulações e ali fiquei abatido, a cabeça caída, surdo ao falatório de meu novo conhecido. Ele era claramente um hipocondríaco consumado, e eu tinha vaga consciência de que desfiava intermináveis séries de sintomas, implorando informações sobre a composição e a ação de inúmeras panaceias, algumas das quais carregava no bolso num estojo de couro. Espero que não se lembre de nenhuma das respostas que lhe dei aquela noite. Holmes declara que me ouviu acautelá-lo contra o grande perigo de tomar mais de duas gotas de óleo de rícino, ao mesmo tempo em que recomendava estricnina em grandes doses como sedativo. De todo modo, senti-me certamente aliviado quando nosso carro parou com um solavanco e o cocheiro saltou para abrir a porta.

“Esta, Miss Morstan, é Pondicherry Lodge”, disse Mr. Thaddeus Sholto, ajudando-a a descer.

^b “O mau gosto leva ao crime”, em francês no original.

V. A TRAGÉDIA DE PONDICHERRY LODGE

ERAM QUASE ONZE HORAS quando chegamos a esse estágio final de nossa aventura noturna. Havíamos deixado o nevoeiro úmido da grande cidade para trás e a noite estava esplêndida. Um vento cálido soprava do oeste, e nuvens pesadas moviam-se lentamente através do céu, com uma meia-lua espreitando vez por outra através das brechas. Estava claro o bastante para se enxergar a alguma distância, mas Thaddeus Sholto pegou uma das lanternas laterais da carruagem para melhor iluminar nosso caminho.

Pondicherry Lodge erguia-se no centro do terreno e era cercada por um muro de pedra muito alto encimado por vidro quebrado. Um portão estreito reforçado com ferro constituía o único meio de acesso. Nosso guia bateu com o tap-tap característico dos carteiros.

“Quem está aí?” gritou uma voz áspera lá de dentro.

“Sou eu, McMurdo. Você certamente já conhece minha batida a esta altura.”

Ouvimos um resmungo e um tilintar de chaves. A porta se abriu pesadamente e um homem baixo, de peito largo, postou-se no vão, a luz amarela da lanterna brilhando sobre seu rosto espichado e os olhos piscantes e incrédulos.

“É Mr. Thaddeus? Mas quem são os outros? O patrão não me deu nenhuma ordem a respeito deles.”



“Um homem baixo, de peito largo, postou-se no vão.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Não, McMurdo? Você me surpreende! Eu disse ontem à noite a meu irmão que traria alguns amigos.”

“Ele não saiu do quarto hoje e não recebi nenhuma ordem, Mr. Thaddeus. Sabe muito bem que devo me ater aos regulamentos. Posso deixá-lo entrar, mas seus amigos devem ficar onde estão.”

Era um obstáculo inesperado. Perplexo e impotente, Thaddeus Sholto olhou à sua volta.

“Está agindo muito mal, McMurdo”, disse. “Se eu respondo por eles, isso deveria ser suficiente para você. Além disso, há a jovem senhora. Ela não pode esperar na via pública a esta hora.”

“Lamento muito, Mr. Thaddeus”, disse o porteiro inexoravelmente. “Essas pessoas podem ser seus amigos, mas não do patrão. Ele me paga bem para fazer a minha obrigação, e minha obrigação eu vou fazer. Não conheço

nenhum dos seus amigos.”

“Sim, você conhece, McMurdo”, exclamou Sherlock Holmes jovialmente. “Acho que não pode ter se esquecido de mim. Não se lembra daquele amador que lutou três *rounds* com você nos salões de Alison na noite em seu benefício, quatro anos atrás?”

“Ora, mas é Mr. Sherlock Holmes!” berrou o pugilista. “Por Deus! Como é que não o reconheci? Se em vez de ficar aí tão quieto tivesse avançado e me dado um daqueles seus cruzados sob o queixo, eu teria sabido que era o senhor sem sombra de dúvida. Ah, o senhor desperdiçou seus talentos! Se tivesse tido ambição, se tivesse feito carreira no boxe.”

“Como vê, Watson, se mais nada der certo, uma das profissões científicas continua aberta para mim”, disse Holmes, rindo. “Nosso amigo não vai nos deixar ao relento, tenho certeza.”

“Vamos entrar, senhor, vamos entrar... o senhor e seus amigos”, respondeu ele. “Lamento muito, Mr. Thaddeus, mas as ordens são muito rigorosas. Precisava me certificar quanto aos seus amigos antes de deixá-los entrar.”

Dentro, uma trilha de cascalho serpeava através de um terreno desolado até o grande bloco de uma casa, quadrada e prosaica, toda mergulhada na sombra, exceto pela janela de uma mansarda, a um canto, em que tremeluzia um raio de luar. O vasto tamanho do prédio, com sua escuridão e seu silêncio mortal, provocava calafrio. Até Thaddeus Sholto parecia contrafeito, e a lanterna tremia em sua mão.

“Não consigo entender”, disse. “Deve haver algum engano. Eu disse claramente a Bartholomew que viríamos aqui, mas não vejo nenhuma luz em sua janela. Não sei o que pensar.”

“Ele sempre mantém a casa vigiada desta maneira?” perguntou Holmes.

“Sim; segue o costume de meu pai. Era o filho predileto, sabe, e às vezes penso que meu pai pode lhe ter contado mais coisas que a mim. Aquela é a janela de Bartholomew, ali onde o luar está batendo. Está bastante clara, mas me parece que nenhuma luz vem de dentro.”

“Nenhuma”, disse Holmes. “Mas vejo uma réstia de luz naquela janelinha junto à porta.”

“Ah, aquele é o quarto da governanta. É ali que fica a velha Mrs. Bernstone. Ela poderá nos explicar tudo. Mas talvez não se incomodem de esperar aqui um ou dois minutos, pois se entrarmos todos juntos e ela não estiver avisada de nossa vinda, poderá se assustar. Mas, psiu! que é isso?”

Ergueu a lanterna e sua mão tremia tanto que os círculos de luz estremeciam e oscilavam à nossa volta. Miss Morstan agarrou meu pulso e ficamos quietos, os corações aos pulos, apurando os ouvidos. Vindo do negro casarão, ecoava através da noite silenciosa o mais triste e deplorável dos sons – a lamúria estridente e entrecortada de uma mulher amedrontada.

“É Mrs. Bernstone”, disse Sholto. “É a única mulher na casa. Esperem aqui. Estarei de volta num instante.”

Correu para a porta e bateu à sua maneira peculiar. Pudemos ver uma velha alta lhe abrir a porta e saracotear de prazer ao vê-lo.

“Oh, Mr. Thaddeus, estou tão contente por ter vindo! Estou tão contente por ter vindo, senhor!”

Ouvimos suas reiteradas exclamações de prazer até que a porta foi fechada e sua voz se perdeu num tom monótono e abafado.

Nosso guia nos deixara a lanterna. Holmes rodou-a devagar e examinou atentamente a casa e os grandes montes de terra que se espalhavam pelo terreno. Miss Morstan e eu continuamos juntos, sua mão na minha. Coisa maravilhosa e sutil é o amor, pois ali estávamos nós dois, que nunca nos víamos antes desse dia, que nunca havíamos trocado uma palavra ou mesmo um olhar de afeição, e no entanto agora, num momento de inquietação, nossas mãos se buscavam instintivamente uma à outra. Desde então isso me deslumbra, mas naquele momento parecia a coisa mais natural que eu devesse me chegar a ela, e, como me disse muitas vezes, também ela teve o impulso de se voltar para mim em busca de conforto e proteção. Ficamos assim de mãos dadas como duas crianças, e havia paz em nossos corações apesar de todas as coisas funestas que nos cercavam.

“Que lugar estranho!” disse ela, olhando à sua volta.

“Parece que todas as toupeiras da Inglaterra foram soltas aqui. Vi coisa semelhante na encosta de um morro perto de Ballarat, onde garimpeiros haviam estado trabalhando.”

“E pela mesma causa”, disse Holmes. “Esses são os vestígios dos caçadores do tesouro. Devem se lembrar que passaram seis anos à procura dele. Não admira que o terreno pareça uma mina de cascalho.”

Nesse momento a porta da casa se abriu de repelão e Thaddeus Sholto saiu correndo, as mãos estendidas e terror nos olhos.

“Há alguma coisa errada com Bartholomew!” gritou. “Estou com medo! Meus nervos não suportam isso.”

Estava, de fato, quase chorando de medo, e seu rosto débil e crispado

despontando da grande gola de astracã tinha a expressão desamparada e suplicante de uma criança aterrorizada.

“Entremos na casa”, disse Holmes à sua maneira firme, decidida.

“Sim, entrem!” pediu Thaddeus Sholto. “Realmente não me sinto em condições de dar instruções.”

Todos nós o seguimos até o quarto da governanta, que ficava do lado esquerdo do corredor. A velha andava para cá e para lá com uma expressão apavorada, remexendo os dedos, mas a visão de Miss Morstan pareceu ter um efeito calmante sobre ela.

“Deus abençoe seu rosto doce e tranquilo!” exclamou com um soluço histérico. “Vê-la me faz bem. Ah, mas passei por duras provações hoje!”

Nossa companheira afagou-lhe a mão magra e calejada e murmurou algumas palavras de bondoso e feminino consolo que trouxeram a cor de volta às suas faces exangues.

“O patrão se trancou e não me responde”, explicou. “Passei o dia inteiro esperando que me chamasse, pois muitas vezes gosta de ficar sozinho; mas uma hora atrás, com medo de que alguma coisa tivesse acontecido, subi e espiei pelo buraco da fechadura. O senhor deve subir, Mr. Thaddeus... deve subir e olhar por si mesmo. Vi Mr. Bartholomew Sholto na alegria e na tristeza durante dez longos anos, mas nunca com aquela cara.”

Sherlock Holmes pegou a lanterna e seguiu na frente, pois Thaddeus Sholto estava batendo os dentes. Parecia tão perturbado que tive de pôr a mão sob o seu braço quando subíamos a escada, porque seus joelhos tremiam. Duas vezes, enquanto subíamos, Holmes tirou de repente a lupa do bolso e examinou cuidadosamente marcas que a mim pareciam ser meras manchas sem forma de poeira no tapete de fibra de coco que forrava a escada. Ele subia devagar, degrau por degrau, mantendo a lanterna baixa e lançando olhares penetrantes à direita e à esquerda. Miss Morstan ficara embaixo com a atemorizada governanta.

O terceiro lança da escada terminava num corredor reto e comprido, com uma grande tapeçaria indiana à direita e três portas à esquerda. Holmes avançou por ele da mesma maneira lenta e metódica, enquanto nos mantínhamos nos seus calcanhares, nossas sombras longas e negras espichando-se pelo corredor. A terceira porta era a que buscávamos. Holmes bateu sem receber nenhuma resposta e em seguida tentou girar a maçaneta e abrir a porta à força. Mas ela estava trancada por dentro, e com uma lingueta larga e forte, como pudemos ver ao aproximar a lanterna da fechadura. Como

a chave fora girada, porém, o buraco não estava inteiramente fechado. Sherlock Holmes agachou-se para olhar e no mesmo instante se levantou, aspirando bruscamente.

“Há algo de diabólico nisso, Watson”, disse, mais abalado que jamais o vira. “Que pensa disso?”

Inclinei-me sobre o buraco e recuei horrorizado. O luar inundava o quarto, conferindo-lhe uma radiância vaga e enganosa. Olhando diretamente para mim e como que suspenso no ar, pois tudo sob ele estava na sombra, pendia um rosto – exatamente o rosto de nosso companheiro Thaddeus. Era a mesma cabeça pontuda, lustrosa, a mesma coroa eriçada de cabelo ruivo, o mesmo semblante pálido. Os traços estavam imobilizados, contudo, num sorriso horrível, uma expressão fixa e antinatural que naquele quarto silencioso e iluminado pela lua causava um abalo nervoso maior do que qualquer carranca ou esgar. Era um rosto tão parecido com o de nosso amiguinho que lhe lancei um olhar, querendo me certificar de que estava de fato conosco. Em seguida me lembrei que ele mencionara para nós que o irmão e ele eram gêmeos.

“Isso é terrível”, disse eu para Holmes. “Que fazer?”

“Temos de pôr a porta abaixo”, respondeu ele e, saltando sobre ela, pôs toda a sua força sobre a fechadura.

Ela rangeu, mas não cedeu. Arremessamo-nos juntos contra ela de novo, e dessa vez se abriu com um estalo súbito, e nos vimos dentro do quarto de Bartholomew Sholto.

Ele parecia ter sido equipado como um laboratório químico. Uma dupla fileira de frascos com tampões de vidro estendia-se sobre a parede em frente à porta, e a mesa estava repleta de bicos de Bunsen, tubos de ensaio e retortas. Nos cantos viam-se garrações de ácido revestidos de um trançado de vime. Um deles parecia estar vazando, ou ter se quebrado, pois dele escorria um fio de um líquido escuro e o ar estava carregado com um cheiro peculiarmente pungente, como o de alcatrão. De um lado do quarto via-se uma escada de mão, em meio a um acúmulo de ripas e estuque, e acima dela, uma abertura no teto, grande o suficiente para dar passagem a um homem. Uma corda comprida estava jogada ao pé da escada.

Junto à mesa, numa poltrona de madeira, o dono da casa estava sentado todo desconjuntado, a cabeça afundada no ombro esquerdo e aquele sorriso horripilante, inescrutável, no rosto. Estava rígido e frio e claramente morrera muitas horas antes. Tive a impressão de que não só seus traços, mas todos os seus membros estavam contorcidos da maneira mais fantástica. Junto de sua

mão, sobre a mesa, via-se um instrumento peculiar – um sólido cabo marrom com uma cabeça de pedra, como a de um martelo, rudemente amarrada com um barbante grosso. Ao lado dele estava uma folha rasgada de papel de carta com algumas palavras rabiscadas. Holmes passou os olhos nela e entregou-a a mim.



“Numa poltrona de madeira, o dono da casa estava sentado todo desconjuntado, a cabeça afundada no ombro esquerdo e aquele sorriso horripilante, inescrutável, no rosto.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Veja”, disse, com um significativo alçar das sobrancelhas.

À luz da lanterna, li com um arrepio de horror: “O signo dos quatro.”

“Por Deus, que significa tudo isto?” exclamei.

“Significa assassinato”, disse ele, inclinando-se sobre o morto. “Ah! Eu esperava isto. Olhe aqui!”

Apontou para o que parecia um espinho comprido e escuro cravado na pele pouco acima da orelha.

“Parece um espinho”, disse eu.

“É um espinho. Pode arrancá-lo. Mas tome cuidado, porque é venenoso.”

Peguei-o entre o indicador e o polegar. Saiu da pele com tanta facilidade

que mal deixou marca. Um minúsculo pontinho de sangue apareceu onde estivera a perfuração.

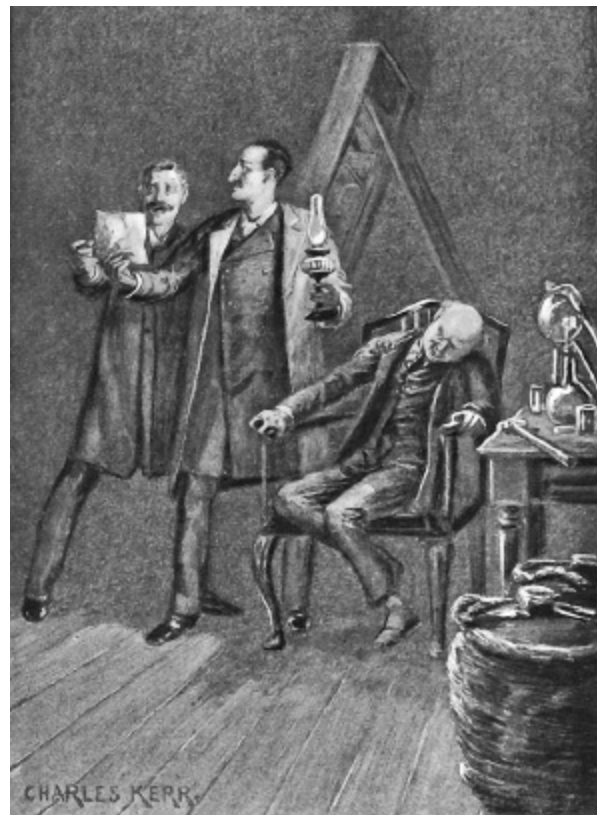
“Isto tudo é um mistério insolúvel para mim”, disse eu. “Torna-se cada vez mais obscuro, em vez de mais claro.”

“Ao contrário”, objetou ele, “fica mais claro a cada instante. Preciso apenas de alguns elos perdidos para ter um caso inteiramente coerente.”

Havíamos quase esquecido a presença de nosso companheiro desde que entráramos na câmara. Ele continuava parado no vão da porta, a própria imagem do terror, torcendo as mãos e gemendo consigo mesmo. Subitamente, contudo, soltou um grito agudo, lamuriento.

“O tesouro desapareceu!” disse. “Roubaram o tesouro dele! Lá está o buraco pelo qual o desceram. Eu o ajudei a furá-lo! Fui a última pessoa que o viu! Deixei-o aqui ontem à noite, ouvi-o trancar a porta ao chegar no térreo.”

“Que horas eram?”



“Li com um arrepio de horror: ‘O signo dos quatro’.” [Charles Kerr, *The Sign of Four*, Londres, Spencer Blackett, 1980]

“Eram dez horas. E agora ele está morto, e a polícia será chamada, e vão suspeitar que tive participação nisso. Ah, certamente vão. Mas os senhores não pensam assim, não é cavalheiros? Com certeza não pensam que fui eu! Nesse caso, seria plausível que os tivesse trazido aqui? Ah meu Deus! Ah meu Deus! Sei que vou enlouquecer!”

Sacudia os braços e batia os pés numa espécie de frenesi convulsivo.

“Não tem nenhuma razão para temer, Mr. Sholto”, disse Holmes afavelmente, pondo a mão sobre seu ombro; “aceite o meu conselho e vá até o distrito policial relatar o caso à polícia. Ofereça-se para ajudá-los em tudo. Esperaremos aqui até a sua volta.”

O homenzinho obedeceu, estupefato, e nós o ouvimos tropeçando escada abaixo no escuro.

VI. SHERLOCK HOLMES FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO

“AGORA, WATSON”, disse Holmes, esfregando as mãos, “temos meia hora para nós. Façamos bom uso dela. O caso, como lhe disse, está quase completo; mas não devemos pecar por excesso de confiança. Por mais simples que possa parecer agora, pode haver algo mais profundo sob ele.”

“Simples!” exclamei.

“Sem dúvida”, retrucou, parecendo um pouco um professor a expor um caso clínico perante seus alunos. “Mas sente-se ali naquele canto, para que suas pegadas não venham a complicar a questão. Agora, mãos à obra! Em primeiro lugar, como essas pessoas entraram e como saíram? A porta não foi aberta desde ontem à noite. Que dizer da janela?” Levou a lanterna até lá, murmurando suas observações o tempo todo, mas dirigindo-se a si mesmo, não a mim. “A janela está aferrolhada por dentro. A moldura é sólida. Não há dobradiças laterais. Vamos abri-la. Nenhum cano d’água por perto. Telhado totalmente fora de alcance. No entanto um homem entrou pela janela. Choveu um pouco ontem à noite. Aqui está a marca de um pé com barro sobre o peitoril. E aqui está uma marca lamacenta circular, e novamente aqui no assoalho, e de novo aqui perto da mesa. Veja aqui, Watson! Esta é realmente uma linda demonstração.”

Olhei para os discos redondos e bem-definidos de lama.

“Isso não é uma pegada”, disse.

“É algo muito mais valioso para nós. É a impressão de uma perna de pau. Veja, aqui no peitoril temos a marca da bota, uma bota pesada com um largo salto de metal e, ao lado, a marca da ponta de madeira.”

“É o homem da perna de pau.”

“Exatamente. Mas alguém mais esteve aqui... um aliado muito hábil e eficiente. Seria capaz de escalar aquela parede, doutor?”

Olhei para fora da janela aberta. A lua ainda brilhava intensamente

naquele ângulo da casa. Estávamos a uns bons dezoito metros do chão, e, para onde quer que eu olhasse, não conseguia ver nenhum apoio para os pés, nem sequer uma fenda na parede de tijolo.

“É absolutamente impossível”, respondi.

“Sem ajuda, é. Mas suponha que você tivesse um amigo aqui em cima que lhe jogasse esta boa e resistente corda que vejo ali no canto, prendendo uma ponta dela àquele enorme gancho na parede. Nesse caso, acho eu, se você fosse um homem ágil, conseguiria trepar, com perna de pau e tudo. Iria embora, é claro, da mesma maneira, e seu aliado recolheria a corda e, depois de desatá-la do gancho, fecharia a janela, passaria o ferrolho por dentro e se safaria da maneira como entrara originalmente. Como um pequeno pormenor, pode-se observar”, continuou ele, manuseando a corda, “que nosso amigo perna de pau, embora bom na escalada, não era um marinheiro profissional. Suas mãos estavam longe de ser calejadas. Minha lente revela mais de uma marca de sangue, especialmente perto da extremidade da corda, do que deduzo que ele escorregou com tal velocidade que arrancou a pele das mãos.”

“Tudo isso está muito bem”, disse eu, “mas a coisa fica mais ininteligível que nunca. Que me diz desse misterioso aliado? Como ele entrou no quarto?”

“Sim, o aliado!” repetiu Holmes, pensativo. “Há características de interesse ligadas a esse aliado. Ele tira o caso das regiões da banalidade. Imagino que esse aliado está desbravando um terreno novo nos anais do crime neste país... embora casos paralelos da Índia se façam lembrar e, se minha memória não me trai, da Senegâmbia.”

“Mas como ele entrou?” reiterei. “A porta está trancada; a janela é inacessível. Foi pela chaminé?”

“A lareira é pequena demais”, respondeu ele. “Já considere essa possibilidade.”

“Então como?” persisti.

“Você não quer aplicar meu preceito”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Quantas vezes lhe disse que quando eliminamos o impossível, o que resta, *por mais improvável que seja*, deve ser a verdade? Sabemos que ele não entrou pela porta, pela janela ou pela chaminé. Sabemos também que não poderia estar escondido no quarto, pois não há esconderijo possível. De onde veio, então?”

“Entrou pelo buraco no teto!” exclamei.

“É claro. Deve ter feito isso. Se você fizer a gentileza de segurar a lanterna para mim, estenderemos agora nossas investigações ao cômodo de cima – o

quarto secreto em que o tesouro foi encontrado.”

Ele subiu os degraus e, agarrando um caibro com ambas as mãos, alçou-se à mansarda. Depois, deitado de bruços, estendeu a mão para pegar a lanterna e segurou-a enquanto eu o seguia.

O recinto em que nos encontramos tinha cerca de três metros num sentido e um e oitenta no outro. O piso era formado por caibros, com ripas finas e estuque entre eles, de tal modo que era preciso caminhar de trave em trave. O teto se elevava até um vértice e era evidentemente o forro do verdadeiro telhado da casa. Não havia nenhuma mobília e a poeira acumulada de anos cobria o piso.

“Veja, aqui está”, disse Sherlock Holmes, pondo a mão contra a parede inclinada. “Isto é um alçapão que dá para o telhado. Posso empurrá-lo, e cá está o telhado propriamente dito, inclinando-se num ângulo suave. Este é, portanto, o caminho pelo qual Número Um entrou. Vamos ver se conseguimos encontrar outros vestígios de sua individualidade?”

Segurou a lanterna junto do piso, e enquanto o fazia eu vi, pela segunda vez naquela noite, uma expressão assustada tomar conta de seu rosto. Quanto a mim, quando acompanhei seu olhar, fiquei enregelado. O piso estava todo coberto com as marcas de um pé descalço – eram claras, bem-definidas, perfeitamente formadas, mas mal chegavam à metade do tamanho das de um homem comum.

“Holmes”, disse eu num sussurro, “uma criança fez essa coisa horrenda.”

Num instante ele recobrou o autocontrole.

“Fiquei desconcertado por um momento”, disse, “mas a coisa é muito natural. Minha memória me falhou, ou eu deveria ter previsto isso. Não há mais nada a descobrir aqui. Vamos descer.”



“Segurou a lanterna junto do piso.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Qual é sua teoria, então, acerca daquelas pegadas?” perguntei aflito, quando retornamos ao cômodo inferior.

“Meu caro Watson, tente analisar um pouco você mesmo”, disse ele, com uma ponta de impaciência. “Conhece os meus métodos. Aplique-os, e será instrutivo comparar os resultados.”

“Não consigo conceber coisa alguma que dê conta dos fatos”, respondi.

“Isso logo estará bastante claro para você”, disse ele, num tom brusco. “Acho que não há mais nada de importante aqui, mas vou olhar.”

Sacou sua lupa e uma fita métrica e percorreu o quarto apressadamente, de joelhos, medindo, comparando, examinando, seu nariz comprido e fino a poucos centímetros das tábuas e os olhinhos redondos, fundos como os de uma ave, faiscando. Tão rápidos, silenciosos e furtivos eram seus movimentos, como os de um cão de caça treinado farejando uma pista, que não pude deixar de pensar que criminoso terrível ele teria sido se tivesse canalizado sua energia e sagacidade contra a lei, em vez que aplicá-las em sua defesa. Enquanto ele caçava, não parava de murmurar consigo mesmo, e

finalmente soltou um sonoro grito de prazer.

“Estamos certamente com sorte”, disse. “Não teremos muito trabalho agora. Número Um teve o azar de pisar no creosoto. Você pode ver o contorno de seu pé aqui, ao lado desta lambança malcheirosa. O garrafão rachou, como vê, e o líquido vazou.”

“E daí?” perguntei.

“Ora, nós o pegamos, só isso”, disse ele. “Conheço um cão que seria capaz de seguir esse cheiro até o fim do mundo. Se uma matilha é capaz de seguir um arenque arrastado através de um condado, até onde um cão especialmente treinado não conseguiria seguir um cheiro tão pungente como este? Isso parece um problema de regra de três. A resposta deveria nos dar o... Mas ouça! Aí estão os representantes autorizados da lei.”

Passos pesados e o clamor de vozes altas chegavam de baixo, e a porta do saguão bateu com estrépito.

“Antes que eles cheguem”, disse Holmes, “ponha sua mão aqui no braço deste pobre sujeito, e aqui na sua perna. Que sente?”

“Os músculos estão duros como uma tábua”, respondi.

“Exatamente. Estão num estado de extrema contração, excedendo de longe o *rigor mortis* usual. Junto com essa distorção da face, esse sorriso hipocrático, ou ‘*risus sardonicus*’, como os antigos autores o chamavam, que conclusão isso lhe sugeriria?”

“Morte provocada por algum potente alcaloide vegetal”, respondi, “alguma substância semelhante à estricnina que produziria tétano.”

“Essa foi a ideia que me ocorreu assim que vi os músculos repuxados da face. Ao entrar no quarto procurei imediatamente o meio pelo qual o veneno entrara no sistema. Como você viu, descobri um espinho que havia sido enfiado ou lançado sem grande força no couro cabeludo. Observe que a parte atingida foi aquela que estaria voltada para o buraco no teto se o homem estivesse ereto em sua cadeira. Agora examine este espinho.”

Peguei-o cautelosamente e o segurei à luz da lanterna. Era comprido, aguçado e preto, com um aspecto vítreo perto da ponta, como se alguma substância viscosa tivesse se secado sobre ele. A ponta cega havia sido aparada e arredondada com uma faca.

“Esse é um espinho inglês?” perguntou ele.

“Não, certamente não.”

“Com todos esses dados você seria capaz de fazer uma inferência correta. Mas como aqui estão as forças regulares, as auxiliares devem bater em

retirada.”

Enquanto ele falava, os passos que vinham se aproximando soaram alto no corredor, e um homem muito forte e imponente, vestindo um terno cinza, entrou no quarto. De rosto vermelho, era gordo e pletórico, com um par de olhos muito pequenos, piscantes, que brilhavam por entre bolsas intumescidas. Foi seguido de perto por um inspetor fardado e pelo ainda palpitante Thaddeus Sholto.

“Eis um caso!” exclamou ele numa voz rouca e abafada. “Eis um belo caso! Mas quem é toda essa gente? Ora, a casa parece cheia como uma coelheira!”

“Creio que deve se lembrar de mim, Mr. Athelney Jones”, disse Holmes serenamente.

“Ora, claro que me lembro” disse ele, ofegante. “É Mr. Sherlock Holmes, o teórico. Lembrar de você! Nunca me esquecerei da aula que deu a todos nós sobre causas, inferências e efeitos no caso das joias de Bishopgate. É verdade que nos pôs na pista certa; mas há de confessar agora que foi mais por sorte que por boa orientação.”

“Tratou-se de um raciocínio muito simples.”

“Ora essa! Não se envergonhe de confessar. Mas que é isto aqui? Um negócio complicado! Negócio complicado! Fatos objetivos aqui... não há lugar para teorias. Foi uma sorte que eu estivesse em Norwood, cuidando de um outro caso! Eu estava no distrito policial quando a mensagem chegou. Do que pensa que o homem morreu?”

“Oh, este certamente não é um caso sobre o qual eu possa teorizar”, respondeu Holmes, irônico.

“Não, não. Mesmo assim, não podemos negar que às vezes você acerta em cheio. Meu Deus! Porta trancada, pelo que entendi. Joias no valor de meio milhão desaparecidas. Como estava a janela?”

“Trancada, mas há pegadas no peitoril.”

“Bem, bem, se estava trancada as pegadas não têm nada a ver com o caso. É uma questão de senso comum. O homem poderia ter morrido de um ataque; mas há as joias desaparecidas. Ah! Tenho uma teoria. Esses lampejos me ocorrem de vez em quando. Saia um pouco, sargento; vá com ele, Mr. Sholto. Seu amigo pode ficar. Que pensa disto, Holmes? Sholto, segundo ele próprio confessou, esteve com o irmão ontem à noite. O irmão morreu de um ataque, em seguida Sholto se escafedeu com o tesouro. Que tal?”

“Após o que o morto, muito atenciosamente, se levanta e tranca a porta

por dentro.”

“Hum! Há uma falha aí. Vamos aplicar senso comum à questão. Esse Thaddeus Sholto *esteve* com o irmão; *houve* um desentendimento: isso nós sabemos. O irmão está morto e as joias sumiram. Isso nós também sabemos. Ninguém viu o irmão desde o momento em que Thaddeus o deixou. Sua cama não foi desfeita. Thaddeus está evidentemente num estado de extrema perturbação mental. Sua aparência é... bem, não atraente. Como você vê, estou tecendo minha teia em torno de Thaddeus. A rede começa a se fechar sobre ele.”

“Você ainda não está na plena posse dos dados”, disse Holmes. “Esta lasca de madeira, que tenho todas as razões para acreditar que está envenenada, estava no couro cabeludo do homem ali onde você ainda vê a marca; este cartão, escrito como vê, estava na mesa, e ao lado dele encontrava-se este curiosíssimo instrumento de cabeça de pedra. Como tudo isso se encaixa na sua teoria?”

“Confirma-a em todos os aspectos”, disse pomposamente o detetive gordo. “A casa está cheia de curiosidades indianas. Thaddeus trouxe isso para cá, e se essa lasca está envenenada, ele pode ter feito um uso assassino dela como qualquer outro homem. O cartão é uma patranha – um disfarce, muito provavelmente. A única questão é: como ele saiu? Ah, é claro, ali está um buraco no teto.”

Com muita agilidade, considerando-se sua corpulência, subiu a escada aos saltos e, espremendo-se, entrou na mansarda; imediatamente depois ouvimos sua voz exultante proclamando que tinha encontrado o alçapão.

“Ele pode descobrir alguma coisa”, comentou Holmes, dando de ombros; “tem lampejos ocasionais de razão. *Il n’y a pas de sots si incommodes que ceux qui ont de l’esprit!*”^c

“Veja!” disse Athelney Jones, descendo os degraus; “no fim das contas, fatos são melhores que teorias. Minha visão do caso está confirmada. Há um alçapão que se comunica com o telhado, e está parcialmente aberto.”

“Fui eu que o abri.”

“Ah, foi mesmo? Então você o notou?” Pareceu um pouco desapontado com essa descoberta. “Bem, quem quer que o tenha notado, ele mostra como nosso cavalheiro escapou. Inspetor!”

“Sim, senhor”, respondeu o policial do corredor.



“Mr. Sholto, é meu dever informá-lo de que tudo que possa dizer será usado contra a sua pessoa.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Peça a Mr. Sholto para entrar. – Mr. Sholto, é meu dever informá-lo de que tudo que possa dizer será usado contra a sua pessoa. Eu o prendo em nome da rainha por envolvimento na morte de seu irmão.”

“Essa agora! Eu não lhes disse?” gritou o pobre homenzinho, erguendo as mãos e olhando de um para outro de nós.

“Não se preocupe com isso, Mr. Sholto”, disse Holmes. “Creio que posso lhe prometer livrá-lo da acusação.”

“Não prometa demais, sr. Teórico, não prometa demais!” disse asperamente o detetive. “Talvez isso seja mais difícil do que pensa.”

“Não somente vou inocentá-lo, Mr. Jones, como vou lhe dar de presente o nome e a descrição de uma das duas pessoas que estiveram neste quarto ontem à noite. Ele se chama, tenho todas as razões para acreditar, Jonathan Small. É um homem de pouca instrução, baixo, ágil, que perdeu a perna direita e usa uma perna de madeira que está gasta do lado de dentro. Sua bota esquerda tem um solado grosseiro, de bico quadrado, com uma faixa de ferro em torno do salto. É um homem de meia-idade, muito queimado de sol, e cumpriu pena na prisão. Estas poucas indicações podem lhe ser de alguma ajuda, associadas ao fato de que falta um bom pedaço de pele na palma de sua mão. O outro homem...”

“Ah! O outro homem?” perguntou Athelney Jones num tom zombeteiro, mas mesmo assim impressionado, como pude ver facilmente, pela precisão

do outro.

“É uma pessoa bastante curiosa”, disse Sherlock Holmes, girando sobre os calcanhares. “Espero poder apresentar-lhe a dupla dentro de pouco tempo. Quero trocar uma palavra com você, Watson.”

Levou-me ao topo da escada.

“Esta ocorrência inesperada”, disse, “nos levou sem dúvida a perder de vista o objetivo original de nossa viagem.”

“Eu estava justamente pensando nisso”, respondi; “não convém que Miss Morstan permaneça nesta casa malfadada.”

“Não. Você deve levá-la em casa. Ela mora com Mrs. Cecil Forrester, em Lower Camberwell, portanto não é muito longe. Eu o esperarei aqui, se quiser voltar. Ou quem sabe está muito cansado?”

“Em absoluto. Acho que não conseguiria descansar até saber mais sobre este caso fantástico. Vi alguma coisa do lado brutal da vida, mas dou-lhe minha palavra de que esta rápida sucessão de surpresas estranhas hoje à noite abalou meus nervos por completo. Gostaria, contudo, de ir até o fim deste caso com você, agora que cheguei até aqui.”

“Sua presença será de grande utilidade para mim”, respondeu ele. “Vamos resolver o caso separadamente e deixar esse Jones exultar com qualquer descoberta ilusória que resolva fazer. Quando tiver deixado Miss Morstan em casa, quero que vá a Pinchin Lane, nº 3, perto da margem do rio em Lambeth. A terceira casa do lado direito é de um empalhador de aves; Sherman é o nome dele. Você verá uma fuinha segurando um filhote de coelho na vitrine. Acorde o velho Sherman e diga-lhe, com os meus cumprimentos, que preciso de Toby imediatamente. Traga Toby para cá no fiacre consigo.”

“Um cachorro, suponho.”

“Sim, um estranho cão mestiço de faro assombroso. Eu preferiria ter a ajuda de Toby que a de toda a força de detetives de Londres.”

“Então vou trazê-lo”, disse eu. “É uma hora agora. Devo estar de volta antes das três se conseguir um cavalo descansado.”

“E eu”, disse Holmes, “verei o que posso apurar junto a Mrs. Bernstone e ao criado indiano, que, segundo me diz Mr. Thaddeus, dorme na mansarda vizinha. Depois estudarei os métodos do grande Jones e ouvirei seus sarcasmos não muito delicados. *‘Wir sind gewohnt das die Menschen verhöhnen was sie nicht verstehen.’*^d Goethe é sempre vigoroso.”

^c “Não há tolos tão incômodos quanto os que têm espírito!”, em francês no original.

^d “É comum ver o homem desprezar o que não pode compreender”, em alemão no original.

VII. O EPISÓDIO DO BARRIL

OS POLICIAIS haviam trazido um fiacre consigo, e foi nele que acompanhei Miss Morstan até sua casa. À maneira angelical das mulheres, ela havia suportado as atribulações com um rosto sereno enquanto precisara apoiar alguém mais fraco, e eu a encontrara plácida e bem-disposta ao lado da amedrontada governanta. No carro, porém, primeiro teve um desfalecimento e depois um acesso de choro – tão penosamente fora afetada pelas aventuras da noite. Contou-me depois que me achou frio e distante durante essa viagem. Mal adivinhava a luta dentro de meu peito, ou o esforço que eu fazia para me conter. Minha compaixão e meu amor a buscavam, como o fizera minha mão no jardim. Eu sentia que anos de uma vida convencional não poderiam me ensinar a conhecer sua doce e corajosa natureza como o fizera aquele único dia de estranhas experiências. Dois pensamentos, contudo, selavam as palavras de afeição em meus lábios. Ela estava fraca e indefesa, com a mente e os nervos abalados. Impor-lhe amor num momento como aquele seria tirar partido dessa desvantagem. Pior ainda, ela era rica. Se as investigações de Holmes tivessem êxito, ela seria uma herdeira. Era justo, era decente, que um médico a meio-soldo se aproveitasse de uma intimidade que o acaso provocara? Não poderia ela me ver como um caça-dotes vulgar? Eu não podia correr o risco de que semelhante pensamento lhe passasse pela mente. Aquele tesouro de Agra se interpunha entre nós como uma barreira intransponível.

Eram quase duas horas quando chegamos à casa de Mrs. Cecil Forrester. Os criados haviam se recolhido horas antes, mas Mrs. Forrester ficara tão interessada na estranha mensagem que Miss Morstan recebera que estava acordada na esperança de seu retorno. Ela mesma abriu a porta, uma esbelta mulher de meia-idade, e alegrou-me ver com que ternura seu braço enlaçou a cintura da outra e como era maternal o tom com que a acolheu. Miss Morstan claramente não era uma mera empregada, mas uma amiga respeitada. Fui

apresentado, e Mrs. Forrester insistiu para que eu entrasse e lhe contasse nossas aventuras. Expliquei, contudo, a importância de minha incumbência e prometi que não deixaria de visitá-la para contar qualquer progresso que viéssemos a fazer com o caso. Quando o fiacre partia, dei uma olhada para trás, e até hoje tenho a impressão de ver aquele grupinho na soleira – as duas figuras graciosas, enlaçadas, a porta entreaberta, a luz do saguão brilhando através do vitral, o barômetro e as hastes reluzentes ao pé dos degraus. Foi confortador ter ao menos esse vislumbre fugaz de um tranquilo lar inglês no meio daquele negócio extravagante e soturno que nos absorvera.

E, quanto mais eu pensava no que acontecera, mais extravagante e soturno aquilo ficava. Revi toda a extraordinária série de peripécias enquanto sacolejava pelas ruas silenciosas, iluminadas a gás. Havia o problema original: esse pelo menos estava bastante claro agora. A morte do capitão Morstan, o envio das pérolas, o anúncio, a carta – fôramos esclarecidos sobre todos esses fatos. Eles só haviam nos levado, contudo, para um mistério mais profundo e muito mais trágico. O tesouro indiano, a curiosa planta encontrada em meio à bagagem de Morstan, a estranha cena por ocasião da morte do major Sholto, a redescoberta do tesouro imediatamente seguida pelo assassinato do descobridor, as próprias circunstâncias singularíssimas do crime, as pegadas, as armas extraordinárias, as palavras no cartão, correspondendo àquelas no mapa do capitão Morstan – ali estava realmente um labirinto cuja saída um homem menos singularmente dotado que meu companheiro de apartamento poderia por certo perder a esperança de vir a encontrar.

Pinchin Lane era uma fileira de sórdidas casas de tijolo de dois pavimentos na parte baixa de Lambeth. Tive de bater durante algum tempo no nº 3 antes de causar alguma impressão. Finalmente, porém, vi a cintilação de uma vela atrás da persiana, e um rosto olhou da janela superior.

“Vá embora, seu vagabundo bêbado”, disse o rosto. “Se armar mais barulho, vou abrir os canis e soltar quarenta e três cães em cima de você.”

“Se quiser soltar um, foi justamente isso que vim buscar”, disse eu.

“Vá embora!” gritou a voz. “Valha-me Deus, eu tenho uma víbora neste saco, e vou jogá-la na sua cabeça se não der o fora.”

“Mas eu quero um cachorro”, exclamei.

“Não discuta comigo!” gritou Mr. Sherman. “Agora suma daqui; porque quando eu disser ‘três’, lá vai a víbora.”

“Mr. Sherlock Holmes...”, comecei; mas as palavras tiveram um efeito

mágico, pois a janela se fechou instantaneamente e dentro de um minuto a porta foi destrancada e aberta. Mr. Sherman era um velho magricela, de ombros caídos, pescoço fino e óculos azuis.

“Um amigo de Mr. Sherlock é sempre bem-vindo”, disse. “Entre, senhor. Fique longe do texugo, pois ele morde. Ah, travesso, travesso; quer dar uma mordida no cavalheiro?” Isso para um arminho que enfiou sua cara malvada, de olhos vermelhos, entre as grades de sua gaiola. “Não se importe com isso, senhor; é só uma cobra-de-vidro. Não tem presas, por isso a deixo solta na sala, porque come os besouros. Não fique zangado por eu ter sido um pouco ríspido com o senhor de início, porque as crianças zombam de mim, e muitas descem esta ruela só para me acordar. Que é que Mr. Sherlock Holmes queria, senhor?”

“Ele queria um cachorro seu.”

“Ah! Deve ser o Toby.”

“Sim, o nome era Toby.”

“O Toby mora no nº 7 à esquerda aqui.”

Ele avançou lentamente com sua vela por entre a estranha família de animais que reunira à sua volta. À luz incerta, espectral, eu podia ver vagamente que havia olhos oblíquos, tremeluzentes, espiando-nos de todas as gretas e cantos. Até os caibros do telhado acima de nós estavam cobertos de aves solenes, que transferiam preguiçosamente seu peso de uma perna para outra quando nossas vozes perturbavam seu cochilo.

Toby revelou ser uma criatura feia, de pelo comprido, orelhas caídas, metade *spaniel* e metade *lurcher*, marrom e branco, com um andar gingado e muito desajeitado. Aceitou, após alguma hesitação, um torrão de açúcar que o velho naturalista me entregou, e, tendo assim selado uma aliança, seguiu-me até o fiacre e não criou dificuldades em me acompanhar. Acabavam de soar três horas no relógio do Palácio quando me vi de volta em Pondicherry Lodge. Descobri que o ex-pugilista McMurdo havia sido preso como cúmplice, e tanto ele quanto Mr. Sholto haviam sido conduzidos ao distrito. Dois guardas vigiavam o estreito portão, mas deixaram-me passar com o cachorro quando mencionei o nome do detetive.

Holmes estava de pé na soleira da porta, as mãos nos bolsos, fumando seu cachimbo.

“Ah, você o trouxe!” exclamou. “Cão esperto! Athelney Jones foi embora. Tivemos uma enorme exibição de energia desde que você saiu. Ele prendeu não só o amigo Thaddeus como o porteiro, a governanta e o criado indiano.

Temos o lugar para nós, a não ser por um sargento lá em cima. Deixe o cachorro aqui e suba.”

Amarramos Toby ao pé da mesa do saguão e subimos novamente a escada. O quarto estava como o havíamos deixado, exceto por um lençol que envolvia a figura central. Um sargento da polícia de ar fatigado estava reclinado num canto.

“Empreste-me seu olho de boi, sargento”, disse meu companheiro. “Agora amarre este pedaço de cordão em volta do meu pescoço, para ele ficar pendurado diante de mim. Obrigado. Agora preciso tirar as botinas e as meias. Leve-as para baixo com você, Watson. Vou praticar um pouquinho de alpinismo. E mergulhe meu lenço no creosoto. Assim está bem. Agora suba à mansarda comigo por um instante.”

Enfiamo-nos pelo buraco. Holmes aproximou sua luz mais uma vez das pegadas na poeira.

“Quero que preste especial atenção a estas pegadas”, disse ele. “Observa algo de especial nelas?”

“Pertencem”, respondi, “a uma criança ou a uma mulher pequena.”

“Afora o tamanho, porém. Não há mais nada?”

“São muito parecidas com outras pegadas.”

“De maneira alguma. Olhe aqui! Esta é a pegada de um pé direito na poeira. Agora eu faço uma com meu pé descalço ao lado dela. Qual é a principal diferença?”

“Os dedos do seu pé estão todos juntos. Na outra pegada cada dedo está nitidamente separado.”

“Exatamente. Esse é o ponto. Tenha isso em mente. Agora, poderia fazer a gentileza de ir até aquele alçapão e cheirar a borda do madeiramento? Ficarei aqui, pois estou com este lenço na mão.”

Fiz como mandou e senti instantaneamente um forte cheiro alcatroado.

“Foi aqui que ele pisou ao sair. Se você consegue rastreá-lo, acho que Toby não terá nenhuma dificuldade. Agora corra lá embaixo, solte o cachorro e espere Blondin.”

Quando cheguei ao jardim Sherlock Holmes já estava no telhado, e pude vê-lo como um enorme vaga-lume engatinhando muito lentamente pela cumeeira. Perdi-o de vista atrás de um conjunto de chaminés, mas ele logo reapareceu e depois sumiu de novo do lado oposto. Quando fui até lá, rodeando a casa, encontrei-o sentado num beiral.

“É você, Watson?” gritou ele.

“Sou.”

“Este é o lugar. Que é aquela coisa preta ali embaixo?”

“Um barril de água.”

“Tampado?”

“Sim.”

“Nenhum sinal de escada?”

“Não.”

“Diabos levem o sujeito! É um lugar perigosíssimo. Eu deveria ser capaz de descer por onde ele conseguiu subir. O cano d’água parece bastante firme. Lá vou eu, de qualquer maneira.”

Ouvi um arrastar de pés e a lanterna começou a descer continuamente pelo lado da parede. Depois com um pequeno salto ele caiu sobre o barril e de lá pulou no chão.

“Foi fácil segui-lo”, disse, calçando as meias e as botinas. “As telhas haviam se afrouxado ao longo de todo o caminho, e na pressa ele deixou isto cair. Confirma meu diagnóstico, como dizem vocês médicos.”

O objeto que me entregou era uma pequena bolsa tecida de capins coloridos, com algumas contas vistosas enfileiradas à sua volta. Na forma e no tamanho não diferia muito de uma cigarreira. Dentro havia meia dúzia de espinhos de madeira escura, aguçados numa ponta e arredondados na outra, como aquele que atingira Bartholomew Sholto.

“Eles são diabólicos”, disse Holmes. “Cuidado para não se furar. Estou encantado por tê-los, porque provavelmente são os únicos que possuí. Há menos risco de você ou eu encontrarmos um em nossa pele num futuro próximo. Pessoalmente, eu preferiria enfrentar uma bala de Martini. Está disposto para uma caminhada de dez quilômetros, Watson?”

“Certamente”, respondi.

“Sua perna vai aguentar?”

“Oh, sim.”

“Cá está você, cãozinho! Meu velho Toby! Cheire isto, Toby, cheire isto.” Pôs o lenço molhado com creosoto debaixo do focinho do cão, enquanto este se mantinha com as patas peludas separadas e a cabeça comicamente empinada, como um *connaissanceur* aspirando o *bouquet* de uma safra famosa. Em seguida Holmes jogou o lenço longe, amarrou uma corda forte no pescoço do vira-lata e o levou até o pé do barril de água. A criatura começou instantaneamente a soltar uma série de ganidos agudos e trêmulos e, com o focinho no chão e o rabo no ar, pôs-se a correr pelo rastro com tal rapidez que

retesava sua trela e nos mantinha na maior velocidade de que éramos capazes.

O leste viera clareando pouco a pouco, e agora podíamos ver a alguma distância à luz fria, cinzenta. A casa quadrada, sólida, com suas janelas escuras e vazias e suas paredes altas e nuas, avultava, triste e abandonada, atrás de nós. Nosso caminho nos levou direto através do terreno, em meio às trincheiras e poços que o marcavam e entrecortavam. O lugar todo, com seus montes de terra espalhados e arbustos raquíticos, tinha um aspecto mal-assombrado, agourento, que harmonizava com a lúgubre tragédia que pairava sobre ele.

Ao chegar ao muro limítrofe, Toby correu, ganindo ansiosamente, ao longo de sua sombra, e finalmente parou num canto protegido por uma jovem faia. Onde os dois muros se encontravam, vários tijolos haviam sido arrancados e as fendas restantes estavam gastas e arredondadas no lado de baixo, como se tivessem sido usadas frequentemente como escada. Holmes subiu e, tomando o cachorro de mim, jogou-o do outro lado.



“Pôs-se a correr pelo rastro.” [F.H. Townsend, *The Sign of Four*, Londres, George Newnes, Ltd.,

“Aqui está a marca da mão do Perna de pau”, observou ele, quando subi e fiquei ao seu lado. “Veja aquela leve mancha de sangue no estuque branco. Que sorte não termos tido nenhuma chuva muito pesada desde ontem! O cheiro ficará na estrada apesar da dianteira de vinte e oito horas.”

Confesso que eu mesmo tive as minhas dúvidas quando pensei no tráfego pesado que passara pela estrada de Londres no intervalo. Mas meus medos logo se apaziguaram. Toby não hesitou ou se desviou em nenhum momento, gingando à sua maneira peculiar. Claramente, o pungente cheiro do creosoto elevava-se muito acima de todos os outros odores concorrentes.

“Não imagine”, disse Holmes, “que dependo para o meu sucesso neste caso do mero acidente de um desses sujeitos ter pisado no produto químico. Tenho agora conhecimentos que me permitiriam rastreá-los de muitas maneiras diferentes. Esta, no entanto, é a mais prática e, como a sorte a pôs em nossas mãos, eu seria digno de censura se a desprezasse. Ela impediu, no entanto, que o caso se tornasse o lindo probleminha intelectual que em certo momento prometeu ser. Haveria algum mérito em solucioná-lo, não fosse esta pista excessivamente palpável.”

“Há mérito de sobra”, disse eu. “Asseguro-lhe, Holmes, que estou maravilhado com a maneira como você obtém seus resultados neste caso, mais ainda do que fiquei no crime de Jefferson Hope. A coisa me parece mais profunda e mais inexplicável. Como pôde, por exemplo, descrever com tanta confiança o homem da perna de pau?”

“Ora, meu caro rapaz! Nada mais simples. Não desejo ser teatral. É tudo patente e sem subterfúgios. Dois oficiais que estão no comando da guarda de um presídio ficam sabendo de um importante segredo relacionado a um tesouro enterrado. Um mapa é desenhado para eles por um inglês chamado Jonathan Small. Deve se lembrar que vimos o nome no mapa pertencente ao capitão Morstan. Ele o havia assinado em seu próprio nome e no de seus associados – o signo dos quatro, como chamou aquilo, um tanto dramaticamente. Ajudados por esse mapa, os oficiais – ou um deles – encontram o tesouro e o trazem para a Inglaterra, deixando, vamos supor, em aberto alguma condição sob a qual recebeu o tesouro. Ora, nesse caso, por que Jonathan Small não obteve ele próprio o tesouro? A resposta é óbvia. O mapa está datado de uma época em que Morstan esteve em estreita associação com prisioneiros. Jonathan Small não obteve o tesouro porque ele

e seus associados eram eles próprios prisioneiros, e não podiam sair de onde estavam.”

“Mas isso é mera especulação”, disse eu.

“É mais que isso. É a única hipótese que cobre os fatos. Vejamos agora se ela se encaixa no que se seguiu. O major Sholto permanece em paz por alguns anos, feliz na posse de seu tesouro. Depois recebe uma carta da Índia que o apavora. Do que se tratava?”

“Uma carta dizendo que os homens que ele enganara haviam sido libertados.”

“Ou fugido. Isto é muito mais provável, porque ele teria sabido qual era a duração de sua sentença. Isso não o teria surpreendido. Que faz ele então? Protege-se contra um homem de perna de pau – um homem branco, note bem, porque o confunde com um comerciante e chega a lhe dar um tiro de pistola. Ora, só há o nome de um único homem branco no mapa. Os outros são hindus ou maometanos. Não há outro homem branco. Portanto, podemos dizer com confiança que o homem da perna de pau e Jonathan Small são a mesma pessoa. Este raciocínio lhe parece falho?”

“Não: é claro e conciso.”

“Bem, agora ponhamo-nos no lugar de Jonathan Small. Vamos considerar as coisas de seu ponto de vista. Ele chega à Inglaterra com a dupla ideia de reconquistar o que devia considerar serem seus direitos e de se vingar do homem que o ludibriara. Descobriu onde Sholto morava e, muito possivelmente, estabeleceu comunicações com alguém dentro da casa. Há o mordomo, Lal Rao, que não vimos. Segundo Mrs. Bernstone ele está longe de ter um bom caráter. Small não conseguiu, contudo, descobrir onde o tesouro estava escondido, pois ninguém jamais soube disso exceto o major e um criado fiel que havia morrido. De repente, Small fica sabendo que o major está em seu leito de morte. Num frenesi, temendo que o segredo do tesouro morresse com ele, desafia os vigias, vai até a janela do moribundo e só é dissuadido de entrar pela presença de seus dois filhos. Louco de raiva do morto, no entanto, entra no quarto aquela noite, esquadrinha seus papéis privados na esperança de descobrir algum apontamento relacionado ao tesouro e finalmente deixa um memento de sua visita no breve escrito no cartão. Sem dúvida calculara de antemão que, se matasse o major, deixaria um registro semelhante sobre o corpo como sinal de que aquele não era um assassinato banal, mas, do ponto de vista dos quatro associados, algo da natureza de um ato de justiça. Ideias extravagantes e bizarras desse tipo são

bastante comuns nos anais do crime e geralmente fornecem valiosas indicações sobre o criminoso. Está acompanhando tudo isto?”

“Muito claramente.”

“Ora, que podia Jonathan Small fazer? Podia apenas continuar a manter uma vigilância secreta sobre os esforços feitos para encontrar o tesouro. Possivelmente deixa a Inglaterra e só retorna a intervalos. Ocorre então a descoberta da mansarda, e ele é instantaneamente informado dela. Novamente detectamos a presença de algum aliado na casa. Jonathan, com sua perna de pau, é inteiramente incapaz de chegar ao quarto alto de Bartholomew Sholto. Leva consigo, entretanto, um parceiro bastante curioso, que transpõe essa dificuldade mas afunda o pé descalço em creosoto, razão por que entram em cena Toby e dez quilômetros de claudicação para um oficial a meio-soldo com um *tendo Achillis* machucado.”

“Mas foi o cúmplice, não Jonathan, quem cometeu o crime.”

“Exatamente. E para a grande contrariedade de Jonathan, a julgar pela maneira como ele bateu o pé por todo lado quando entrou no quarto. Ele não tinha nenhum ressentimento contra Bartholomew Sholto e teria preferido que ele tivesse sido simplesmente amarrado e amordaçado. Não queria enfiar uma corda no pescoço. Mas a situação era irremediável: os instintos selvagens de seu companheiro haviam irrompido, e o veneno fizera seu trabalho: assim Jonathan Small deixou seu registro, baixou a arca do tesouro para o solo e seguiu-o ele próprio. Essa foi a sequência dos acontecimentos até onde pude decifrá-los. É claro que, quanto à sua aparência pessoal, ele deve ser de meia-idade e queimado de sol, após cumprir sua pena num forno como as ilhas Andamão. Sua altura é facilmente calculável a partir do comprimento de seu passo, e sabemos que usava barba. O único ponto que impressionou Thaddeus Sholto quando o viu à janela foi o quanto era hirsuto. Ao que eu saiba, não há mais nada.”

“E o associado?”

“Ah, bem, não há grande mistério nisso. Mas você logo ficará sabendo de tudo. Que delicioso é o ar da manhã! Veja como aquela nuvenzinha flutua como a pluma rosada de um gigantesco flamingo. Agora o aro vermelho do sol empurra o banco de nuvens de Londres. Brilha sobre muitas pessoas, mas nenhuma delas, aposto, envolvida numa missão tão estranha quanto você e eu. Como nos sentimos pequenos, com nossas ambições e anseios insignificantes, na presença das grandes forças elementares da Natureza! Está familiarizado com seu Jean-Paul?”

“Razoavelmente. Conheci suas ideias através de Carlyle.”

“Isso é como acompanhar o riacho até o lago onde se origina. Ele faz uma observação curiosa, mas profunda. É que a maior prova da real grandeza do homem reside em sua percepção da própria pequenez. Ela demonstra uma capacidade de comparação e de apreciação que é em si mesma uma prova de nobreza. Há muito em que pensar em Richter. Você não está com uma pistola, está?”

“Tenho minha bengala.”

“É possível que precisemos de alguma coisa desse tipo quando chegarmos ao covil deles. Vou deixar Jonathan para você, mas, se o outro se mostrar perigoso, vou abatê-lo com um tiro.”

Enquanto falava, pegou seu revólver e, tendo enfiado duas balas no tambor, guardou-o de volta no bolso direito do paletó.

Durante esse tempo, vínhamos seguindo Toby pelas estradas semirrurais, ladeadas por casas de campo, que levavam à metrópole. Agora, no entanto, estávamos entrando em ruas contínuas, em que operários e estivadores já se movimentavam, e mulheres desmazeladas abriam persianas e varriam os degraus da porta. Nas esquinas, as tabernas acabavam de abrir, e homens de aspecto rude emergiam, esfregando as mangas nas barbas após seu trago matinal. Cães estranhos perambulavam e nos olhavam espantados, mas nosso inimitável Toby não olhava para a direita nem para a esquerda, avançando rapidamente com o focinho no chão e, vez por outra, um ganido ávido que falava de uma pista quente.

Havíamos atravessado Streatham, Brixton, Camberwell, e agora nos encontrávamos em Kennington Lane, tendo atravessado as ruas laterais a leste do Oval. Os homens que perseguíamos pareciam ter feito um estranho trajeto em ziguezague, provavelmente com a intenção de passar despercebidos. Nunca tomavam a rua principal se uma rua lateral paralela lhes servisse. No fim de Kennington Lane haviam se desviado à esquerda por Bond Street e Miles Street. Onde esta última se transforma em Knight's Place, Toby parou de avançar, começando a correr para trás e para a frente com uma orelha empinada e a outra caída, a própria imagem da indecisão canina. Em seguida passou a andar em círculos, gingando, e olhando para nós volta e meia, como se pedindo piedade em seu embaraço.

“Que diabos está acontecendo com o cão?” resmungou Holmes. “Eles certamente não tomaram um fiacre nem partiram num balão.”

“Talvez tenham parado aqui por algum tempo”, sugeri.

“Ah! Está tudo bem. Ele resolveu se mexer de novo”, disse meu companheiro em tom de alívio.

O cão de fato resolvera se mexer, pois após farejar em volta novamente, tomou uma decisão de repente e disparou com uma energia e determinação que ainda não mostrara. O rastro parecia estar muito mais forte que antes, pois não tinha nem encostado o focinho no chão, mas puxava a trela com força e tentava sair correndo. Eu podia ver pelo brilho dos olhos de Holmes que, a seu ver, estávamos chegando ao fim de nossa jornada.

Nosso trajeto nos levou por Nine Elms abaixo, até que chegamos à grande madeireira de Broderick e Nelson, logo depois da taberna White Eagle. Aqui o cão, frenético de excitação, enfiou-se no recinto pelo portão lateral, onde os serradores já estavam trabalhando. O cão avançou correndo por entre serragem e fitas de carpinteiro, desceu um beco, chegou ao fim de um corredor, entre duas pilhas de madeira, e finalmente, com um latido triunfante, pulou sobre um grande barril, ainda sobre o carrinho de mão em que fora trazido. Com a língua de fora e piscando, Toby permaneceu sobre o tonel, seu olhar passeando entre um e outro de nós à espera de um sinal de aprovação. As aduelas do barril e as rodas do carrinho estavam lambuzadas com um líquido escuro, e todo o ar estava carregado com o cheiro de creosoto.

Sherlock Holmes e eu nos entreolhamos, perplexos, e em seguida caímos simultaneamente num incontrollável acesso de riso.



“Caímos num incontrolável acesso de riso.” [Charles A. Cox, *The Sign of the Four*, Chicago/Nova York, The Henneberry Company, s.d.]

VIII. OS IRREGULARES DE BAKER STREET

“E AGORA?” perguntei. “Toby perdeu sua reputação de infalível.”

“Ele agiu segundo as luzes de que dispunha”, disse Holmes, tirando-o de cima do barril e conduzindo-o para fora da serraria. “Considerando a quantidade de creosoto transportada por Londres num dia, não espanta muito que nossa trilha tenha sido interceptada. Ele é muito usado atualmente, especialmente para curar madeira. Não podemos censurar o pobre Toby.”

“Temos de pegar o rastro principal novamente, suponho.”

“Sim, e felizmente não precisamos ir longe. Evidentemente o que confundiu o cão na esquina de Knight’s Place foi a presença de duas pistas diferentes seguindo em direções opostas. Pegamos a errada. Só resta seguir a outra.”

Não houve dificuldade nisso. Quando levamos Toby ao lugar onde cometera seu erro, ele farejou num grande círculo e finalmente saiu correndo numa nova direção.

“Precisamos tomar cuidado para que ele não nos leve para o lugar de onde o barril de creosoto veio”, comentei.

“Eu havia pensado nisso. Mas note que se mantém na calçada, ao passo que o carrinho passou pela pista de rolamento. Não, estamos na pista certa agora.”

Ela desceu para a margem do rio, atravessando Belmont Place e Prince’s Street. No fim de Broad Street, seguiu direto para a beira da água, onde havia um pequeno desembarcadouro de madeira. Toby nos levou até a beirada dele e ali ficou, ganindo e contemplando a corrente escura.

“Estamos sem sorte”, disse Holmes. “Eles tomaram um barco aqui.”

Vários pequenos esquifes e chalanas espalhavam-se pela água e pela beira do desembarcadouro. Levamos Toby a cada um, sucessivamente, mas, embora fungasse com força, ele não deu nenhum sinal.

Perto da tosca plataforma erguia-se uma pequena casa de tijolos, com uma

tabuleta de madeira pendurada na segunda janela. “Mordecai Smith”, estava escrito nela em grandes letras de forma, e embaixo: “Alugam-se barcos por hora ou por dia.” Um outro letreiro sobre a porta informava que a lancha a vapor fora alugada – declaração confirmada por um grande monte de carvão de coque sobre o cais. Sherlock Holmes olhou em volta lentamente e seu rosto assumiu uma expressão ameaçadora.

“Isso parece ruim”, disse ele. “Esses sujeitos são mais vivos do que eu esperava. Parecem ter apagado o seu rastro. Temo que esta tenha sido uma esperteza previamente combinada.”

Quando ele se aproximava da porta da casa, esta se abriu e um garotinho de seis anos, cabelo cacheado, saiu correndo, seguido por uma mulher corpulenta e corada com uma grande esponja na mão.

“Volte aqui para se lavar, Jack”, gritou ela. “Volte aqui, seu diabinho; porque se seu pai chegar em casa e o encontrar assim, você vai ouvir!”

“Meu caro menino!” disse Holmes estrategicamente. “Que bochechas vermelhas você tem, seu maroto! Vejamos, Jack, há alguma coisa que você queira?”

O menino pensou por um momento.

“Eu queria um xelim”, disse.

“Não gostaria mais de outra coisa?”

“Gostaria mais de dois xelins”, respondeu o prodígio, depois de alguma reflexão.

“Então tome aqui! Pegue! – Uma bela criança, Mrs. Smith!”

“Deus o abençoe, senhor, é mesmo, e atrevido. Mal posso com ele, especialmente quando o meu marido passa dias fora de casa.”

“Ele está fora?” disse Holmes, num tom desapontado. “É pena, pois eu queria falar com Mr. Smith.”

“Está fora desde ontem de manhã, senhor, e, verdade seja dita, começo a ficar preocupada. Mas se era um barco que queria, senhor, talvez eu possa servi-lo.”

“Eu queria alugar uma lancha a vapor.”



“‘Meu caro menino!’ disse Holmes estrategicamente.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Ah, senhor! Foi justamente na lancha a vapor que ele saiu. É isso que me intriga; pois sei que ela só tinha carvão para ir até Woolwich e voltar. Se ele tivesse saído na barça eu não estaria aflita; pois muitas vezes precisou ir a serviço até Gravesend, e, nesse caso, se tivesse muito que fazer, passava a noite lá. Mas de que serve uma lancha sem carvão?”

“Ele poderia ter comprado algum num desembarcadouro rio abaixo.”

“Poderia, senhor, mas não era o costume dele. Muitas vezes o ouvi reclamar dos preços que cobram por uns poucos sacos. Além disso, não gosto daquele homem de perna de pau, com sua cara feia e fala esquisita. O que será que pretendia, sempre rondando por aqui?”

“Um homem de perna de pau?” perguntou Holmes, com uma leve surpresa.

“Sim, senhor, um sujeito moreno, com cara de macaco, que veio procurar

meu marido mais de uma vez. Foi ele que o acordou ontem. Aliás meu marido sabia que ele viria, pois já tinha deixado a lancha preparada. Vou lhe dizer francamente, senhor, isso não está me cheirando bem.”

“Mas, minha cara Mrs. Smith”, disse Holmes, dando de ombros, “está se assustando à toa. Como poderia saber que foi o homem da perna de pau que apareceu aqui durante a noite? Não entendo como pode ter tanta certeza.”

“A voz dele, senhor. Conheço a voz dele, que é grossa, enrolada. Ele bateu na janela... eram umas três horas. ‘De pé, amigo’, disse: ‘já vão chamar a polícia.’ Meu marido acordou o Jim – meu filho mais velho – e lá se foram eles, sem me dizer uma palavra. Pude ouvir a perna de pau batendo nas pedras.”

“E esse homem da perna de pau estava sozinho?”

“Não sei dizer, senhor. Não ouvi mais ninguém.”

“É uma pena, Mrs. Smith, porque eu queria uma lancha a vapor e tive boas informações da... Como é mesmo o nome dela?”

“*Aurora*, senhor.”

“Ah! Não é aquela velha lancha verde com uma listra amarela, bem larga no vau?”

“Nada disso. É uma coisinha caprichada como nenhuma outra no rio. Foi pintada há pouco, preto com duas listras vermelhas.”

“Obrigado. Espero que logo tenha notícias de Mr. Smith. Vou descer o rio, e, se avistar a *Aurora*, comunicarei a ele sua preocupação. Uma chaminé preta, não é?”

“Não, senhor. Preta com uma faixa branca.”

“Ah, é claro. Os costados é que são pretos. Bom dia, Mrs. Smith. Há um barqueiro aqui com um bote, Watson. Vamos tomá-lo para cruzar o rio.”

“O principal com esse tipo de gente”, disse Holmes, quando nos sentamos nos bancos do bote, “é nunca deixá-los perceber que suas informações têm alguma importância para nós. Se fizermos isso, fecham-se no mesmo instante como ostras. Mas se os ouvirmos como que a contragosto, muito provavelmente extrairemos o que quisermos.”

“Agora nosso rumo parece bem claro”, disse eu.

“Que faria você, nesse caso?”

“Alugaria uma lancha e desceria o rio na pista da *Aurora*.”

“Meu caro amigo, seria uma tarefa colossal. Ela pode ter parado em qualquer desembarcadouro entre este ponto e Greenwich. Abaixo da ponte, há um verdadeiro labirinto de cais ao longo de quilômetros. Levaríamos dias

e dias para percorrê-los, se tentássemos sozinhos.”

“Use a polícia, então.”

“Não. Provavelmente só chamarei Athelney Jones no último momento. Ele não é um mau sujeito, e eu não gostaria de fazer nada que o prejudicasse profissionalmente. Mas gostaria de resolver isso por mim mesmo, agora que cheguei até aqui.”

“Nesse caso, quem sabe poderíamos publicar um anúncio, pedindo informações de donos de desembarcadouros?”

“Pior ainda! Nossos homens saberiam que estamos nos seus calcanhares e sairiam do país. No pé em que as coisas estão, é bem provável que façam isso, mas enquanto pensarem que se acham em perfeita segurança não se apressarão. A energia de Jones nos será útil nisso, pois certamente sua visão do caso irá aparecer na imprensa diária e os fugitivos irão julgar que todos estão na pista errada.”

“O que haveremos de fazer, então?” perguntei, quando desembarcamos perto da Penitenciária de Millbank.

“Entrar nesse *hansom*, ir para casa, tomar um bom desjejum e dormir por uma hora. Muito provavelmente estaremos em ação hoje à noite também. Pare numa agência telegráfica, cocheiro! Vamos ficar com o Toby, pois ele ainda pode nos ser útil.”

Apeamos nos Correios de Great Peter Street e Holmes enviou seu telegrama.

“Para quem acha que mandei isso?” perguntou ele quando recomeçamos nossa viagem.

“Não faço a mínima ideia.”

“Lembra-se da divisão de Baker Street da força policial de detetives que empreguei no caso de Jefferson Hope?”

“E daí?” respondi rindo.

“Esse é exatamente um caso em que eles podem ser inestimáveis. Se fracassarem, tenho outros recursos; mas vou experimentá-los primeiro. Esse telegrama era para meu pequeno e sujo lugar-tenente, Wiggins, e espero que ele e sua gangue estejam conosco antes de terminarmos nosso desjejum.”

Eram entre oito e nove horas naquele momento, e os sucessivos alvoroços da noite provocavam em mim uma forte reação. Estava abatido e sem energia, a mente anuviada e o corpo fatigado. Não tinha o entusiasmo profissional que movia meu companheiro, nem era capaz de ver o assunto como um mero problema intelectual abstrato. No tocante à morte de

Bartholomew Sholto, não ouvira muita coisa boa a seu respeito e não podia sentir nenhuma grande aversão por seus assassinos. O tesouro, no entanto, era um assunto diferente. Aquilo, ou parte daquilo, pertencia legitimamente a Miss Morstan. Enquanto houvesse uma chance de recuperá-lo eu estava pronto a dedicar minha vida a esse único fim. Na verdade, se eu o encontrasse, ele provavelmente a poria fora de meu alcance. Mas só um amor mesquinho e egoísta seria influenciado por um pensamento como esse. Se Holmes podia trabalhar para encontrar os criminosos, razões dez vezes mais fortes me impeliam a encontrar o tesouro.

Um banho em Baker Street e uma troca completa de roupa me deram novo ânimo. Ao descer para nossa sala encontrei o desjejum posto e Holmes servindo o café.

“Cá está”, disse ele, rindo e apontando para um jornal aberto. “O diligente Jones e o ubíquo repórter resolveram tudo entre si. Mas você deve estar farto desse caso. Melhor comer seus ovos com presunto primeiro.”

Tomei o jornal dele e li a breve notícia, cujo título era “Caso misterioso em Upper Norwood”.

Por volta da meia-noite de ontem [dizia o *Standard*], Mr. Bartholomew Sholto, de Pondicherry Lodge, Upper Norwood, foi encontrado morto em seu quarto em circunstâncias que apontam para uma traição. Até onde pudemos apurar, nenhum sinal de violência foi encontrado na pessoa de Mr. Sholto, mas uma valiosa coleção de gemas indianas que o falecido cavalheiro herdara do pai havia sido levada. A descoberta foi feita inicialmente por Mr. Sherlock Holmes e o dr. Watson, que haviam ido à casa com Mr. Thaddeus Sholto, irmão do falecido. Por um singular golpe de sorte, Mr. Athelney Jones, o conhecido membro da força policial de detetives, encontrava-se no distrito policial de Norwood e chegou ao local menos de meia hora depois do primeiro alarme. Seus talentos treinados e experimentados voltaram-se de imediato para a detecção dos criminosos, com o gratificante resultado de que o irmão, Thaddeus Sholto, já foi detido, juntamente com a governanta, Mrs. Bernstone, um mordomo indiano chamado Lal Rao e um porteiro de nome McMurdo. Não há dúvida de que o ladrão ou os ladrões conheciam bem a casa, pois o notório conhecimento técnico de Mr. Jones e sua capacidade para a observação de detalhes lhe permitiram provar conclusivamente que os malfeitores não teriam podido passar pela porta ou pela janela, tendo certamente chegado pelo telhado do prédio e em seguida, através de um alçapão, entrado num quarto que se comunicava com aquele em que o corpo foi encontrado. Esse fato, que foi muito claramente estabelecido, prova conclusivamente que não se tratou de mero roubo casual. A ação pronta e enérgica dos funcionários da lei mostra a grande vantagem da presença, em tais ocasiões, de um espírito vigoroso e hábil. Não podemos senão pensar que isso fornece um argumento para os que desejam ver nossos detetives mais

descentralizados, e assim postos num contato mais íntimo e efetivo com os casos que é seu dever investigar.

“Não é magnífico?” disse Holmes, sorrindo sobre sua xícara de café. “Que pensa disso?”

“Penso que nós dois escapamos por um triz de ser presos pelo crime.”

“Eu também. Não responderia por nossa segurança agora, caso ele viesse a ter mais um desses acessos de energia.”

Nesse momento soou um toque forte da campainha, e pude ouvir Mrs. Hudson, nossa senhoria, elevando a voz num gemido de protesto e consternação.

“Valha-me Deus, Holmes”, disse eu, soerguendo-me da cadeira. “Acredito que estão realmente atrás de nós.”

“Não, não é tão grave assim. É a força não oficial... os Irregulares de Baker Street.”

Enquanto ele falava, ouvimos um rápido tropel de pés descalços na escada, um estardalhaço de vozes agudas, e uma dúzia de moleques sujos e esfarrapados irrompeu na sala. Havia algum indício de disciplina entre eles, apesar de sua entrada tumultuosa, pois instantaneamente se perfilaram e ficaram olhando para nós com fisionomias expectantes. Um deles, mais alto e mais velho que os outros, deu um passo à frente com um ar de indolente superioridade que era muito engraçado num espantalhozinho ignominioso como aquele.

“Recebi sua mensagem, senhor”, disse, “e os trouxe pontualmente. Três xelins e seis *pence* para as passagens.”

“Cá estão”, disse Holmes, entregando-lhe algumas moedas de prata. “No futuro eles podem se apresentar a você, Wiggins, e você a mim. Não posso ter a casa invadida desta maneira. No entanto, é muito bom que vocês todos ouçam as instruções. Quero descobrir o paradeiro de uma lancha a vapor chamada *Aurora*, propriedade de Mordecai Smith, preta com duas listras vermelhas, chaminé preta com uma faixa branca. Está em algum lugar no rio. Quero que um menino fique no píer de Mordecai Smith, em frente a Millbank, para informar se o barco voltar. Vocês devem se dividir entre si e revistar cuidadosamente as duas margens. Avisem-me assim que tiverem novidades. Está tudo claro?”

“Sim, chefe”, disse Wiggins.

“A antiga tabela de pagamento, e um guinéu para o menino que encontrar

o barco. Aqui está um dia adiantado. Agora fora!”



“Eles desceram a escada alvoroçados.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

Entregou um xelim para cada um, eles desceram a escada alvoroçados, e um instante depois os vi correndo pela rua.

“Se a lancha estiver na água, eles a encontrarão”, disse Holmes ao se levantar da mesa e acender seu cachimbo. “Eles podem ir a toda parte, ver tudo, ouvir todo mundo. Espero ter notícia de que a avistaram antes do cair da tarde. Nesse meio-tempo, só nos resta esperar os resultados. Não podemos retomar a pista interrompida até encontrarmos ou a *Aurora* ou Mr. Mordecai Smith.”

“Acho que Toby poderia comer estes restos. Vai se deitar, Holmes?”

“Não; não estou cansado. Tenho uma constituição curiosa. Não me lembro de já ter me sentido cansado pelo trabalho, embora a ociosidade me deixe completamente exausto. Vou fumar e pensar sobre esse estranho caso em que minha bela cliente nos introduziu. Se já houve uma tarefa fácil, deve ser essa

que estamos enfrentando. Homens de perna de pau não são tão comuns, mas eu diria que o outro homem deve ser absolutamente singular.”

“Esse outro homem de novo!”

“Bem, não desejo fazer dele um mistério para você. Mas já deve ter formado sua própria opinião. Agora, considere os dados. Pegadas pequeninas, dedos nunca espremidos por botinas, pés descalços, maça de cabeça de pedra, grande agilidade, pequenos dardos envenenados. Que pensa de tudo isso?”

“Um selvagem!” exclamei. “Talvez um daqueles indianos cúmplices de Jonathan Small.”

“Difícilmente”, disse ele. “Tão logo vi sinais de armas estranhas, inclinei-me a pensar assim; mas o caráter singular das pegadas levou-me a reconsiderar minhas ideias. Alguns habitantes da Península Indiana são de baixa estatura, mas nenhum poderia ter deixado marcas como aquelas. O hindu propriamente dito tem pés longos e finos. O maometano, que usa sandálias, tem o polegar bem separado dos outros dedos, porque a tira de couro em geral passa entre eles. Esses pequenos dardos, também, só poderiam ser lançados de uma maneira. São de uma zarabatana. E então, aonde vamos encontrar nosso selvagem?”

“Na América do Sul”, arrisquei.

Ele estendeu a mão e tirou um grosso volume da estante.

“Este é o primeiro volume de um dicionário geográfico em vias de publicação. Pode ser encarado como a mais recente autoridade. E que temos aqui? ‘Ilhas Andamão, situadas quinhentos e cinquenta quilômetros ao norte de Sumatra, na Baía de Bengala.’ Hum! Hum! Que é isto? ‘Clima úmido, recifes de corais, tubarões, Port Blair, penitenciária, ilha de Rutland, choupos’... Ah, aqui está! ‘Os aborígenes das ilhas Andamão talvez possam reivindicar a distinção de serem a menor raça na face da Terra, embora alguns antropólogos prefiram os boxímanes da África, os índios escavadores da América, e os fueguinos. A altura média fica em torno de um metro e vinte, embora se possam encontrar muitos adultos plenamente desenvolvidos muito mais baixos que isso. São pessoas ferozes, rabugentas e intratáveis, embora capazes de formar as mais devotadas amizades uma vez que sua confiança tenha sido conquistada.’ Registre isso, Watson. Agora ouça.

“Eles são naturalmente medonhos, têm cabeças grandes, malformadas, olhos pequenos e ferozes e traços distorcidos. Seus pés e mãos, contudo, são notavelmente pequenos. São uma gente tão feroz e intratável que todos os esforços dos funcionários britânicos para conquistá-los fracassaram por

completo. Sempre foram um terror para as tripulações de navios naufragados, golpeando-lhes as cabeças com seus porretes de cabeça de ferro ou atingindo-os com suas flechas envenenadas. Esses massacres são invariavelmente concluídos com um banquete canibal.’ Uma gente boa e simpática, Watson! Se esse sujeito tivesse sido deixado solto por aí, esse caso poderia ter assumido um aspecto ainda mais horripilante. Imagino que, independentemente de como as coisas se deram, Jonathan Small teria preferido de longe não ter feito uso dele.”

“Mas como arranhou um companheiro tão singular?”

“Ah, isso é mais do que posso dizer. Mas, como já havíamos concluído que Small viera das ilhas Andamão, não é tão assombroso que tenha esse ilhéu consigo. Sem dúvida saberemos tudo sobre isso no devido tempo. Mas você parece simplesmente exausto, Watson. Deite-se no sofá e verei se consigo fazê-lo dormir.”

Pegou o violino num canto e, enquanto eu me esticava, pôs-se a tocar uma ária suave, sonhadora e melodiosa – dele mesmo, sem dúvida, pois tinha notável talento para a improvisação. Tenho uma vaga lembrança de seus membros magros, de seu semblante sério e do subir e descer do arco. Depois tive a impressão de flutuar serenamente num manso mar de som, até que me encontrei na terra dos sonhos, com a meiga fisionomia de Mary Morstan olhando para mim.

IX. A CORRENTE SE ROMPE

ACORDEI NO FIM DA TARDE, revigorado e bem-disposto. Sherlock Holmes continuava sentado exatamente como eu o deixara, a não ser por haver deixado de lado o violino e estar absorto num livro. Lançou-me um olhar de esguelha quando me mexi, e notei que seu rosto estava sombrio e perturbado.

“Você dormiu profundamente”, disse. “Tem que nossa conversa o despertasse.”

“Não ouvi nada”, respondi. “Então soube de novidades?”

“Infelizmente, não. Confesso que estou surpreso e desapontado. Esperava algo de definido a esta altura. Wiggins esteve aqui há pouco. Diz que não se consegue descobrir um sinal da lancha. É um empecilho irritante, porque cada hora é importante.”

“Posso fazer alguma coisa? Estou perfeitamente descansado agora, e pronto para outra excursão noturna.”

“Não; não podemos fazer nada. Só podemos esperar. Se sairmos, a mensagem poderia chegar em nossa ausência e haveria atraso. Faça o que quiser, mas eu devo permanecer de prontidão.”

“Nesse caso vou dar um pulo em Camberwell e fazer uma visita a Mrs. Cecil Forrester. Ela me convidou ontem.”

“A Mrs. Cecil Forrester?” perguntou Holmes com um olhar brincalhão.

“Sim, é claro, a Miss Morstan também. Elas estavam ansiosas para saber o que aconteceu.”

“Eu não lhes contaria demais”, disse Holmes. “As mulheres nunca são inteiramente confiáveis – não as melhores delas.”

Não me detive para questionar esse sentimento atroz.

“Estarei de volta dentro de uma ou duas horas”, observei.

“Certo! Boa sorte! Mas, já que vai cruzar o rio, seria bom que levasse Toby, pois não me parece nada provável que ainda tenhamos algum uso para ele agora.”

Assim, peguei o cachorro e deixei-o, junto com meio soberano, na casa do velho naturalista em Pinchin Lane. Em Camberwell, encontrei Miss Morstan um pouco abatida depois de sua noite de aventuras, mas bastante ansiosa por saber das novidades. Mrs. Forrester também estava cheia de curiosidade. Disse-lhes o que tínhamos feito, suprimindo, contudo, as partes mais pavorosas da tragédia. Assim, embora tenha falado do assassinato de Mr. Sholto, nada disse sobre a maneira exata e o método como foi cometido. Apesar de todas as minhas omissões, porém, houve o suficiente para surpreendê-las e assombrá-las.

“Que romance!” exclamou Mrs. Forrester. “Uma dama ofendida, um tesouro de meio milhão, um canibal negro e um facínora de perna de pau. Eles substituem o convencional dragão ou o conde perverso.”

“E dois cavaleiros andantes que acorrem para resgatá-lo”, acrescentou Miss Morstan com um vivo olhar para mim.

“Ora, Mary, sua fortuna depende do resultado dessa investigação. Você não me parece lá muito entusiasmada. Imagine como deve ser possuir tamanha fortuna e ter o mundo a seus pés!”

Senti um frêmito de alegria no coração ao perceber que ela não mostrou nenhum sinal de regozijo diante dessa perspectiva. Ao contrário, sacudiu sua nobre cabeça, como se aquele não fosse um assunto de seu interesse.

“É com Mr. Thaddeus Sholto que estou preocupada”, disse ela. “Nada mais tem qualquer importância; mas penso que ele se comportou da maneira mais bondosa e honrosa do princípio ao fim. É nosso dever inocentá-lo dessa acusação horrível e infundada.”

A tarde caíra quando deixei Camberwell e já estava escuro quando cheguei em casa. O livro e o cachimbo de meu companheiro estavam junto à sua cadeira, mas ele havia desaparecido. Olhei à minha volta na esperança de ver um bilhete, mas não havia nenhum.

“Mr. Sherlock Holmes saiu, não?” perguntei a Mrs. Hudson quando ela subiu para baixar as persianas.

“Não, senhor. Foi para o quarto. Sabe...”, acrescentou, baixando a voz a um grave sussurro, “estou temendo pela saúde dele.”

“Mas por que, Mrs. Hudson?”

“Bem, está tão estranho... Depois que o senhor saiu pôs-se a andar para cima e para baixo, para cima e para baixo, até me deixar farta do som de seus passos. Depois eu o ouvi falando sozinho e resmungando, e cada vez que a campainha tocava ele aparecia no alto da escada e perguntava: ‘Quem é, Mrs.

Hudson?’ E agora se trancafiou no seu quarto, mas posso ouvi-lo andando de um lado para outro como sempre. Espero que ele não adoça, senhor. Atrevi-me a lhe dizer alguma coisa sobre um remédio refrescante, mas ele se virou para mim, senhor, e me olhou de tal maneira que não sei como consegui sair do quarto.”

“Creio que não tem nenhum motivo para se inquietar, Mrs. Hudson”, respondi. “Já o vi assim antes. Ele está com um probleminha na cabeça que o deixa agitado.”

Tentei falar despreocupadamente com nossa digna senhoria, mas eu mesmo fiquei um pouco inquieto quando, através da longa noite, ainda ouvi de tempo em tempo o vago som de seus passos, sabendo como seu espírito ávido se impacientava com aquela inatividade involuntária.

Na hora do desjejum ele parecia pálido e fatigado, com um toque de rubor febril em ambas as faces.

“Está se exaurindo, meu velho”, observei. “Pude ouvi-lo perambulando durante a noite.”

“Não, não consegui dormir”, respondeu, “esse problema infernal está me consumindo. É insuportável ficar empacado por causa de um obstáculo tão insignificante, quando tudo o mais foi superado. Conheço os homens, a lancha, tudo; e apesar disso não consigo ter notícias. Pus outras forças em ação e usei todos os meios à minha disposição. O rio inteiro foi esquadrinhado dos dois lados, mas não se apurou nada, e Mrs. Smith tampouco teve notícia do marido. Logo chegarei à conclusão de que eles afundaram a embarcação. Mas há objeções a isso.”

“Ou que Mrs. Smith nos pôs na pista errada.”

“Não, acho que isso pode ser desconsiderado. Mandeí indagar, e há uma lancha como a que ela descreveu.”

“Poderia ter subido o rio?”

“Considerarei essa possibilidade também, e há um grupo de busca que irá até Richmond. Se não tivermos nenhuma notícia hoje, eu mesmo partirei amanhã à procura dos homens, e não mais do barco. Mas certamente, certamente, saberemos de alguma coisa hoje.”

Mas não soubemos. Nenhuma palavra nos chegou, fosse de Wiggins ou das outras agências. Havia artigos sobre a tragédia de Norwood na maioria dos jornais. Todos pareciam bastante hostis ao infeliz Thaddeus Sholto. Mas nenhum novo detalhe podia ser encontrado em qualquer deles, a não ser que um inquérito seria realizado no dia seguinte. Fui até Camberwell no fim da

tarde para relatar nosso insucesso para as senhoras, e ao voltar encontrei Holmes desalentado e um pouco rabugento. Mal respondia às minhas perguntas e se ocupou o serão inteiro de uma abstrusa análise química que envolvia alto aquecimento de retortas e destilação de vapores, terminando por fim num cheiro que quase me expulsou do apartamento. Até a madrugada pude ouvir o tilintar dos tubos de ensaio, que me informava que ele continuava às voltas com seu fétido experimento.

Ao raiar do dia acordei sobressaltado e tive a surpresa de vê-lo de pé junto à minha cama, metido num grosseiro traje de marinheiro, com um jaquetão de lã e um lenço vermelho ordinário em volta do pescoço.



“Acordei sobressaltado e tive a surpresa de vê-lo de pé junto à minha cama, metido num grosseiro traje de marinheiro.” [Artista desconhecido, *The Sign of the Four*, Nova York/Boston, H.M. Caldwell Co., s.d.]

“Vou descer o rio, Watson”, disse ele. “Estive revolvendo esse assunto na minha mente, e só consigo ver uma saída. Seja lá como for, vale a pena tentar.”

“Nesse caso, posso ir com você?”

“Não; você pode ser mais útil se ficar aqui como meu representante. Estou relutando em ir, porque é muito provável que chegue alguma mensagem durante o dia, embora Wiggins estivesse desanimado ontem à noite. Quero que abra todos os bilhetes e telegramas, e aja segundo seu próprio julgamento caso chegue alguma notícia. Posso contar com você?”

“Sem dúvida.”

“Infelizmente não vai poder me telegrafar, porque ainda não sei onde estarei. Se tiver sorte, porém, não passarei muito tempo fora. Devo ter notícias de um tipo ou outro antes de voltar.”

Até a hora do desjejum ele não havia dado sinal de vida. Ao abrir o *Standard*, porém, constatei que havia uma nova alusão ao caso.

Com referência à tragédia de Upper Norwood, temos motivos para acreditar que o assunto promete ser ainda mais complexo e misterioso que originalmente se supunha. Novos indícios mostraram que é inteiramente impossível que Mr. Thaddeus Sholto possa ter tido qualquer envolvimento no crime. Ele e a governanta, Mrs. Bernstone, foram ambos libertados ontem à tarde. Acredita-se, no entanto, que a polícia tem uma pista dos verdadeiros culpados, e que ela está sendo investigada por Mr. Athelney Jones da Scotland Yard, com toda a sua conhecida energia e sagacidade. Outras detenções podem ser esperadas a qualquer momento.

“Bastante satisfatório”, pensei. “De todo modo, o amigo Sholto está salvo. Gostaria de saber qual pode ser essa pista nova, embora isto pareça uma forma estereotipada, usada sempre que a polícia comete uma asneira.”

Joguei o jornal na mesa, mas nesse instante bati os olhos na coluna de assuntos pessoais, onde se lia:

PERDIDO – Tendo Mordecai Smith, barqueiro, e seu filho Jim deixado o Desembarcadouro de Smith por volta das três horas da última terça-feira na lancha a vapor *Aurora*, preta com duas listras vermelhas, chaminé preta com uma faixa branca, a soma de cinco libras será paga a qualquer pessoa que possa dar informações a Mrs. Smith, no Desembarcadouro de Smith, ou em Baker Street, 221, quanto ao paradeiro do supracitado Mordecai Smith e da lancha *Aurora*.

Isso era claramente obra de Holmes. O endereço de Baker Street era prova

suficiente disso. Impressionou-me como bastante engenhoso, porque os fugitivos poderiam lê-lo sem ver nele mais do que a ansiedade natural de uma esposa diante do desaparecimento do marido.

Foi um dia longo. Cada vez que alguém batia à porta ou que um passo firme passava pela rua, eu imaginava que era ou Holmes retornando, ou uma resposta ao seu anúncio. Tentei ler, mas meus pensamentos teimavam em voltar para nossa estranha procura e a dupla desencontrada e perversa que perseguíamos. Poderia haver, pensei, alguma falha radical no raciocínio do meu companheiro? Não poderia ele estar se iludindo enormemente? Não poderia sua mente ágil e especulativa ter elaborado essa extravagante teoria com base em premissas falsas? Eu nunca o vira cometer um erro, mas até o dono do mais afiado raciocínio pode se enganar de vez em quando. Ele era propenso, pensei, a cair em erro através do super-refinamento de sua lógica – sua preferência por uma explicação sutil e esquisita quando uma mais simples e mais banal estava bem à mão. Contudo, por outro lado, eu mesmo vira os indícios e ouvira as razões que fundavam suas deduções. Quando rememorei a longa cadeia de circunstâncias curiosas, muitas das quais triviais em si mesmas, mas todas tendendo para a mesma direção, não pude ocultar para mim mesmo que, ainda que a explicação de Holmes fosse incorreta, a verdadeira teoria devia ser igualmente excêntrica e surpreendente.

Às três da tarde ouvi um forte toque da campainha, uma voz impositiva no saguão e, para minha surpresa, ninguém menos que Mr. Athelney Jones foi introduzido. Estava muito diferente, porém, do brusco e autoritário professor de senso comum que assumira o caso tão confiantemente em Upper Norwood. Tinha uma fisionomia deprimida e uma postura humilde, até contrita.

“Bom dia, senhor; bom dia”, disse ele. “Mr. Sherlock Holmes saiu, pelo que entendi?”

“Sim, e não sei ao certo quando voltará. Mas talvez queira esperar. Sente-se e experimente um destes charutos.”

“Obrigado; não seria mau”, disse, enxugando o rosto com um grande lenço estampado vermelho.

“E uísque com soda?”

“Bem, meio copo. Está muito quente para esta época do ano; e não me faltaram preocupações e aborrecimentos. Conhece minha teoria sobre esse caso de Norwood?”



“Tinha uma fisionomia deprimida e uma postura humilde.” [W.H. Hyde, *Harper's Weekly*, 1899, reutilizado de “O paciente residente”, com nova legenda, em *Sherlock Holmes Series*, vol.I, Nova York/Londres, Harper & Bros., 1904]

“Lembro-me de que expressou uma.”

“Bem, fui obrigado a reconsiderá-la. Eu tinha apertado a minha rede em torno de Mr. Sholto, senhor, quando ele escapou por um buraco no meio dela. Foi capaz de provar um álibi que não pôde ser contestado. Desde o momento em que deixou o quarto do irmão, não ficou sequer um instante fora da vista de uma pessoa ou outra. Portanto, não pode ter sido ele que subiu em telhados e se enfiou em alçapões. É um caso muito obscuro, e meu prestígio profissional está em jogo. Eu agradeceria muito um pouco de ajuda.”

“Todos nós precisamos de ajuda vez por outra”, disse eu.

“Seu amigo Mr. Sherlock Holmes é um homem maravilhoso, senhor”, disse ele, numa voz rouca e em tom confidencial. “É um homem imbatível. Já vi aquele rapaz se envolver num grande número de casos, e nunca houve um só sobre o qual não conseguisse lançar alguma luz. É irregular em seus métodos e se lança em teorias um pouco depressa demais; no geral, porém, penso que teria dado um policial dos mais promissores, e não me incomodo que saibam disso. Recebi um telegrama dele esta manhã, pelo qual entendi que encontrou alguma pista nesse caso Sholto. Aqui está sua mensagem.”

Tirou o telegrama do bolso e estendeu-o para mim. Estava datado de Poplar ao meio-dia.

Vá a Baker Street imediatamente. Se eu não tiver voltado, espere por mim. Estou nos calcanhares dessa gangue de Sholto. Pode ir conosco esta noite se quiser participar do desfecho.

“Isto soa bem. Evidentemente ele reencontrou a pista”, disse eu.

“Ah, então ele também andou se enganando”, exclamou Jones com evidente satisfação. “Mesmo os melhores de nós são induzidos em erro às vezes. Claro que isto poderá se provar um alarme falso; mas é meu dever como agente da lei não permitir que nenhuma chance escape. Mas há alguém à porta. Talvez seja ele.”

Ouvimos um passo pesado subindo a escada, acompanhado do ruído ofegante, estertoroso, de um homem com extrema dificuldade para respirar. Uma ou duas vezes ele parou, como se a subida fosse demais para ele, mas finalmente chegou até a nossa porta e entrou. Sua aparência correspondia ao som que tínhamos ouvido. Era um homem idoso, metido num traje de marinheiro, com um velho jaquetão abotoado até o pescoço. Tinha as costas encurvadas, os joelhos tremiam muito e a respiração era penosamente asmática. Enquanto se apoiava num grosso cajado de carvalho, seus ombros se levantavam no esforço de puxar o ar para os pulmões. Tinha um cachecol colorido em torno do queixo, e pude ver pouco do seu rosto, exceto por um par de vivos olhos escuros, encimados por bastas sobrancelhas brancas e longas suíças grisalhas. No conjunto, deu-me a impressão de um respeitável capitão prostrado pelos anos e pela pobreza.

“Que deseja, meu senhor?” perguntei.

Ele olhou à sua volta da maneira metódica da velhice.

“Mr. Sherlock Holmes está?” perguntou.

“Não; mas eu o represento. Pode me comunicar qualquer mensagem que tenha para ele.”

“Era para ele mesmo que eu devia dá-la.”

“Mas eu lhe asseguro que o represento. Era sobre o barco de Mr. Mordecai?”

“Sim. Sei muito bem onde ele está. E sei onde estão os homens que ele procura. E sei onde está o tesouro. Sei tudo sobre isso.”

“Então diga-me, e transmitirei tudo a ele.”

“Era para ele que eu queria dizer”, repetiu ele, com a teimosia petulante de

um homem muito velho.

“Bem, terá de esperar por ele.”

“Não, não; não vou perder um dia inteiro para agradar ninguém. Se Mr. Holmes não está aqui, ele que trate de descobrir tudo por si mesmo. Não gosto do jeito de nenhum dos senhores e não vou dizer uma palavra.”

Arrastou-se em direção à porta, mas Athelney Jones passou na sua frente.

“Espere um instante, meu amigo”, disse. “O senhor tem uma informação muito importante e não deve se retirar. Vou mantê-lo aqui, quer goste ou não, até nosso amigo voltar.”

O velho deu uma corridinha rumo à porta, mas, quando Athelney Jones pôs suas costas largas contra ela, reconheceu a inutilidade de sua resistência.

“Que belo tratamento, este!” gritou, batendo seu cajado no chão. “Vim aqui para ver um cavalheiro, e os senhores, que nunca vi na minha vida, me detêm e me tratam dessa maneira!”

“O senhor não será prejudicado”, disse eu. “Vamos recompensá-lo pela perda de seu tempo. Sente-se aqui no sofá, e não terá de esperar muito.”

Ele pareceu muito mal-humorado e sentou-se com o rosto apoiado nas mãos. Jones e eu retomamos nossos charutos e nossa conversa. De repente, porém, a voz de Holmes irrompeu nos nossos ouvidos.

“Acho que poderiam me oferecer um charuto também”, disse.

Nós dois tivemos um sobressalto. Lá estava Holmes sentado perto de nós com ar de quem se divertia calmamente.

“Holmes!” exclamei. “Você aqui! Mas onde está o velho?”

“Aqui está o velho”, disse ele, segurando um tufo de cabelo branco. “Aqui está ele – peruca, suíças, sobranceiras e tudo. Pensei que meu disfarce era bastante bom, mas palavra que não esperava que passasse por este teste.”

“Ah, seu trapaceiro!” exclamou Jones, deliciado. “Teria dado um ator, e dos melhores. Tinha aquela tosse de asilo de pobres, e aquelas suas pernas bambas valem dez libras por semana. Mas tive a impressão de reconhecer o lampejo dos seus olhos. Não escapou de nós com tanta facilidade, sabe?”

“Passei o dia todo trabalhando nesse disfarce”, disse ele, acendendo seu charuto. “Vocês, sabem, muitos das classes criminosas começam a me conhecer – especialmente desde que nosso amigo aqui passou a publicar alguns de meus casos: assim, só posso entrar em combate sob algum disfarce simples como este. Recebeu meu telegrama?”

“Sim; foi o que me trouxe aqui.”

“Fez progressos no seu caso?”

“Tudo deu em nada. Tive de soltar dois de meus prisioneiros e não há provas contra os outros dois.”

“Não se preocupe. Eu lhe darei dois outros no lugar deles. Mas você deve se pôr sob minhas ordens. Todo o mérito oficial lhe será atribuído, mas tem de agir segundo as linhas que eu determinar. Combinado?”

“Inteiramente, se me ajudar a encontrar os homens.”

“Bem, nesse caso, em primeiro lugar, quero que uma embarcação rápida da polícia – uma lancha a vapor – esteja na Escada de Westminster às sete horas.”

“É fácil conseguir isso. Há sempre uma por ali, mas posso dar um pulo do outro lado da rua e telefonar para garantir.”

“Depois vou precisar de dois homens fortes em caso de resistência.”

“Haverá dois ou três na embarcação. Que mais?”

“Quando prendermos os homens, teremos o tesouro. Penso que seria um prazer para o meu amigo aqui levar a caixa até a jovem senhora a quem metade dele pertence por direito. Deixar que ela seja a primeira a abri-la. Que acha, Watson?”

“Seria um enorme prazer para mim.”

“Um procedimento bastante irregular”, disse Jones, sacudindo a cabeça. “No entanto, a coisa toda é irregular, e suponho que devemos fazer vista grossa para isso. Depois o tesouro deve ser entregue às autoridades até que a investigação oficial se encerre.”

“Sem dúvida. Não haverá dificuldade nisso. Mais um ponto. Eu gostaria muito de ouvir alguns detalhes sobre este caso dos lábios do próprio Jonathan Small. Sabe que gosto de deslindar os detalhes de meus casos. Há alguma objeção a que eu tenha uma entrevista não oficial com ele, seja em meu apartamento ou em algum outro lugar, contanto que ele seja eficientemente vigiado?”

“Bem, você é o senhor da situação. Ainda não tenho nenhuma prova da existência de Jonathan Small. Mas, se você conseguir agarrá-lo, não vejo como lhe recusar uma entrevista com ele.”

“Isto está entendido, então?”

“Perfeitamente. Mais alguma coisa?”

“Apenas que insisto que jante conosco. Estará pronto dentro de meia hora. Tenho ostras e um par de tetrazes, com algumas opções de vinho branco. Você nunca reconheceu meus méritos como dona de casa, Watson.”

X. O FIM DO ILHÉU

TIVEMOS UMA refeição alegre. Holmes podia falar extremamente bem quando queria, e nessa noite ele quis. Parecia estar num estado de exaltação nervosa. Nunca o vi tão brilhante. Falou sobre uma rápida sucessão de assuntos – sobre milagres, cerâmica medieval, violinos Stradivarius, o budismo do Ceilão e os navios de guerra do futuro – tratando de cada um como se o tivesse estudado especialmente. Seu excelente humor assinalou a reação à sua grave depressão dos dias anteriores. Athelney Jones provou-se uma alma sociável em suas horas de relaxamento e enfrentou seu jantar com o ar de um *bon vivant*. Quanto a mim, sentia-me exultante à ideia de que estávamos nos aproximando do fim de nossa tarefa, e absorvi um pouco da jovialidade de Holmes. Durante o jantar, nenhum de nós aludiu ao motivo que nos reunira.

Quando a toalha foi retirada, Holmes deu uma olhada no seu relógio e encheu três copos de porto.

“Um copo até a borda”, disse, “ao sucesso de nossa pequena expedição. E agora é hora de partirmos. Tem uma pistola, Watson?”

“Meu velho revólver de serviço está na minha escrivaninha.”

“Então é melhor pegá-lo. É bom estar preparado. Vejo que o fiacre está na porta. Chamei-o para as seis e meia.”

Passava um pouco das sete quando chegamos ao desembarcadouro de Westminster e encontramos a lancha à nossa espera. Holmes examinou-a criticamente.

“Há alguma coisa que indique que é uma embarcação da polícia?”

“Sim; aquela grande lâmpada verde do lado.”

“Então retire-a.”

A pequena mudança foi feita, subimos a bordo e as amarras foram soltas. Jones, Holmes e eu nos sentamos na popa. Havia um homem no leme, um para cuidar das máquinas e dois troncudos inspetores de polícia à frente.

“Para onde?” perguntou Jones.

“Para a Torre. Diga-lhes que parem em frente ao Estaleiro de Jacobson.”

Nossa embarcação era evidentemente muito rápida. Ultrapassamos as longas linhas de barcas carregadas como se elas estivessem paradas. Holmes sorriu satisfeito quando alcançamos um vapor fluvial e o deixamos para trás.

“Devemos ser capazes de alcançar qualquer coisa no rio”, disse.

“Bem, talvez nem tanto. Mas não há muitas lanchas capazes de nos vencer.”

“Teremos de capturar a *Aurora*, e ela tem fama de muito veloz. Vou lhe dizer em que pé estão as coisas, Watson. Lembra-se de como fiquei aborrecido por ser estorvado por uma coisa tão pequena?”

“Sim.”

“Bem, concedi à minha mente um descanso em regra mergulhando numa análise química. Segundo um de nossos maiores estadistas, uma mudança de trabalho é o melhor descanso. De fato. Depois que consegui dissolver o hidrocarboneto com que estava trabalhando, voltei para nosso problema dos Sholto e refleti profundamente sobre todo o assunto novamente. Meus meninos haviam batido rio acima e rio abaixo sem resultado. A lancha não estava em nenhum píer ou desembarcadouro, e tampouco tinha voltado. No entanto, dificilmente poderiam tê-la afundado para esconder seus vestígios, embora isso sempre permanecesse como uma hipótese possível caso tudo o mais falhasse. Eu sabia que esse Small tinha certo grau de astúcia vulgar, mas não o considerava capaz de nenhum gesto de requintada *finesse*. Esta é em geral produto de instrução superior. Refleti então que, como ele certamente estava em Londres havia algum tempo – pois tínhamos indícios de que mantinha contínua vigilância sobre Pondicherry Lodge –, dificilmente poderia ter deixado a cidade de repente; precisaria de algum tempo, pelo menos um dia, para organizar suas coisas. Esse era, de todo o modo, o saldo das probabilidades.”

“Isso parece-me um pouco fraco”, disse eu; “é mais provável que tivesse organizado suas coisas antes de dar início a essa expedição.”

“Não, realmente não concordo. Esse covil seria um refúgio demasiado valioso em caso de necessidade para que ele o abandonasse antes de ter certeza de poder dispensá-lo. Jonathan Small deve ter percebido que a aparência peculiar de seu companheiro, por mais que o cobrisse de roupas, suscitaria rumores, e provavelmente seria associada à tragédia de Norwood.

Era atilado o bastante para ver isso. Eles haviam partido de seu quartel-general sob a proteção das trevas, e ele desejaria voltar antes que fosse dia claro. Ora, eram três horas, segundo Mrs. Smith, quando eles pegaram a lancha. Dentro de uma hora, aproximadamente, estaria completamente claro e as pessoas estariam em circulação. Portanto, raciocinei, eles não foram muito longe. Pagaram bem a Smith para que ficasse de boca calada, reservaram sua lancha para a fuga final e correram para seu refúgio com a caixa do tesouro. Dali a duas noites, quando tivessem tido tempo de ver o ponto de vista que os jornais adotavam, e se havia alguma suspeita, se dirigiriam ao abrigo da escuridão para algum navio em Gravesend ou nos Downs, onde sem dúvida já teriam providenciado passagens para os Estados Unidos ou as colônias.”

“Mas e a lancha? Não poderiam tê-la levado para seu refúgio.”

“Exatamente. Raciocinei que a lancha não deve estar muito longe, apesar de sua invisibilidade. Pus-me então no lugar de Small e encarei a questão como o faria um homem de seu gabarito. Provavelmente ele pensaria que mandar a lancha de volta ou mantê-la em algum píer tornaria a busca fácil caso a polícia estivesse no seu rastro. Como, então, poderia esconder a lancha e não obstante tê-la à mão quando necessário? Imaginei o que eu mesmo faria se estivesse no seu lugar. Só consegui pensar em uma saída. Eu poderia entregar a lancha a algum fabricante ou consertador de lanchas, com instruções para alterá-la ligeiramente. Ela seria então removida para um galpão ou estaleiro, ficando assim eficazmente escondida, ao mesmo tempo em que poderia tê-la dentro de poucas horas quando a requisitasse.”

“Parece bastante simples.”

“São exatamente essas coisas muito simples que tendem a passar despercebidas. Decidi, no entanto, agir com base nessa ideia. Comecei imediatamente, metido nesta inofensiva roupa de marinheiro, e indaguei em todos os estaleiros rio abaixo. Dei com os burros n’água em quinze, mas no décimo sexto – o de Jacobson – fiquei sabendo que o *Aurora* lhes fora entregue dois dias antes por um homem de perna de pau, com algumas instruções banais quanto a seu leme. “Não havia nada de errado com o leme dela”, disse o capataz. “Lá está ela, com as listras vermelhas.” Nesse momento, quem haveria de chegar, senão Mordecai Smith, o dono desaparecido! Estava bastante bêbado. Eu não o teria reconhecido, é claro, mas ele berrou seu nome e o de sua lancha. ‘Preciso dela esta noite às oito horas’, disse – ‘oito horas em ponto, ouçam bem, pois tenho dois cavalheiros que não podem ficar esperando.’ Evidentemente eles lhe haviam pagado bem,

pois estava cheio de dinheiro, jogando xelins para os homens. Segui-o a alguma distância, mas ele se deixou ficar numa cervejaria; assim, voltei ao estaleiro e, tendo encontrado por acaso um de meus meninos no caminho, plantei-o como sentinela sobre a lancha. Deveria ficar na beira da água e agitar seu lenço para nós quando eles partissem. Estaremos na água, a certa distância, e será estranho se não capturarmos homens, tesouro e tudo.”

“Você planejou tudo muito bem, quer eles sejam os homens certos ou não”, disse Jones; “mas se o caso estivesse em minhas mãos, eu teria deixado um pelotão de policiais no Estaleiro de Jacobson para prendê-los assim que chegassem.”

“O que teria sido nunca. Esse Small é um sujeito muito ladino. Ele mandaria um observador na frente, e, se alguma coisa despertasse sua desconfiança, continuaria escondido por mais uma semana.”

“Mas você poderia ter se agarrado a Mordecai Smith, e assim sido conduzido ao esconderijo deles”, disse eu.

“Nesse caso teria desperdiçado o meu dia. Acho que as chances são de cem contra um de que Smith não saiba onde eles moram. Contanto que tenha bebida e boa paga, por que faria perguntas? Eles lhe enviam mensagens dizendo o que fazer. Não, pensei em todos os caminhos possíveis, e este é o melhor.”

Enquanto essa conversa prosseguia, transpúnhamos rapidamente a longa série de pontes que cruzam o Tâmis. Quando passamos pela City, os últimos raios de sol douravam a cruz no topo de St. Paul’s. O crepúsculo desceu antes de chegarmos à Torre.

“Aquele é o Estaleiro de Jacobson”, disse Holmes, apontando para um punhado de mastros e cordames do lado de Surrey. “Vamos circular devagar para cima e para baixo por aqui, acobertados por esta fileira de batelões.” Tirou do bolso um par de binóculos noturnos e contemplou a margem por algum tempo. “Vejo minha sentinela no seu posto”, observou, “mas nem sinal de lenço.”

“E se descermos um pouco o rio e ficarmos à espera deles?” disse Jones, impaciente.

Naquela altura estávamos todos ansiosos, até os policiais e os foguistas, que tinham uma vaga ideia do que estava acontecendo.

“Não temos o direito de presumir nada”, respondeu Holmes. “Certamente as chances são de dez contra um que descerão o rio, mas não podemos ter certeza. Deste ponto podemos ver a entrada do estaleiro, e eles quase

certamente não podem nos ver. Teremos uma noite clara, com muita luminosidade. Devemos ficar onde estamos. Vejam quanta gente ali adiante, à luz do gás.”

“Estão deixando o trabalho no estaleiro.”

“Gentinha sórdida, mas suponho que cada um oculte em si uma pequena centelha imortal. Olhando-os, não pensaríamos isso. Não há nenhuma probabilidade *a priori* a esse respeito. Estranho enigma é o homem!”

“Alguém o chama de uma alma escondida num animal”, sugeri.

“Winwood Reade fala bem sobre esse assunto”, disse Holmes. “Ele observa que, enquanto o homem individual é um enigma insolúvel, no agregado ele se torna uma certeza matemática. Nunca podemos prever, por exemplo, o que um único homem fará, mas podemos dizer com precisão o comportamento de um número médio. Indivíduos variam, mas porcentagens permanecem constantes. Assim dizem os estatísticos. Mas estou vendo um lenço? Certamente há algo branco esvoaçando lá adiante.”

“Sim, é o nosso menino”, exclamei. “Posso vê-lo claramente.”

“E lá vai a *Aurora*”, exclamou Holmes, “correndo como o demônio! Para a frente a todo vapor, engenheiro. Siga aquela lancha com a luz amarela. Por Deus, nunca me perdoarei se a perdermos de vista!”

Ela havia se esgueirado sem que a víssemos através da entrada do estaleiro e passado entre duas ou três pequenas embarcações, de modo que já estava bastante acelerada antes que a víssemos. Agora voava rio abaixo, próxima da margem, numa velocidade assombrosa. Jones olhou-a gravemente e sacudiu a cabeça.

“É rápida demais”, disse. “Duvido que consigamos alcançá-la.”

“Temos de alcançá-la!” exclamou Holmes por entre os dentes. “Mais carvão, foguistas! Façam-na dar tudo que pode! Mesmo que tenhamos de queimar o barco, temos de pegá-los!”

Estávamos a uma razoável distância dela agora. As fornalhas rugiam e as poderosas máquinas zuniam e retiniam como um coração de metal. A proa pontuda cortava a água parada do rio e gerava duas ondas revoltas à esquerda e à direita de nós. A cada pulsação da máquina ela saltava e estremecia como uma coisa viva. Uma grande lanterna amarela em nossa proa lançava uma longa e bruxuleante faixa de luz diante de nós. Bem à nossa frente uma mancha escura sobre a água mostrava onde estava a *Aurora* e o torvelinho de espuma atrás dela revelava a velocidade em que seguia. Passávamos como relâmpagos por barcas, vapores, navios mercantes, à direita e à esquerda,

atrás deste e contornando aquele. Vozes nos saudavam da escuridão, mas a *Aurora* continuava estrondeando e nós continuávamos na sua rabeira.

“Mais carvão, homens, mais carvão!” gritava Holmes, olhando para a sala de máquinas lá embaixo, enquanto o intenso fulgor que subia se refletia em seu rosto ansioso. “Consigam cada libra de pressão que puderem.”

“Acho que ganhamos um pouco de terreno”, disse Jones, os olhos na *Aurora*.

“Tenho certeza disso”, disse eu. “Estaremos ao lado dela dentro de bem poucos minutos.”

Nesse instante, porém, para nosso grande azar, um rebocador que vinha puxando três barcas se enfiou entre nós. Só evitamos uma colisão girando o leme inteiramente para um lado, e antes que pudéssemos contorná-los e retomar nosso curso a *Aurora* havia ganhado uns bons duzentos metros. Continuava, contudo, bem à nossa vista, e o crepúsculo sombrio, incerto, estava se transformando numa noite clara e estrelada. Nossas caldeiras funcionavam no limite, e o casco frágil vibrava e estalava com a energia feroz que nos impelia. Havíamos passado a toda pelo Pool, pelas West India Docks, descido o longo Deptford Reach, e voltado a subir após contornar a Isle of Dogs. A mancha fosca à nossa frente definiu-se agora nitidamente na encantadora *Aurora*. Jones apontou nosso holofote para ela, de modo que pudemos ver claramente as figuras em seu convés. Um homem ia sentado na popa, curvado sobre algo preto que tinha entre os joelhos. Ao lado dele havia uma massa escura, que parecia um terra-nova. O menino segurava o leme, enquanto, contra o clarão vermelho da fornalha, pude ver o velho Smith nu da cintura para cima e atirando carvão desesperadamente. Talvez tivessem se perguntado, de início, se estávamos realmente no seu encalço, mas agora, quando acompanhávamos cada volta e guinada que davam, não podia mais haver nenhuma dúvida quanto a isso. Em Greenwich, estávamos a cerca de duzentos e vinte metros deles. Em Blackwell, não podíamos estar a mais de cento e noventa. Cacei muitos animais em muitos países durante minha diversificada carreira, mas nunca o esporte me deu uma emoção tão intensa quanto essa louca caçada humana pelo Tâmis. A cada instante nos aproximávamos deles, metro a metro. No silêncio da noite podíamos ouvir suas máquinas resfolegando e retinindo. O homem na popa continuava agachado sobre o convés, e seus braços se moviam como se ele estivesse ocupado, enquanto volta e meia levantava a cabeça e media com um olhar a distância que ainda nos separava. Chegávamos cada vez mais perto. Jones

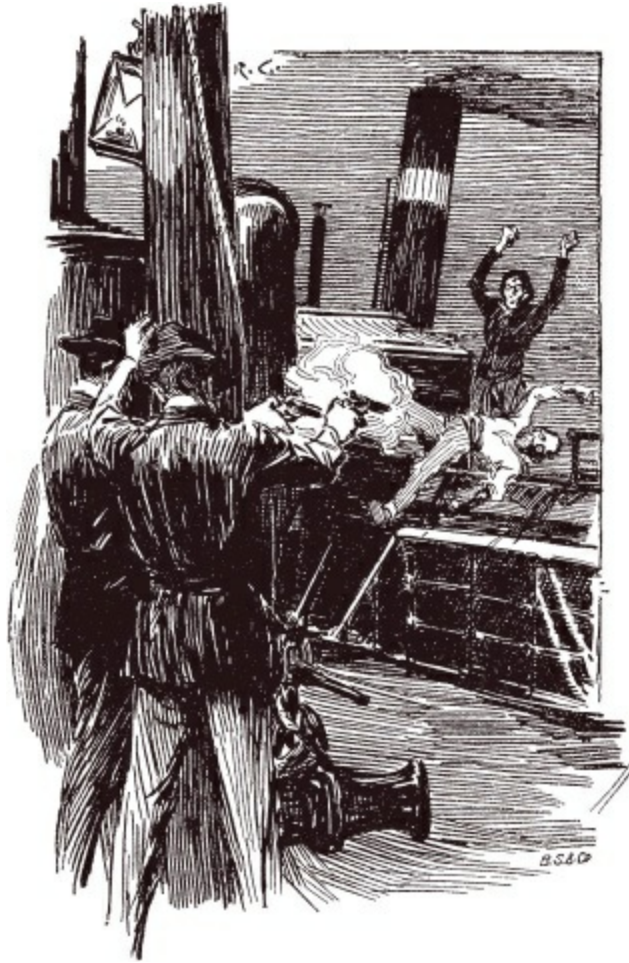
gritou-lhes que parassem. Não estávamos a mais do que o comprimento de quatro embarcações atrás deles, ambas as lanchas correndo em tremenda velocidade. Era um trecho desobstruído do rio, com Barking Level de um lado e os melancólicos Plumstead Marshes do outro. Aos nossos gritos, o homem na popa saltou do convés e sacudiu seus dois punhos fechados para nós, enquanto praguejava com uma voz aguda, de taquara rachada. Era um homem de bom tamanho, vigoroso e, quando se equilibrou de pernas abertas, pude ver que da coxa para baixo tinha apenas uma perna de pau do lado direito. Ao som de seus gritos estridentes, irritados, houve um movimento no amontoado confuso sobre o convés. Ele se transformou num homenzinho preto – o menor que eu já vira – com uma cabeça grande e malformada e uma cabeleira desgrenhada. Holmes já puxara seu revólver, e eu saquei o meu à vista daquela criatura selvagem, monstruosa. Ele estava enrolado numa espécie de casacão ou manta escura, que deixava apenas seu rosto exposto, mas esse rosto era o bastante para tirar o sono de um homem. Eu nunca vira traços tão profundamente marcados pela bestialidade e a crueldade. Seus olhinhos fulguravam com uma luz sinistra e os lábios grossos arreganhados deixavam ver dentes que rangiam para nós com fúria semianimal.

“Atire se ele levantar a mão”, disse Holmes calmamente.

Estávamos a um barco de distância a essa altura, e quase podíamos tocar a nossa presa. Posso ver os dois homens agora como naquele momento, o branco com as pernas muito abertas, gritando pragas, e o ímpio anão com seu rosto medonho e seus dentes fortes, amarelos, que ele rilhava para nós à luz de nossa lanterna.

Felizmente tínhamos uma visão tão nítida dele. Sob nossos olhos, puxou de sob a manta um pedaço de madeira curto e arredondado, como uma régua escolar, e levou-o aos lábios. Nossas pistolas dispararam juntas. Ele rodopiou, jogou os braços para o ar e, com uma espécie de tosse sufocada, caiu de lado na correnteza. Vi de relance seus olhos malévolos, ameaçadores, em meio ao torvelinho branco das águas. No mesmo instante o homem de perna de pau se jogou sobre o leme e girou-o todo, de modo que seu barco deu uma guinada para a margem sul, enquanto passávamos a menos de um metro de sua popa. Num instante demos a volta e investimos contra ele, mas já estava próximo da margem. Era um lugar agreste e desolado, onde a lua brilhava sobre uma vasta extensão de brejos, com poços de água estagnada e trechos de vegetação deteriorada. A lancha, com um baque surdo, jogou-se contra a margem lamacenta, ficando com a proa no ar e a popa ao nível da

água. O fugitivo saltou, mas a perna de pau afundou-se instantaneamente no solo encharcado. Foi em vão que lutou e se contorceu. Não era capaz de dar um passo, nem para a frente nem para trás. Gritava em sua raiva impotente e chutava freneticamente a lama com o outro pé; mas seus esforços só afundaram seu toco de pau mais profundamente na ribanceira viscosa. Quando atracamos nossa lancha bordo com bordo à deles, estava tão firmemente ancorado que só lhe amarrando a ponta de uma corda aos ombros conseguimos arrancá-lo e arrastá-lo, como a um peixe feroz, para o nosso lado. Os dois Smith, pai e filho, permaneceram em sua lancha, taciturnos, mas, a uma ordem nossa, entraram em nosso barco docilmente. A própria *Aurora* foi arrastada e amarrada à nossa popa. Sobre o convés, estava um sólido baú de ferro de fabricação indiana. Era, não podia haver dúvida, o mesmo que contivera o agourento tesouro dos Sholto. Não havia nenhuma chave, mas como era consideravelmente pesado, tratamos de transferi-lo cuidadosamente para nossa pequena cabine. Quando voltamos a avançar lentamente rio acima, apontamos nosso holofote em todas as direções, mas não havia nenhum sinal do ilhéu. Em algum lugar na vaza escura que forra o Tâmisa jazem os ossos daquele estranho visitante às nossas plagas.



“Nossas pistolas dispararam juntas.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]



“Gritava em sua raiva impotente.” [F.H. Townsend, *The Sign of Four*, Londres, George Newnes, Ltd., 1903]

“Veja só”, disse Holmes, apontando para a escotilha de madeira. “Não chegamos a ser suficientemente rápidos com nossas pistolas.” De fato, estava cravado ali, pouco atrás do ponto em que estivéramos, um daqueles dardos assassinos que tão bem conhecíamos. Devia ter passado zunindo entre nós no instante em que atiramos. Holmes sorriu diante daquilo e deu de ombros à sua maneira despreocupada, mas confesso que senti náuseas ao pensar na horrível morte que passara tão perto de nós aquela noite.

XI. O FABULOSO TESOURO DE AGRA

NOSSE PRISIONEIRO sentou-se na cabine defronte à caixa de ferro que tanto fizera e tanto ansiara por ganhar. Era um sujeito queimado de sol, de olhos afoitos; a rede de linhas e rugas cobrindo seus traços morenos falava de uma vida árdua, ao relento. Seu queixo barbado, singularmente proeminente, assinalava um homem que não pode ser facilmente desviado de seu propósito. Devia ter uns cinquenta e três anos, pois o cabelo preto e ondulado estava bastante grisalho. Seu semblante em repouso não era desagradável, embora as sobrancelhas pesadas e o queixo agressivo lhe dessem, como eu vira havia pouco, uma expressão terrível quando enraivecido. Agora estava sentado, as mãos algemadas no colo, a cabeça enfiada no peito, enquanto mantinha os olhos vivos e pestanejantes na caixa que fora a causa de suas atrocidades. Tive a impressão de que havia mais sofrimento que ódio em sua fisionomia rígida e contida. Uma vez olhou para mim com um lampejo de algo parecido com humor em seus olhos.

“Bem, Jonathan Small”, disse Holmes, acendendo um charuto, “lamento que as coisas tenham acabado assim.”

“Eu também, senhor”, respondeu ele francamente. “Não acredito que possa ser enforcado por isso. Posso lhe jurar sobre a Bíblia que nunca levantei a mão contra Mr. Sholto. Foi Tonga, o demoniozinho, que disparou um de seus malditos dardos nele. Fiquei tão triste como se fosse um parente meu. Chicoteei o diabinho com a ponta solta da corda, mas o mal estava feito e não pude desfazê-lo.”



“Agora estava sentado, as mãos algemadas no colo.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Tome um charuto”, disse Holmes; “e faria bem tomando um trago do meu frasco, pois está encharcado. Como pôde esperar que um homem tão pequeno e fraco como esse negrinho dominasse Mr. Sholto e o contivesse enquanto você escalava a corda?”

“Parece saber tão bem o que aconteceu como se estivesse lá, senhor. A verdade é que eu esperava encontrar o quarto vazio. Conhecia bastante bem os hábitos da casa, e aquela era a hora em que Mr. Sholto costumava descer para seu jantar. A melhor defesa que posso apresentar é a simples verdade. Agora, se tivesse sido o velho major, eu teria arriscado a força matando-o de coração leve. Dar-lhe uma facada não me teria custado mais que fumar este charuto. Mas é horrível ser preso por causa desse jovem Sholto, com quem eu não tinha nenhuma desavença.”

“Você está sob a guarda de Mr. Athelney Jones, da Scotland Yard. Ele vai levá-lo ao meu apartamento, e eu lhe pedirei um relato fiel do ocorrido. Trate

de confessar tudo, porque, se o fizer, espero poder lhe ser útil. Acho que posso provar que o veneno age tão rapidamente que o homem já estava morto antes que você chegasse ao quarto.”

“E estava mesmo, senhor. Nunca levei um susto tão grande como ao vê-lo sorrindo para mim com aquela cabeça caída sobre o ombro quando entrei pela janela. Aquilo me abalou muito, senhor. Eu teria quase matado o Tonga se ele não tivesse conseguido se escafeder. Foi por isso que ele deixou seu porrete, e alguns de seus dardos também, como me contou, que certamente ajudaram a pôr o senhor na nossa pista; embora eu não tenha ideia de como conseguiu não perdê-la. Não lhe quero mal por isso. Mas realmente parece uma coisa estranha”, acrescentou com um sorriso amargo, “que eu, que tenho legítimo direito a meio milhão de libras, tenha passado metade da minha vida construindo um quebra-mar nas ilhas Andamão, e provavelmente vá passar a outra metade cavando esgotos em Dartmoor. Maldito o dia em que bati os olhos pela primeira vez no mercador Achmet e me envolvi com o tesouro de Agra, que nunca levou a nada senão desgraça para o homem que o possuía. Para ele, levou assassinato, para o major Sholto, medo e culpa, enquanto para mim significou escravidão perpétua.”

Nesse momento Athelney Jones enfiou a cara e os ombros grossos na pequenina cabine.

“Uma festinha em família”, observou. “Acho que vou tomar um gole desse frasco, Holmes. Bem, penso que podemos nos congratular. Pena que não tenhamos pegado o outro vivo, mas não houve escolha. Sabe, Holmes, você tem que admitir que foi por pouco. Mal conseguimos alcançá-la.”

“Tudo está bem quando acaba bem”, disse Holmes. “Mas eu realmente não sabia que a *Aurora* era tão veloz.”

“Smith diz que é uma das lanchas mais rápidas no rio e que se tivesse tido mais um homem para ajudá-lo com as máquinas nunca a teríamos alcançado. Ele jura que não sabia nada desse caso de Norwood.”

“Não sabia mesmo”, exclamou nosso prisioneiro – “nem uma palavra. Escolhi sua lancha porque ouvi falar que era ligeira. Não lhe dissemos nada; mas o pagamos bem, e ele receberia uma bela recompensa se chegássemos ao nosso navio, o *Esmeralda*, em Gravesend, de partida para os *Brazils*.”

“Bem, se ele não fez nada de mal, cuidaremos para que nada de mal lhe seja feito. Somos muito rápidos em prender nossos homens, mas não tão rápidos em condená-los.” Era divertido ver como o pomposo Jones já começava a se dar ares com base na captura. Pelo leve sorriso que brincou no

rosto de Sherlock Holmes, pude ver que o comentário não lhe escapara.

“Logo estaremos em Vauxhall Bridge”, disse Jones, “e vamos desembarcá-lo, dr. Watson, com a caixa do tesouro. Nem preciso lhes dizer que estou assumindo uma gravíssima responsabilidade ao permitir isso. É extremamente irregular; mas trato é trato, é claro. Devo contudo, por uma questão de obrigação, enviar um inspetor com o senhor, já que leva uma carga tão valiosa. Irá de carro, sem dúvida?”

“Sim, irei de carro.”

“É uma pena que não tenhamos uma chave para podermos fazer primeiro um inventário. O senhor terá de arrombá-la. Onde está a chave, Small?”

“No fundo do rio”, foi a resposta concisa.

“Hum! Você não precisava nos dar esse trabalho desnecessário. Já nos deu o suficiente. Seja como for, doutor, não preciso lhe recomendar que seja cuidadoso. Leve a caixa de volta consigo para o apartamento de Baker Street. Vai nos encontrar lá, a caminho do distrito.”

Deixaram-me em Vauxhall, com minha pesada caixa de ferro, e com um bronco mas afável inspetor como companheiro. Uma viagem de um quarto de hora nos levou à casa de Mrs. Cecil Forrester. A criada pareceu surpresa com uma visita tão tardia. Mrs. Cecil Forrester saíra, explicou, e provavelmente voltaria muito tarde. Miss Morstan, contudo, estava na sala de estar; assim, rumei para lá, caixa na mão, deixando o obsequioso inspetor no carro.

Miss Morstan estava sentada junto à janela, vestida num diáfano tecido branco, com um pequeno toque de vermelho no pescoço e na cintura. A luz suave de um abajur caía sobre ela quando recostava na cadeira de vime, brincando sobre seu rosto meigo e grave e colorindo com um lampejo fosco, metálico, as magníficas ondas de seu luxuriante cabelo. Um braço branco pendia ao lado da cadeira e toda a sua postura e figura falavam de uma intensa melancolia. Ao som de meus passos ela se levantou de um salto, porém, e um vivo rubor de surpresa e prazer coloriu suas faces pálidas.

“Ouvi um carro chegar”, disse. “Pensei que Mrs. Forrester havia voltado cedo, mas nunca imaginei que pudesse ser você. Que notícias me traz?”

“Trago coisa melhor que notícias”, respondi, pondo a caixa sobre a mesa e falando de maneira impetuosa e jovial, embora sentisse o coração apertado no peito. “Trouxe-lhe algo que vale todas as notícias do mundo. Trouxe-lhe uma fortuna.”

Ela lançou um olhar à caixa de ferro.

“Aquele é o tesouro, então?” perguntou, num tom bastante frio.

“Sim, é o fabuloso tesouro de Agra. Metade dele é seu e metade é de Thaddeus Sholto. Vocês terão algumas centenas de milhares cada um. Imagine isso! Uma renda anual de dez mil libras. Haverá poucas jovens senhoras mais ricas na Inglaterra. Não é glorioso?”

Creio que devo ter exagerado na expressão de meu deleite, e que ela detectou um tom falso em minhas congratulações, pois vi suas sobrancelhas se erguerem um pouco, e ela me lançou um olhar curioso.

“Se o tenho”, disse, “devo-o a você.”

“Não, não”, respondi, “não a mim, mas a meu amigo Sherlock Holmes. Nem com toda a vontade deste mundo eu teria conseguido seguir uma pista que desafiou até seu gênio analítico. Na verdade, quase a perdemos no último momento.”

“Por favor, sente-se e conte-me tudo sobre isso, dr. Watson”, disse ela.

Narrei brevemente o que se passara desde que eu a vira pela última vez. O novo método de investigação de Holmes, a descoberta da *Aurora*, o aparecimento de Athelney Jones, nossa expedição ao anoitecer e a perseguição desesperada pelo Tâmis. Ela ouviu o relato de nossas aventuras de lábios entreabertos e olhos reluzindo. Quando falei do dardo que por tão pouco não nos atingira ela ficou tão branca que temi que estivesse prestes a desmaiar.

“Não é nada”, disse quando me apressei a lhe servir um pouco d’água. “Estou bem de novo. Foi um choque para mim ouvir que pus meus amigos em tão terrível perigo.”

“Tudo está terminado”, respondi. “Não foi nada. Não vou lhe contar mais detalhes sinistros. Falemos de algo mais auspicioso. Aqui está o tesouro. Que poderia ser mais auspicioso que isto? Consegui permissão para trazê-lo comigo, pensando que lhe interessaria ser a primeira a vê-lo.”

“Seria do maior interesse para mim”, disse ela. Mas não havia nenhuma animação na sua voz. Ocorrera-lhe, sem dúvida, que poderia parecer descortês de sua parte mostrar-se indiferente a um prêmio cuja conquista fora tão difícil.

“Que linda caixa!” disse, inclinando-se sobre ela. “É um trabalho indiano, não?”

“Sim; é trabalho em metal de Benares.”

“E tão pesada!” exclamou ela, tentando levantá-la. “Só a caixa já deve ter algum valor. Onde está a chave?”

“Small jogou-a no Tâmis”, respondi. “Preciso pedir emprestado o

atiçador de Mrs. Forrester.”

Havia na frente uma grossa e larga argola de cadeado, trabalhada na forma de uma imagem de um Buda sentado. Enfiei sob ela a ponta do atiçador e o torci para fora como uma alavanca. A argola se abriu com um sonoro estalo. Com dedos trêmulos, levantei a tampa. Nós dois ficamos olhando, assombrados. A caixa estava vazia!

Não era de espantar que fosse tão pesada. O revestimento de ferro tinha quase dois centímetros de espessura em toda ela. Era maciça, bem-feita e sólida, como um baú construído para carregar coisas de grande preço, mas dentro dela não havia um só resquício de metal ou pedrarias. Estava absoluta e completamente vazia.

“O tesouro desapareceu”, disse Miss Morstan calmamente.

Quando ouvi essas palavras e compreendi seu significado, tive a impressão de que uma grande sombra abandonava minha alma. Eu não sabia o quanto aquele tesouro de Agra me oprimira, até agora que ele finalmente deixava de existir. Era egoísta, sem dúvida, desleal, errado, mas eu não podia pensar em nada senão que a barreira de ouro que se erguia entre nós desaparecera.

“Graças a Deus!” exclamei do fundo do coração.

Ela olhou para mim com um sorriso rápido, inquisitivo.

“Por que diz isso?”

“Porque você está ao meu alcance de novo”, respondi, tomando-lhe a mão. Ela não a retirou. “Porque eu a amo, Mary, tão verdadeiramente quanto um homem já amou uma mulher. Porque esse tesouro e essas riquezas selavam-me os lábios. Agora que desapareceram, posso lhe dizer como a amo. Foi por isso que disse ‘Graças a Deus’.”

“Então eu digo ‘Graças a Deus’ também”, sussurrou ela, quando a puxei para junto de mim.

Fosse quem fosse que perdera um tesouro, eu soube aquela noite que havia ganhado um.

XII. A ESTRANHA HISTÓRIA DE JONATHAN SMALL

AQUELE INSPETOR no fiacre era um homem muito paciente, pois se passou muito tempo antes que eu retornasse. Seu semblante anuviou-se quando lhe mostrei a caixa vazia.

“Lá se vai minha recompensa!” disse, desgostoso. “Onde não há dinheiro, não há paga. O trabalho desta noite teria valido uma nota de dez libras para mim e outra para Sam Brown se o tesouro estivesse aqui.”

“Mr. Thaddeus Sholto é um homem rico”, disse eu; “tratará de recompensá-los, com ou sem tesouro.”

Mas o inspetor sacudiu a cabeça, desanimado.

“Foi um serviço malfeito”, repetiu ele, “e é isso que Mr. Athelney Jones vai pensar.”

Sua previsão provou-se correta, pois o detetive pareceu perplexo quando cheguei a Baker Street e lhe mostrei a caixa vazia. Eles tinham acabado de chegar, Holmes, o prisioneiro e ele, pois haviam mudado seus planos e se apresentado num distrito policial no caminho. Meu companheiro estava refestelado numa poltrona com sua usual expressão indiferente, e Small sentado à sua frente, impassível, a perna de pau cruzada sobre a boa. Quando exhibi a caixa vazia, ele se recostou na cadeira e deu uma gargalhada.

“Isso foi obra sua, Small”, disse Athelney Jones, irritado.

“Sim, eu o escondi num lugar onde nunca lhe porá as mãos”, exclamou ele, exultante. “O tesouro é meu, e se eu não puder ter o butim tomarei todo o cuidado para que ninguém mais possa. Eu lhe garanto que nenhum homem vivo tem qualquer direito a ele, a não ser três homens que estão no presídio de Andamão e eu mesmo. Sei agora que não posso usá-lo, e sei que eles também não. Tudo que fiz foi por eles, tanto quanto por mim mesmo. O que sempre valeu para nós foi o signo dos quatro. Pois bem, sei que eles teriam

querido que eu fizesse exatamente o que fiz, e jogado o tesouro no Tâmisia em vez de deixá-lo ir para amigos e parentes de Sholto ou Morstan. Não foi para enriquecê-los que demos cabo de Achmet. O senhor encontrará o tesouro no mesmo lugar em que está a chave e em que está Tonga. Quando vi que sua lancha ia nos alcançar, tratei de pôr o butim num lugar seguro. Não há rupias para o senhor nesta viagem.”

“Está nos enganando, Small”, disse Athelney Jones severamente; “se quisesse jogar o tesouro no Tâmisia, teria sido mais fácil fazê-lo com caixa e tudo.”

“Mais fácil para mim jogá-lo e mais fácil para os senhores o encontrarem”, respondeu ele com um astuto olhar de esguelha. “O homem que foi esperto o bastante para me acossar é esperto o bastante para tirar uma caixa de ferro do fundo de um rio. Agora que elas estão espalhadas por uns oito quilômetros, talvez seja um trabalho mais difícil. Mas fiz isso de coração partido. Fiquei semienlouquecido quando nos descobriram. Mas não adianta lamentar. Tive altos e baixos em minha vida, mas aprendi a não chorar sobre o leite derramado.”

“Este é um assunto muito sério, Small”, disse o detetive. “Se você tivesse ajudado a justiça, em vez de frustrá-la dessa maneira, teria tido melhor sorte em seu julgamento.”

“Justiça!” rosnou o ex-prisioneiro. “Bela justiça! De quem é esse butim, se não é nosso? Que justiça é essa que me manda dá-lo a quem nada fez para ganhá-lo? Ouçam como o consegui! Vinte longos anos naquele charco infestado pela febre, trabalhando o dia todo no manguezal, passando a noite acorrentado nas choças imundas dos prisioneiros, picado por mosquitos, sacudido pela sezão, maltratado por todos os guardas negros que gostavam de espezinhar um homem branco. Foi assim que ganhei o tesouro de Agra, e agora os senhores me falam de justiça porque não suporto a ideia de que só paguei esse preço para que um outro o desfrute! Prefiro ser enforcado muitas vezes, ou ter um dos dardos de Tonga fincado no couro, a viver numa cela de prisioneiro e saber que um homem está repimpado num palácio com o dinheiro que devia ser meu.”

Small deixara cair sua máscara de estoicismo, e tudo isso saiu numa torrente desenfreada de palavras, enquanto seus olhos chamejavam e as algemas retiniam uma contra a outra com o movimento apaixonado de suas mãos. Pude compreender, ao ver a fúria e a paixão do homem, que não fora um terror infundado ou anormal que possuía o major Sholto quando ficara

sabendo que o prisioneiro espoliado estava no seu encalço.

“Esquece que não sabemos nada de tudo isso”, disse Holmes calmamente. “Não ouvimos sua história e não podemos saber até que ponto a justiça pode ter estado originalmente do seu lado.”

“Bem, senhor, tem sido muito gentil comigo, embora eu possa ver que não devo agradecer a outra pessoa por estar com estes braceletes nos punhos. Mas não tenho nenhum ressentimento por isso. É tudo justo e às claras. Se quer ouvir minha história, não tenho nenhum desejo de ocultá-la. O que lhe digo é a mais pura verdade, palavra por palavra. Obrigado, pode pôr o copo aqui ao meu lado, e eu porei os lábios nele se tiver sede.

“Sou um homem de Worcestershire, nascido perto de Pershore. Tenho certeza de que encontrariam um monte de Small vivendo lá agora se procurassem. Muitas vezes pensei em dar uma volta por lá, mas a verdade é que nunca fui motivo de muito orgulho para a família e duvido que ficassem muito satisfeitos em me ver. Eram gente equilibrada, frequentadora da igreja, pequenos fazendeiros conhecidos e respeitados na zona rural, enquanto eu era um pouquinho dado à vagabundagem. Finalmente, porém, quando eu tinha uns dezoito, parei de lhes dar preocupação, pois me envolvi numa confusão por causa de uma moça e só pude escapar recebendo o xelim da rainha e ingressando nos Third Buffs, que estava de partida para a Índia.

“Mas eu não estava destinado a servir muito tempo como soldado. Mal aprendera a marchar com passo de ganso e a manejar meu mosquete, cometi a tolice de ir nadar no Ganges. Para sorte minha, o sargento da minha companhia, John Holder, estava na água naquele momento, e era um dos melhores nadadores no serviço. Um crocodilo me abocanhou quando eu estava no meio do rio e me arrancou a perna direita tão habilmente como o teria feito um cirurgião, logo acima do joelho. Com o choque e a perda de sangue, desmaiei, e teria me afogado se Holder não tivesse me agarrado e levado para a margem. Passei cinco meses no hospital por causa disso, e, quando finalmente fui capaz de sair, coxeando, com este pedaço de pau preso ao meu coto, descobri que fora excluído do Exército como inválido e estava inapto para qualquer ocupação.

“Fiquei, como podem imaginar, muito infeliz nessa época, pois era um aleijado inútil, embora ainda não tivesse completado nem vinte anos. Logo, porém, meu infortúnio provou-se uma bênção disfarçada. Um homem chamado Abel White, que aparecera por lá como plantador de índigo, queria um capataz para tomar conta de seus cules e fazê-los trabalhar. Por acaso ele

era amigo de nosso coronel, que havia se interessado por mim desde o acidente. Resumindo uma longa história, o coronel recomendou-me insistentemente para o cargo, já que o trabalho devia ser feito sobretudo a cavalo e minha perna não representava grande obstáculo, pois me sobrava coxa suficiente para me manter firme na sela. O que eu tinha de fazer era percorrer a plantação, ficar de olho nos homens enquanto trabalhavam e denunciar os ociosos. O salário era justo, eu tinha um alojamento confortável e, no geral, estava contente de passar o resto de minha vida em plantações de índigo. Mr. Abel White era um homem bondoso, e muitas vezes aparecia na minha cabaninha para fumar um cachimbo comigo, pois por lá os brancos se afeiçoam uns aos outros como nunca o fazem aqui.

“Bem, minha sorte nunca durou muito. De repente, sem qualquer aviso, o grande motim irrompeu sobre nós. Num mês, a Índia estava tão tranquila e pacífica, aparentemente, quanto Surrey ou Kent; no mês seguinte havia duzentos mil diabos negros à solta e o país era um perfeito inferno. Claro que sabem tudo sobre isso, cavalheiros – muito mais que eu, provavelmente, já que não sou muito chegado a leituras. Só sei o que vi com meus próprios olhos. Nossa plantação ficava num lugar chamado Muttra, perto da fronteira das Províncias Noroeste. Noite após noite o céu ficava todo iluminado com os bangalôs em chamas, e dia após dia tínhamos pequenos grupos de europeus passando por nossa propriedade com suas mulheres e filhos a caminho de Agra, onde estavam as tropas mais próximas. Mr. Abel White era um homem obstinado. Convenceu-se de que a insurreição havia sido exagerada, e que se dissiparia tão rapidamente quanto surgira. Ficava sentado em sua varanda, tomando uísque com soda e fumando charutos, enquanto o país pegava fogo à sua volta. Claro que ficamos ao seu lado, eu e Dawson, que, com sua mulher, cuidava da contabilidade e da administração. Bem, um belo dia o desastre aconteceu. Eu estivera numa plantação distante e voltava a cavalo devagar para casa ao entardecer, quando meu olho bateu em algo amontoado ao pé de um barranco íngreme. Cavalguei até lá para ver o que era, e o sangue gelou em minhas veias quando descobri que era a mulher de Dawson, toda retalhada e semidevorada por chacais e cães nativos. Um pouco adiante na estrada, o próprio Dawson jazia de bruços, inteiramente morto, com um revólver vazio na mão e quatro cipaíes caídos uns sobre os outros diante dele. Freei o cavalo, pensando que caminho tomar; nesse momento, porém, vi rolos densos de fumaça subindo do bangalô de Abel White e as chamas começando a irromper através do telhado. Eu sabia que não podia

fazer nada pelo meu patrão e apenas jogaria minha vida fora se me metesse no assunto. De onde eu estava, podia ver centenas dos demônios negros, com seus paletós vermelhos ainda nas costas, dançando e gritando em volta da casa em chamas. Alguns deles apontavam para mim, e um par de balas passou zunindo rente à minha cabeça; assim, saí na disparada pelos arrozais, e tarde da noite encontrei-me em segurança dentro dos muros de Agra.

“Como veio a se provar, no entanto, também ali não havia grande segurança. O país inteiro estava em polvorosa como um enxame de abelhas. Onde conseguiam se reunir em pequenos bandos, os ingleses simplesmente tentavam conservar o terreno que suas armas controlavam. Em todos os outros lugares, eram fugitivos indefesos. Era uma luta de milhões contra centenas; e a parte mais cruel disso era que esses homens contra quem lutávamos – da infantaria, da cavalaria e da artilharia – eram nossos próprios soldados selecionados, que havíamos ensinado e treinado, manejando nossas próprias armas e dando nossos próprios toques de corneta. Em Agra estavam o 3º Regimento de Fuzileiros de Bengala, alguns siques, duas companhias de cavalaria e uma bateria de artilharia. Formara-se um corpo voluntário de empregados de escritório e comerciantes, e nele eu ingressei, perna de pau e tudo. Fomos ao encontro dos rebeldes em Shahgunge no início de julho e conseguimos fazê-los recuar por algum tempo, mas nossa pólvora acabou e tivemos de retornar à cidade.

“Só as piores notícias nos chegavam de todos os lados – o que não é de espantar, pois olhando o mapa se vê que estávamos bem no coração do motim. Lucknow fica a bem mais de cento e sessenta quilômetros a leste, e Cawnpore mais ou menos à mesma distância ao sul. De todos os pontos da bússola não chegava nada senão tortura, assassinato e atrocidade.

“Agra é uma cidade grande, fervilhando com fanáticos e toda espécie de possessos adoradores do diabo. Nosso punhado de homens estava perdido entre as ruas estreitas e tortuosas. Então nosso líder atravessou o rio e tomou posição no antigo forte de Agra. Não sei se algum dos cavalheiros já leu ou ouviu falar alguma coisa sobre esse velho forte. É um lugar muito esquisito... o mais esquisito em que já estive, e já estive em alguns lugares bem estranhos. Para começar, é enorme. Eu diria que o recinto abrange muitos e muitos acres. Há uma parte moderna, que abrigou toda a nossa guarnição, mulheres, crianças, víveres, munições e tudo o mais e ainda sobrou muito lugar. Mas a parte moderna não é nada comparada com o tamanho da antiga, aonde ninguém vai, e que está entregue aos escorpiões e lacraias. É cheia de

salões enormes, desertos, passagens sinuosas e longos corredores que serpenteiam para cá e para lá, de modo que é muito fácil para uma pessoa perder-se ali. Por essa razão, raramente alguém ia lá, embora vez por outra um grupo munido de tochas pudesse empreender uma exploração.

“O rio banha a frente do velho forte, protegendo-a, mas dos lados e atrás há muitas portas e estas tinham de ser vigiadas, é claro, tanto na parte velha quanto naquela efetivamente ocupada por nossas tropas. Dispúnhamos de pouca gente, mal tendo homens suficientes para guarnecer os ângulos da construção e manejar os canhões. Era-nos impossível, portanto, estacionar uma guarda forte em cada um dos inúmeros portões. O que fizemos foi organizar uma casa da guarda central no meio do forte e deixar cada portão a cargo de um homem branco e dois ou três nativos. Fui escolhido para vigiar durante certas horas da noite uma portinha isolada no lado sudoeste da construção. Dois soldados de cavalaria siques foram postos sob meu comando, e fui instruído a disparar meu mosquete se algo de errado acontecesse, caso em que poderia estar certo de receber ajuda imediata da guarda central. Contudo, como a guarda ficava a uns bons cento e cinquenta metros de distância, e como o espaço intermediário era recortado por um labirinto de passagens e corredores, eu duvidava muito que pudessem chegar a tempo de ter alguma utilidade caso houvesse de fato um ataque.

“Bem, eu estava bastante orgulhoso por me terem dado esse pequeno comando, já que era um recruta inexperiente, e ainda por cima perneta. Durante duas noites montei guarda com meus panjabis. Eram uns sujeitos altos, de ar feroz, chamados Mahomet Singh e Adullah Khan, ambos velhos guerreiros que haviam pegado em armas contra nós em Chilian Wallah. Sabiam falar inglês bastante bem, mas eu não conseguia lhes arrancar muita coisa. Preferiam ficar juntos e tagarelar a noite toda em seu estranho dialeto sique. Quanto a mim, costumava ficar do lado de fora do portão, contemplando o rio largo e sinuoso sob as luzes tremulantes da grande cidade. O rufar dos tambores, o estrépito dos tantãs e os gritos e uivos dos rebeldes, embriagados com ópio e banguê, bastavam para nos lembrar todas as noites de nossos perigosos vizinhos do outro lado do rio. A cada duas horas o oficial da noite costumava fazer a ronda pelos postos, para se certificar de que tudo estava bem.

“Minha terceira noite de vigília foi escura e feia, com uma garoa insistente. Foi enfadonho passar hora após hora junto ao portão com aquele tempo. Tentei entabular conversa com meus siques várias vezes, mas sem

grande sucesso. Às duas da manhã a ronda passou e por um momento quebrou o tédio da noite. Constatando que meus companheiros não queriam conversa, peguei meu cachimbo e pousei o mosquete para riscar o fósforo. Num instante os dois siques estavam sobre mim. Enquanto um deles agarrou minha espingarda de pederneira e a apontou para a minha cabeça, o outro me encostou um facão no pescoço e jurou entre dentes que o fincaria em mim se eu desse um passo.

“Meu primeiro pensamento foi que aqueles sujeitos estavam de conluio com os rebeldes, e que aquilo era o início de um ataque. Se nossa porta caísse nas mãos dos cipaio, o forte seria invadido, e as mulheres e crianças seriam tratadas como em Kanpur. Talvez os senhores pensem que estou apenas tentando me defender, mas eu lhes dou minha palavra de que ao pensar nisso, embora sentisse a ponta do facão no pescoço, abri a boca com a intenção de dar um grito, ainda que fosse o último, que pudesse alertar a guarda principal. O homem que me segurava parecia conhecer meus pensamentos; pois, no mesmo instante em que tomei essa decisão, sussurrou: “Não faça barulho. O forte está seguro. Não há cães rebeldes deste lado do rio.” Havia um tom de verdade no que dizia, e vi que se elevasse a voz seria um homem morto. Podia ler isso nos olhos castanhos do sujeito. Esperei em silêncio, portanto, para ver o que queriam de mim.



“Num instante os dois siques estavam sobre mim.” [J. Watson Davis, *Tales of Sherlock Homes*, Nova York, A.L. Burt Company, 1906]

“‘Ouça-me, *sahib*’, disse o mais alto e mais feroz da dupla, aquele que chamavam de Abdullah Khan. ‘Ou você fica do nosso lado, ou o calaremos para sempre. A coisa é importante demais para que hesitemos. Ou fica de corpo e alma conosco, jurando sobre a cruz dos cristãos, ou seu corpo será jogado no fosso esta noite, e nós nos passaremos para nossos irmãos do exército rebelde. Não há meio-termo. O que vai escolher... a morte ou a vida? Só podemos lhe dar três minutos para decidir, porque o tempo está passando e tudo deve ser feito antes que a ronda volte.’

“‘Como posso decidir?’ perguntei. ‘Não me disseram o que querem de mim. Mas fiquem sabendo que se for alguma coisa contra a segurança do forte, não quero ter nada a ver com isso, de modo que podem tratar de enfiar logo essa faca.’

“‘Não é nada contra o forte’, disse ele. ‘Só lhe pedimos que faça aquilo

que seus compatriotas vêm fazer neste país. Que fique rico. Se você se juntar a nós esta noite, nós lhe juraremos sobre a faca nua e pelo tríplice juramento, que nunca se soube que um sique tenha quebrado, que terá seu quinhão do butim. Um quarto do tesouro será seu. Nada pode ser mais justo.’

“‘Mas que tesouro é esse?’ perguntei. ‘Estou disposto a ficar tão rico como vocês, se quiserem, mas mostrem-me como isso pode ser feito.’

“‘Vai jurar, então’, disse ele, ‘pelos ossos do seu pai, pela honra da sua mãe, pela cruz da sua fé, não levantar a mão nem dizer uma palavra contra nós, nem agora nem depois?’

“‘Juro’, respondi, ‘contanto que o forte não corra perigo.’

“‘Nesse caso, meu camarada e eu juramos que você terá um quarto do tesouro, que será dividido igualmente entre nós quatro.’

“‘Mas somos só três’, contestei.

“‘Não; Dost Akbar deve ter sua parte. Podemos lhe contar a história enquanto os esperamos. Fique no portão, Mahomet Singh, e avise-nos quando chegarem. A coisa está no seguinte pé, *sahib*, e eu lhe conto isto porque sei que um juramento é sagrado para um *feringhee*, e que podemos confiar em você. Se fosse um hindu mentiroso, mesmo que tivesse jurado por todos os deuses de seus templos falsos, seu sangue estaria na faca e seu corpo na água. Mas o sique conhece o inglês, e o inglês conhece o sique. Ouça bem, portanto, o que tenho para dizer.

“‘Há um rajá nas províncias do norte que tem uma grande fortuna, embora suas terras sejam pequenas. Muito lhe veio de seu pai, e mais ainda ele acumulou por si mesmo, porque tem uma natureza mesquinha e guarda seu ouro em vez de gastá-lo. Quando o motim estourou, ele quis ser amigo tanto do leão quanto do tigre... dos cipaio e do domínio da Companhia. Logo, entretanto, pareceu-lhe que o dia dos homens brancos chegara, pois em todo o país não se ouvia falar de outra coisa senão de sua morte e deposição. Contudo, sendo um homem cauteloso, fez planos tais que, acontecesse o que acontecesse, preservaria pelo menos metade de seu tesouro. O que estava em ouro e prata ele guardou a seu alcance nos cofres do palácio; mas pôs numa caixa de ferro as pedras mais preciosas e as pérolas mais raras que possuía e entregou-a a um criado de confiança que, disfarçado de mercador, deveria levá-la para o forte de Agra, onde permaneceria até que o país estivesse em paz. Desse modo, se os rebeldes vencessem ele teria conservado seu dinheiro; mas, se a Companhia saísse vitoriosa, suas joias estariam a salvo. Tendo assim dividido sua fortuna, lançou-se na causa dos cipaio, pois eles estavam

fortes em suas fronteiras. Ao proceder dessa maneira, note bem, *sahib*, seus bens passam a pertencer por direito àqueles que se mantiveram leais à sua causa.

“‘Esse pretenso mercador, que viaja sob o nome de Achmet, está agora na cidade de Agra e deseja chegar ao forte. Tem consigo, como companheiro de viagem, meu irmão de criação Dost Akbar, que conhece o seu segredo. Dost Akbar prometeu levá-lo esta noite a uma porta lateral do forte, e escolheu esta para seu propósito. Chegará aqui dentro em pouco e aqui encontrará Mahomet Singh e a mim à sua espera. O lugar é isolado e ninguém saberá de sua chegada. O mundo não saberá mais nada sobre o mercador Achmet, mas o grande tesouro do rajá será dividido entre nós. O que acha disto, *sahib*?’

“Em Worcerstershire a vida de um homem parece algo de precioso e sagrado, mas é muito diferente onde há fogo e sangue por toda parte à nossa volta, e nos acostumamos a encontrar a morte a todo momento. Que Achmet, o mercador, vivesse ou morresse pouco me importava, mas ao ouvir falar do tesouro entusiasmei-me, e pensei no que poderia fazer na velha pátria com ele, e em como minha gente ficaria espantada ao ver este vadio voltar com os bolsos cheios de *moidores*. Eu já havia, portanto, me decidido. Abdullah Khan, porém, pensando que eu hesitava, continuou insistindo.

“‘Considere, *sahib*’, disse, ‘que se esse homem for pego pelo comandante, será enforcado ou fuzilado, e suas joias tomadas pelo governo, de modo que ninguém ganhará uma rupia. Agora, se nós tratarmos de capturá-lo, por que não deveríamos fazer o resto também? As joias ficarão tão bem conosco quanto nos cofres da Companhia. Haverá o bastante para fazer de cada um de todos nós homens ricos e grandes chefes. Ninguém terá conhecimento de nada, pois aqui estamos isolados de todos. O que poderia ser melhor para nosso objetivo? Diga então novamente, *sahib*, se está conosco, ou se devemos vê-lo como um inimigo.’

“‘Estou de corpo e alma com vocês’, disse eu.

“‘Muito bem’, respondeu ele, devolvendo-me meu mosquete. ‘Veja que confiamos em você, porque sua palavra, como a nossa, não pode ser quebrada. Temos apenas de esperar pelo meu irmão e o mercador.’

“‘Mas seu irmão sabe o que vão fazer?’ perguntei.

“‘O plano é dele. Ele o concebeu. Vamos para o portão montar guarda com Mahomet Singh.’

“A chuva continuava, porque estávamos no início da estação chuvosa. Nuvens escuras e carregadas povoavam o céu e era difícil enxergar alguns

metros adiante. Havia um fosso profundo diante de nossa porta, mas em alguns pontos a água estava quase seca e ele podia ser transposto facilmente. Era estranho para mim estar ali com aqueles dois ferozes panjabis, esperando um homem que viria para morrer.

“De repente avistei o lampejo de uma lanterna velada do outro lado do fosso. Ele desapareceu entre os montes de terra e depois reapareceu, vindo lentamente em nossa direção.

“‘Cá estão eles!’ exclamei.

“‘Trate de interpelá-lo, *sahib*, como de costume’, sussurrou Abdullah. ‘Não lhe dê motivos para temer. Mande-nos entrar com ele, e faremos o resto enquanto você continua aqui de guarda. Fique a postos com a lanterna, para podermos nos assegurar que é de fato o homem.’

“A luz continuou a tremular, ora parando, ora avançando, até que pude ver dois vultos escuros do outro lado do fosso. Deixei-os escorregar pela ribanceira, chapinhar na lama e subir metade do caminho até a porta antes de interpelá-los.

“‘Quem vem lá?’ perguntei a meia voz.

“‘Amigos’, foi a resposta. Saquei minha lanterna e lancei a luz sobre eles. O primeiro era um sique enorme, com uma barba preta que chegava quase ao seu cinturão. Eu nunca vira homem tão alto, a não ser em espetáculos. O outro era um sujeito baixote, gordo, redondo, com um grande turbante amarelo e uma trouxa na mão, feita com um xale. Parecia estar apavorado, pois suas mãos tremiam como se sofresse de sezão, e virava a cabeça para a esquerda e para a direita com dois olhinhos vivos e piscantes, como um camundongo que se aventura fora de sua toca. A ideia de matá-lo me deu calafrios, mas pensei no tesouro e senti meu coração duro como sílex dentro de mim. Quando viu meu rosto branco, ele soltou um gritinho de alegria e correu em minha direção.

“‘Sua proteção, *sahib*’, disse com voz arquejante, ‘sua proteção para o infeliz mercador Achmet. Atravessei toda a Rajputana para vir buscar abrigo no forte de Agra. Fui roubado, espancado e maltratado porque sou amigo da Companhia. É uma noite abençoada esta em que me encontro novamente em segurança... eu e minhas posses.’

“‘O que traz nessa trouxa?’ perguntei.

“‘Uma caixa de ferro’, respondeu ele, ‘que contém um ou dois pequenos objetos de família sem valor algum, mas que eu lamentaria muito perder. Mas não sou um mendigo; eu lhe darei uma recompensa, *sahib*, e também ao seu

comandante, se me der o abrigo que peço.’

“Não me arrisquei a falar mais tempo com o homem. Quanto mais olhava para a sua cara gorda e assustada, mais cruel parecia que fôssemos matá-lo a sangue frio. Era melhor acabar com aquilo.

“‘Levem-no à guarda principal’, disse eu. Os dois siques se aproximaram dele, um de cada lado e, com o gigante andando atrás, entraram pelo portão escuro. Nunca um homem foi tão circundado pela morte. Continuei no portão com minha lanterna.

“Pude ouvir o som compassado dos seus passos pelos corredores desertos. De repente ele cessou, e ouvi vozes e um tumulto, com o som de golpes. Um momento mais tarde ouvi, para meu horror, uma correria na minha direção e a respiração ruidosa de um homem que corria. Virei minha lanterna para o corredor longo e reto, e lá estava o gordote, com a rapidez de um raio, uma mancha de sangue no rosto e, rente aos seus calcanhares, saltando como um tigre, o grande sique de barba preta, uma faca reluzindo na mão. Nunca vi um homem correr tão depressa como o pequeno mercador. Estava ganhando distância do sique, e pude ver que se conseguisse passar por mim e chegar ao descampado ainda poderia se salvar. Senti pena dele, mas novamente a lembrança de seu tesouro deixou-me duro e cruel. Enfiei meu mosquete entre suas pernas quando passou correndo, e ele rolou duas vezes no chão como um coelho alvejado. Antes que conseguisse se equilibrar de pé, o sique estava sobre ele e enterrou a faca duas vezes em seu flanco. O homem não soltou um gemido nem moveu um músculo, jazendo inerte onde caíra. Tenho comigo que talvez tenha quebrado o pescoço na queda. Como veem, cavalheiros, estou cumprindo minha promessa. Conto-lhes cada palavra do caso exatamente como aconteceu, quer isso me favoreça ou não.”



“E, rente aos seus calcanhares, saltando como um tigre, o grande sique de barba preta, uma faca reluzindo na mão.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

Parou e estendeu as mãos algemadas para o uísque com água que Holmes preparara para ele. Quanto a mim, confesso que nessa altura sentia um extremo horror pelo homem, não só por essa aventura sanguinária em que se envolvera, mas, mais ainda, pela maneira um tanto leviana e negligente como a narrara. Fosse qual fosse a punição que lhe estava reservada, senti que ele não podia esperar de mim nenhuma comiseração. Sherlock Holmes e Jones continuavam sentados, as mãos nos joelhos, profundamente interessados na história, mas com a mesma aversão estampada em seus semblantes. Talvez ele o tenha notado, pois havia um tom de desafio em sua voz e em suas maneiras quando prosseguiu.

“Tudo aquilo era horrível, sem dúvida”, disse. “Mas gostaria de saber

quantos sujeitos no meu lugar teriam recusado seu quinhão no butim sob a ameaça de ter seu pescoço cortado como recompensa. Além disso, considerando que ele estava no forte, era a minha vida ou a dele. Se ele tivesse escapado, todo o caso teria vindo à luz, e eu teria sido submetido à corte marcial e muito provavelmente fuzilado; pois as pessoas não eram muito lenientes num momento como aquele.”

“Continue com sua história”, disse Holmes rispidamente.

“Bem, nós o carregamos para dentro, Abdullah, Akbar e eu. Era bem pesado, aliás, apesar de tão baixo. Mahomet Singh ficou vigiando a porta. Levamos o corpo para um lugar que os siques já haviam preparado. Era um ponto afastado, onde uma passagem tortuosa leva a um grande salão vazio, cujas paredes de tijolo estavam esboroando. O chão de terra havia afundado num lugar, fazendo um túmulo natural, e foi ali que deixamos Achmet, após cobri-lo com tijolos soltos. Feito isto, voltamos todos ao tesouro.

“Ele estava onde havia caído quando o homem fora atacado pela primeira vez. A caixa era a mesma que está aberta agora sobre sua mesa. Uma chave estava pendurada por um cordão de seda àquela alça entalhada na tampa. Quando a abrimos, a luz da lanterna brilhou sobre uma coleção de gemas como aquelas sobre as quais eu lera e pensara quando era um garotinho em Pershore. Era uma visão ofuscante. Depois de regalar nossos olhos, tiramos todas elas e fizemos uma lista. Havia cento e quarenta e três diamantes da primeira água, inclusive aquele apelidado, segundo creio, ‘o Grão-Mogol’, e considerado a segunda maior pedra que existe. Depois havia noventa e sete belíssimas esmeraldas e cento e setenta rubis, alguns dos quais, contudo, eram pequenos. Havia quarenta carbúnculos, duzentas e dez safiras, sessenta e uma ágatas e grande quantidade de berilos, ônix, olhos de gato, turquesas e outras pedras, das quais eu na época não conhecia nem o nome, embora tenha ficado mais familiarizado com elas desde então. Além disso, havia quase trezentas belíssimas pérolas, doze das quais estavam engastadas num diadema de ouro. Por sinal, estas últimas haviam sido retiradas do baú, e não estavam lá quando o recuperei.

“Depois de contar nossos tesouros, nós os pusemos de volta no baú e os levamos até o portão para mostrá-los a Mahomet Singh. Em seguida renovamos solenemente o juramento de ser leais uns aos outros e guardar nosso segredo. Concordamos em esconder nosso butim num lugar seguro até que a paz voltasse ao país e depois dividi-lo igualmente entre nós. De nada adiantaria dividi-lo naquele momento porque, se gemas daquele valor fossem

encontradas conosco, despertáramos desconfianças, e não havia no forte nenhuma privacidade nem qualquer lugar onde pudéssemos guardá-las. Assim, levamos a caixa para o mesmo salão onde havíamos enterrado o corpo, e ali, sob certos tijolos da parede mais preservada, fizemos um buraco e pusemos nosso tesouro. Registramos bem o lugar e no dia seguinte desenhei quatro plantas, uma para cada um de nós, e pus ao pé delas o signo dos quatro, pois havíamos jurado agir cada um de nós sempre pelos quatro, de modo que nenhum pudesse se aproveitar. Esse é um juramento que posso afirmar, com a mão no peito, que nunca violei.

“Bem, de nada adianta que eu lhes conte, cavalheiros, o que resultou do motim indiano. Depois que Wilson tomou Délhi e Sir Colin substituiu Lucknow, a espinha da revolta estava quebrada. Novas tropas chegaram em quantidade e o próprio Nana Sahib desapareceu além da fronteira. Uma coluna móvel sob o comando do coronel Greathed avançou até Agra e expulsou os *pandies* de lá. A paz parecia estar se estabelecendo no país, e nós quatro começávamos a ter esperança de que estivesse próximo o momento em que poderíamos partir em segurança com nossos quinhões do butim. De um instante para outro, porém, para nossa desgraça, fomos presos como assassinos de Achmet.

“Aconteceu da seguinte maneira. Ao pôr suas joias nas mãos de Achmet, o rajá o fez porque sabia que ele era confiável. Mas aquela gente do leste é desconfiada; sendo assim, que fez esse rajá senão chamar um segundo criado, ainda mais confiável, e encarregá-lo de espionar o primeiro? Esse segundo homem recebeu ordens de nunca perder Achmet de vista, e o seguiu como uma sombra. Foi atrás dele aquela noite, viu-o transpor o portal. Pensou, é claro, que ele havia se refugiado no forte e, no dia seguinte, pediu para ser admitido lá ele próprio, mas não encontrou nenhum sinal de Achmet. Isso lhe pareceu tão estranho que falou a respeito com um sargento dos Guias, o qual levou o caso aos ouvidos do comandante. Uma busca completa do forte foi feita imediatamente, e o corpo foi descoberto. Assim, exatamente quando pensávamos que tudo estava certo, fomos presos todos os quatro e levados a julgamento sob acusação de assassinato – três de nós porque havíamos vigiado o portão aquela noite, e o quarto porque se sabia que estava na companhia do homem assassinado. Nenhuma palavra sobre as joias veio à baila no julgamento, porque, como o rajá fora deposto e expulso da Índia, ninguém tinha nenhum interesse particular nelas. O assassinato, no entanto, foi claramente deslindado, e não havia dúvida de que estivéramos todos

envolvidos nele. Os três siques receberam pena de trabalhos forçados perpétuos e eu fui condenado à morte, embora mais tarde minha sentença tenha sido comutada na mesma que coube aos outros.

“A posição em que nos encontramos então era bastante estranha. Lá estávamos todos os quatro, acorrentados pela perna e com muito pouca chance de escapar, ao passo que cada um de nós guardava um segredo que poderia nos pôr num palácio se pudéssemos fazer uso dele. Era de exasperar um homem ter de suportar os chutes e bofetões de cada insolente insignificante, ter de passar a arroz e água, quando aquela magnífica fortuna estava à sua espera lá fora, aguardando apenas ser apanhada. Isso poderia ter me enlouquecido; mas, como sempre fui muito obstinado, resisti e esperei o momento propício.

“Finalmente tive a impressão de que ele chegara. Fui transferido de Agra para Madras, e de lá para Blair, nas ilhas Andamão. Há muito poucos sentenciados brancos nessa colônia, e, como me comportei bem desde o início, logo me vi na condição de uma espécie de privilegiado. Deram-me uma cabana em Hope Town, que é um lugarejo nas encostas do monte Harriet, e fui deixado bastante por minha própria conta. Era um lugar triste, assolado pela febre, e todo o mato acima de nossas pequenas clareiras estava infestado de canibais nativos, sempre prontos para soprar um dardo envenenado sobre nós se vissem uma chance. Tínhamos de escavar, abrir valas e fazer mais uma dúzia de tarefas, de modo que passávamos o dia todo bastante ocupados; ao entardecer, porém, tínhamos um tempinho para nós mesmos. Entre outras coisas, aprendi a aviar medicamentos para o cirurgião, e adquiri um pouco do seu conhecimento. O tempo todo eu estava à espreita de uma oportunidade para escapar; mas a ilha fica a centenas de quilômetros de qualquer outra e há pouco ou nenhum vento naqueles mares; fugir seria uma empreitada difícilíssima.

“O cirurgião, dr. Somerton, era um rapaz amistososo e brincalhão, e os outros jovens oficiais costumavam se reunir à noite no seu alojamento para jogar cartas. A sala de cirurgia, onde eu costumava manipular meus remédios, ficava ao lado de sua sala de estar, com uma pequena janela entre nós. Muitas vezes, sentindo-me solitário, eu desligava a lâmpada na sala de cirurgia e ficava ali, ouvindo as conversas deles e observando o jogo. Eu mesmo gosto de um carreado, e observar os outros era quase tão bom quanto jogar. Apareciam por lá o major Sholto, o capitão Morstan e o tenente Bromley Brown, que estavam no comando das tropas nativas, e lá se

encontrava sempre o próprio cirurgião e dois ou três funcionários do presídio, homens tarimbados e astutos que jogavam com muita manha e segurança. Formavam um grupinho muito agradável.

“Bem, havia uma outra coisa que logo me impressionou, e era que os soldados sempre perdiam e os civis ganhavam. Vejam, não digo que havia algo de desleal, mas era assim. Aqueles sujeitos do presídio pouco tinham feito na vida além de jogar cartas desde que estavam nas ilhas Andamão, e conheciam o jogo uns dos outros com perfeição, ao passo que outros apenas jogavam para passar o tempo e baixavam suas cartas de qualquer maneira. Noite após noite os soldados ficavam mais pobres, e, quanto mais pobres ficavam, mais ávidos se sentiam por jogar. O major Sholto era a maior vítima. De início ele costumava pagar em notas e ouro, mas logo passou a notas promissórias e de grandes somas. Às vezes ganhava algumas partidas, apenas o bastante para se animar, e depois a sorte se virava contra ele mais do que nunca. Ele passava o dia perambulando sem rumo, de cara fechada, e deu para beber mais do que lhe convinha.

“Uma noite o major perdeu ainda mais que o usual. Eu estava na minha cabana quando ele e o capitão Morstan se aproximaram aos tropeções a caminho de seus alojamentos. Eram amigos do peito, aqueles dois, e nunca se separavam. O major vociferava sobre suas perdas.

“‘Está tudo acabado, Morstan’, dizia ele quando passaram por minha cabana. ‘Vou ter de me reformar. Sou um homem arruinado.’

“‘Não diga tolices, meu velho!’ disse o outro, dando-lhe uma palmada no ombro. ‘Eu também sofri um prejuízo enorme, porém...’ Só consegui ouvir isso, mas foi o bastante para me fazer pensar.

“Uns dois dias depois, vi o major Sholto passeando na praia e aproveitei a oportunidade para falar com ele.

“‘Desejo um conselho seu, major’, disse eu.

“‘Bem, Small, do que se trata?’ perguntou ele, tirando o charuto da boca.

“‘Queria lhe perguntar, senhor’, respondi, ‘quem é a pessoa certa a quem um tesouro escondido deveria ser entregue. Sei onde está um que vale meio milhão, e, como eu mesmo não posso desfrutá-lo, pensei que talvez o melhor a fazer seria entregá-lo às autoridades apropriadas, e assim talvez diminuíssem a minha pena.’

“‘Meio milhão, Small?’ perguntou com voz entrecortada, olhando bem nos meus olhos para ver se eu falava a sério.

“‘Isso mesmo, senhor... em gemas e pérolas. Ele está lá, a postos para

qualquer um. E o mais extraordinário é que o verdadeiro dono está proscrito, e não pode ter bens, de modo que ele pertence a quem chegar primeiro.’

“‘Ao governo, Small’, gaguejou ele, ‘ao governo.’ Mas disse isso de maneira hesitante, e soube em meu coração que o fagara.

“‘Pensa então, senhor, que eu deveria dar a informação ao governador-geral?’ perguntei calmamente.

“‘Bem, bem, não deve fazer nada de temerário, ou de que pudesse vir a se arrepender. Conte-me tudo a esse respeito, Small. Dê-me os fatos.’

“Contei-lhe a história inteira, com pequenas alterações, de modo que não pudesse identificar os lugares. Quando terminei, ele estava imóvel e absorto em reflexão. Eu podia ver pelas contrações de seu lábio que havia uma luta em curso em seu íntimo.

“‘Esse é um assunto muito importante, Small’, disse ele por fim. ‘Não deve dizer uma palavra sobre isso a ninguém, e quero vê-lo de novo em breve.’

“Duas noites depois, ele e seu amigo, o capitão Morstan, vieram à minha cabana na calada da noite com uma lanterna.

“‘Quero apenas que o capitão Morstan ouça aquela história dos seus próprios lábios, Small’, disse ele.

“‘Eu a repeti como a contara antes.

“‘Soa verdadeiro, não é?’ perguntou ele. ‘Será convincente o bastante para pormos mãos à obra?’

“O capitão Morstan assentiu.

“‘Preste atenção, Small’, disse o major. ‘Estivemos conversando sobre isso, meu amigo aqui e eu, e chegamos à conclusão de que esse seu segredo, afinal de contas, está longe de ser da conta do governo; trata-se de um assunto do seu interesse particular, em que, é claro, você tem o direito de decidir o que achar melhor. Agora a questão é: que preço você pediria por ele? Poderíamos estar inclinados a ir pegá-lo, ou pelo menos a examiná-lo, se pudéssemos concordar quanto às condições.’ Falava num tom indiferente, descuidado, mas seus olhos faiscavam de ansiedade e cobiça.



“Quero apenas que o capitão Morstan ouça aquela história dos seus próprios lábios, Small’, disse ele.” [Richard Gutschmidt, *Das Zeichen der Vier*, Stuttgart, Robert Lutz Verlag, 1902]

“Ora, quanto a isso, cavalheiros’, respondi, tentando também parecer sereno, mas sentindo-me tão alvoroçado quanto ele, ‘só há um acordo que um homem na minha posição pode fazer. Quero que ajudem na minha libertação, e que ajudem meus três companheiros no mesmo sentido. Nesse caso nós os incluiremos na parceria e lhes daremos uma parcela de um quinto para que a dividam entre si.’

“Hum!’ fez ele. ‘Um quinto! Isso não é muito tentador.’

“Corresponderia a cinquenta mil para cada um’, respondi.

“Mas como faremos para libertá-los? Sabe muito bem que nos pede o impossível.’

“Nada disso’, retruquei. ‘Pensei sobre tudo isso até o último detalhe. O único empecilho para nossa fuga é não conseguirmos um barco apropriado para a viagem, nem provisões para um tempo tão longo. Em Calcutá ou Madras há muitos pequenos iates e ioles que nos serviriam muito bem. Tragam um para cá. Prometemos embarcar durante a noite, e se nos deixarem

em qualquer ponto da costa indiana terão cumprido sua parte no acordo.’

“‘Se fosse só um’, disse ele.

“‘Nenhum ou todos’, respondi. ‘Juramos isso. Nós quatro devemos agir sempre juntos.’

“‘Como vê, Morstan’, disse ele, ‘Small é um homem de palavra. Não se esquia dos seus amigos. Acho que podemos muito bem confiar nele.’

“‘É um negócio sujo’, respondeu o outro. ‘No entanto, como você diz, o dinheiro vai salvar lindamente as nossas patentes.’

“‘Bem, Small’, disse o major, ‘suponho que devemos tentar atendê-lo. Mas primeiro, é claro, temos de pôr à prova a veracidade da sua história. Diga-me onde a caixa está escondida, e pedirei uma licença para ir à Índia no barco mensal de rendição para investigar o assunto.’

“‘Calma’, disse eu, ficando mais frio à medida que ele se entusiasmava. ‘Preciso ter o consentimento de meus três camaradas. Como lhes disse, conosco são os quatro ou ninguém.’

“‘Tolice!’ exclamou ele. ‘O que têm esses três pretos a ver com nosso acordo?’

“‘Pretos ou azuis’, disse eu, ‘estão no negócio comigo e fazemos tudo juntos.’

“Bem, a coisa terminou num segundo encontro, a que Mahomet Singh, Abdullah Khan e Dost Akbar estavam todos presentes. Discutimos o assunto novamente e por fim chegamos a um acordo. Deveríamos fornecer aos dois oficiais mapas da parte em questão do forte de Agra e indicar o local da parede em que o tesouro estava escondido. O major Sholto iria à Índia para pôr nossa história à prova. Se encontrasse a caixa, deveria deixá-la no lugar, enviar um pequeno iate com provisões para uma viagem, que deveria ficar ao largo da ilha de Rutland, para onde seguiríamos, e finalmente retornar ao seu serviço. O capitão Morstan pediria então uma licença para ir ao nosso encontro em Agra, e ali deveríamos proceder a uma divisão final do tesouro, ele levando a parte do major assim como a sua própria. Selamos tudo isso pelos mais solenes juramentos que a mente podia conceber ou os lábios pronunciarem. Passei a noite em claro com papel e tinta, e pela manhã tinha os dois mapas prontos, assinados com o signo dos quatro – isto é, de Abdullah, Akbar, Mahomet e eu.

“Bem, cavalheiros, eu os estou fatigando com minha longa história, e sei que meu amigo Mr. Jones está impaciente para me ver em segurança atrás das grades. Vou ser tão breve quanto possível. O canalha do Sholto partiu

para a Índia, mas nunca mais voltou. Pouco tempo depois, o capitão Morstan mostrou-me o nome dele numa lista de passageiros de um dos barcos-correio. Um tio seu morrera, deixando-lhe uma fortuna, e ele abandonara o Exército; mesmo assim foi capaz da vileza de tratar cinco homens como nos tratou. Morstan foi a Agra pouco depois e constatou, como esperávamos, que o tesouro realmente desaparecera. O patife o roubara, sem cumprir uma só das condições sob as quais lhe havíamos revelado o segredo. Desde então, vivo apenas para me vingar. Pensava na ideia durante o dia e acalentava-a durante a noite. Aquilo se tornou para mim uma paixão esmagadora, absorvente. Não dava a mínima importância à lei... a mínima importância à força. Fugir, encontrar a pista de Sholto, ter minha mão no pescoço dele – esse era o meu único pensamento. Até o tesouro de Agra tornou-se em minha mente uma coisa menor que a morte de Sholto.

“Bem, tomei muitas decisões nesta vida, e não deixei de levar a cabo nenhuma. Mas passei anos tediosos antes que minha hora chegasse. Conte-lhes que havia aprendido alguma coisa de medicina. Um dia, quando o dr. Somerton estava de cama com uma febre, um pequeno ilhéu andamanês foi recolhido na mata por uma turma de prisioneiros. Estava agonizando e tinha ido para um lugar solitário para morrer. Decidi cuidar dele, embora fosse peçonhento como uma cobra, e ao cabo de uns dois meses o deixei em bom estado e capaz de caminhar. Ele passou a ter uma espécie de afeição por mim, e resistia a voltar para a sua mata, ficando sempre a rondar minha cabana. Aprendi com ele um pouco do seu dialeto, o que o fez gostar ainda mais de mim.

“Tonga, era este o seu nome, era um excelente barqueiro e possuía uma canoa grande e espaçosa. Quando descobri que me era devotado e faria qualquer coisa para me servir, vi minha chance de escapar. Conversei sobre o assunto com ele. Deveria levar seu barco numa determinada noite para um velho desembarcadouro que nunca era vigiado, onde me pegaria. Instruí-o a pôr no barco várias cabaças de água e grandes quantidades de inhames, cocos e batatas-doces.

“Era leal e verdadeiro, o pequeno Tonga. Nunca um homem teve um companheiro mais fiel. Na noite designada ele chegou ao desembarcadouro com seu barco. Por acaso, contudo, um homem da guarda dos prisioneiros estava lá – um vil *pathan* que nunca perdera uma chance de me insultar e ferir. Eu sempre jurara vingança e agora tinha minha oportunidade. Era como se o destino o tivesse posto em meu caminho para que eu pudesse cobrar

minha dívida antes de deixar a ilha. Ele estava na beira da água, de costas para mim, a carabina no ombro. Procurei uma pedra para lhe esmagar a cabeça, mas não vi nenhuma.

“Então um estranho pensamento me ocorreu e indicou-me onde podia passar a mão numa arma. Sentei-me no escuro e desprendi minha perna de pau. Com três largos pulos estava em cima dele. Ele assestou a carabina, mas eu o golpeei de cheio e afundei toda a parte da frente de seu crânio. Podem ver agora a rachadura na madeira no lugar em que o atingi. Nós dois caímos juntos, porque não consegui manter o equilíbrio, mas quando me levantei ele continuava deitado, muito quieto. Dirigi-me para o barco e em uma hora estávamos longe, mar adentro. Tonga havia levado consigo todos os seus bens terrenos, suas armas e seus deuses. Entre outras coisas, tinha uma longa lança de bambu e umas esteiras de fibra de coco, com que fiz uma espécie de vela. Durante dez dias navegamos sem destino, confiando na sorte, e no décimo primeiro fomos recolhidos por um navio mercante que ia de Cingapura para Jiddah com uma leva de peregrinos malaaios. Eles formavam uma multidão bizarra e Tonga e eu logo conseguimos nos misturar a eles. Tinham uma excelente qualidade: deixavam a gente em paz e não faziam perguntas.



“Com três largos pulos estava em cima dele.” [H.B. Eddy, *San Francisco Call*, 17 out 1907]

“Bem, se eu fosse lhes contar todas as aventuras por que meu amiguinho e eu passamos, os senhores não me agradeceriam, pois ficaríamos aqui até o raiar do dia. Perambulamos por aqui e por ali mundo afora, e alguma coisa acabava sempre nos impedindo de chegar a Londres. Durante o tempo todo, contudo, nunca perdi de vista o meu objetivo. Sonhava com Sholto à noite. Matei-o cem vezes em meu sono. Finalmente, porém, três ou quatro anos atrás, vimo-nos na Inglaterra. Não tive grande dificuldade em descobrir onde Sholto morava, e pus mãos à obra para apurar se havia convertido o tesouro em dinheiro ou se ainda o conservava. Fiz amizade com alguém que pôde me ajudar – não cito nomes, porque não desejo comprometer mais ninguém – e logo descobri que ele ainda tinha as joias. Tentei então chegar a ele de muitas maneiras; mas era muito astuto e tinha sempre dois pugilistas, além dos filhos

e de seu *khitmutgar*, para protegê-lo.

“Um dia, no entanto, soube que estava morrendo. Corri imediatamente para o jardim, enlouquecido por ver que iria escapar de minhas garras, e, olhando através da janela, pude vê-lo na cama com um filho de cada lado. Eu teria entrado e arriscado a sorte com os três, mas no mesmo instante em que olhei para ele seu queixo tombou e vi que tinha partido. Entrei em seu quarto naquela mesma noite, porém, e revistei seus papéis para ver se havia algum registro de onde escondera as nossas joias. Mas não havia uma linha, de modo que fui embora, tão amargurado e furioso quanto um homem pode estar. Antes de sair, porém, refleti que se algum dia encontrasse de novo meus amigos siques seria para eles uma satisfação saber que eu tinha deixado alguma marca de nosso ódio; assim rabisquei o nosso signo dos quatro, como o fizera nos mapas, e o espetei em seu peito. Seria demais que ele fosse levado para o túmulo sem alguma lembrança dos homens a quem roubara e ludibriara.

“Ganhávamos a vida nessa época exibindo o pobre Tonga em feiras e outros lugares do gênero como um canibal negro. Ele comia carne crua e dançava sua dança de guerra: assim sempre tínhamos um chapéu cheio de moedas no final do dia. Continuei tendo notícias de Pondicherry Lodge, e durante alguns anos não houve nenhuma novidade, exceto que estavam à procura do tesouro. Finalmente, porém, chegou o que havíamos esperado por tanto tempo. O tesouro havia sido encontrado. Estava no alto da casa, no laboratório químico de Mr. Bartholomew Sholto. Fui lá imediatamente e dei uma olhada no lugar, mas não consegui atinar como, com minha perna de pau, poderia subir até lá. Soube, no entanto, da existência de um alçapão no teto, e também da hora em que Mr. Sholto jantava. Tive a impressão de que conseguiria arranjar a coisa muito facilmente através de Tonga. Levei-o comigo, com uma longa corda amarrada em sua cintura. Ele era capaz de escalar como um gato, e logo chegou ao telhado, mas, para meu azar e sua infelicidade, Bartholomew Sholto ainda estava no quarto. Tonga pensou que havia feito algo muito bonito matando-o, pois quando subi pela corda encontrei-o orgulhoso como um pavão. Ficou muito surpreso quando investi contra ele com a ponta da corda e o amaldiçoei como um diabinho sanguinário. Peguei a caixa do tesouro e a descii com a corda, e em seguida escorreguei eu mesmo, tendo primeiro deixado o signo dos quatro sobre a mesa, para mostrar que as joias haviam voltado finalmente para aqueles que mais tinham direito a elas. Depois Tonga puxou a corda, fechou a janela e se

esgueirou da mesma maneira como entrara.

“Acho que não tenho mais nada para lhes contar. Como eu ouvira um barqueiro comentar a rapidez da lancha de Smith, a *Aurora*, pensei que ela viria a calhar para nossa fuga. Contratei o velho Smith, e deveria lhe dar uma bela soma se ele nos levasse em segurança até nosso navio. Ele sabia, sem dúvida, que havia dente de coelho naquela história, mas ignorava nossos segredos. Tudo isso é a verdade, e não a conto para diverti-los, cavalheiros – pois me armaram uma boa esparrela –, mas porque acredito que minha melhor defesa é não esconder nada, e deixar todo mundo saber o quanto eu mesmo fui mal servido pelo major Sholto, e como sou inocente da morte de seu filho.”

“Um relato extraordinário”, disse Sherlock Holmes. “Um desfecho apropriado para um caso extremamente interessante. Não há nada de novo para mim na última parte de sua narrativa, exceto que você levou sua própria corda. Isso eu não sabia. Aliás, tinha a esperança de que Tonga tivesse perdido todos os seus dardos; no entanto ele conseguiu arremessar um em nós no barco.”

“Ele havia perdido todos eles, senhor, exceto o que estava em sua zarabatana no momento.”

“Ah, é claro”, disse Holmes. “Não havia pensado nisso.”

“Há algum outro ponto sobre o qual gostaria de perguntar?” indagou o prisioneiro afavelmente.

“Acho que não, obrigado”, respondeu meu companheiro.

“Bem, Holmes”, disse Athelney Jones, “você é um homem a quem devemos comprazer, e todos sabemos que é um *connaissanceur* do crime. Mas dever é dever, e já fui bastante longe fazendo o que você e seu amigo me pediram. Vou me sentir melhor quando tivermos nosso contador de histórias em segurança atrás das grades. O fiacre continua à espera e há dois inspetores lá embaixo. Estou muito agradecido a ambos por sua ajuda. Claro que haverá necessidade dos senhores no julgamento. Boa noite aos dois.”

“Boa noite, cavalheiros”, disse Jonathan Small.

“Você primeiro, Small”, observou o cauteloso Jones quando deixaram a sala. “Vou tomar especial cuidado para que você não me golpeie com sua perna de pau, seja o que for que tenha feito com o cavalheiro nas ilhas Andamão.”

“Bem, este é o fim de nosso pequeno drama”, observei, depois que havíamos passado algum tempo fumando em silêncio. “Temo que possa ser a

última investigação em que tenho a chance de estudar os seus métodos. Miss Morstan me fez a honra de me aceitar como seu futuro marido.”

Ele soltou um gemido extremamente melancólico.

“Eu temia isso”, disse. “Realmente não posso congratulá-lo.”

Senti-me um pouco magoado.

“Tem alguma razão para estar insatisfeito com minha escolha?” perguntei.

“Em absoluto. Penso que é uma das mais encantadoras jovens que já conheci e poderia ter sido extremamente útil num trabalho como o que temos feito. Tem um talento indubitável para esse campo; veja a maneira como conservou aquele mapa de Agra encontrado no meio de todos os outros papéis de seu pai. Mas o amor é algo emocional, e tudo que é emocional é oposto àquela fria e verdadeira razão que ponho acima de todas as coisas. Eu nunca me casaria, para não distorcer meu tirocínio.”

“Confio”, disse eu, rindo, “que meu tirocínio possa sobreviver à provação. Mas você parece exausto.”

“Sim, já estou sentindo a reação. Vou passar uma semana sem energia, como um trapo.”

“Estranho”, disse eu, “como períodos do que em outro homem eu chamaria de preguiça podem alternar em você com acessos de esplêndida energia e vigor.”

“Sim”, respondeu ele, “existe em mim o estofo de um grande vadio e também o de um tipo de sujeito bastante vigoroso. Muitas vezes penso naqueles versos do velho Goethe: *‘Schade dass die Natur nur einen Menschaus dir schuf, denn zum würdigen Mann war und zum Schelmen der Stoff.’*^e Por falar nisso, a propósito desse caso de Norwood, você viu que eles tinham, como eu supus, um aliado na casa, que não podia ser outro senão Lal Rao, o mordomo: de modo que cabe realmente a Jones todo o mérito por ter apanhado um peixe em seu grande arrastão.”

“A divisão parece bastante injusta”, observei. “Você fez todo o trabalho neste caso. Eu arranjei uma esposa com ele e Jones abocanhrou o mérito; diga-me, o que sobra para você?”

“Para mim”, disse Sherlock Holmes, “ainda resta o frasco de cocaína.” E estendeu sua mão branca e comprida para ele.

^e “Pena que a natureza tenha feito de ti uma só pessoa, porque havia material suficiente para um homem de bem e um patife”, em alemão no original.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

Peter Pan

J.M. Barrie

O Mágico de Oz

L. Frank Baum

Alice

Lewis Carroll

As aventuras de Sherlock Holmes

O cão dos Baskerville

Um estudo em vermelho

As memórias de Sherlock Holmes

O signo dos quatro

O Vale do Medo

Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo

Os três mosqueteiros

Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame

Victor Hugo

O Lobo do Mar

Jack London

Contos de fadas

Perrault, Grimm, Andersen & outros

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Howard Pyle

O pequeno príncipe

Antoine de Saint-Exupéry

20 mil léguas submarinas

Jules Verne

Títulos disponíveis também em Edição Comentada e Ilustrada

Título original: *The Sign of Four*

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Imagem da capa: © iStock.com/David Markiewicz

Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: agosto 2015

ISBN: 978-85-378-1484-0